

Márcia Alves Ferreira

JESUS, SERVO OBEDIENTE À VONTADE DO PAI
UMA LEITURA DA ESPIRITUALIDADE DE GAETANA STERNI

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vítório
Coorientador: Prof. Dr. Eugênio Rivas

Apoio Capes – Proex

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2017

Márcia Alves Ferreira

JESUS, SERVO OBEDIENTE À VONTADE DO PAI
UMA LEITURA DA ESPIRITUALIDADE DE GAETANA STERNI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia

Área de concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

Coorientador: Prof. Dr. Eugênio Rivas

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Ferreira, Márcia Alves

F383o A obediência à vontade do Pai: uma leitura da espiritualidade de Gaetana Sterni / Márcia Alves Ferreira. - Belo Horizonte, 2017.

123 p.

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Espiritualidade. 2. Obediência. 3. Sterni, Gaetana. I. Vitório, Jaldemir. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 248

Márcia Alves Ferreira

JESUS, SERVO OBEDIENTE À VONTADE DO PAI
UMA LEITURA DA ESPIRITUALIDADE DE GAETANA STERNI

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2017.

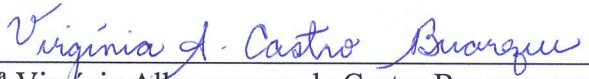
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Jaldemir Vitório / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad / FAJE



Prof.^a Dr.^a Virginia Albuquerque de Castro Buarque / UFOP (Visitante)

AGRADECIMENTOS

A Deus fonte de todas as coisas, que nos conduz e nos guia segundo a sua Divina Vontade. Minha gratidão ao professor Dr. Jaldemir Vitória, sj, por me acompanhar e orientar neste trabalho, ao professor Dr. Eugênio Rivas, sj, pela orientação e pelo apoio. A todos os professores da Faje.

Aos funcionários da Faje pela colaboração, atenção e carinho.

À minha congregação Irmãs da Divina Vontade pela confiança e apoio. À minha comunidade que foi um grande sustento neste período de labor intenso.

A professora Cordélia Faro, pela correção do texto com paciência. Ao Sr. José Eustáquio, a Sra. Nádima, ao Daniel Rezende. Às amigas Marieta e Cecília. À minha família que em muitos momentos se fez presente, aos meus companheiros (as).

Aos meus amigos e amigas que de alguma forma me incentivou e acompanhou com carinho.

A todas as pessoas com quem de alguma maneira partilho a vida e a missão cotidiana.

RESUMO

Este trabalho desenvolve o tema de Jesus Servo obediente à vontade do Pai a partir de uma leitura da espiritualidade de Madre Gaetana Sterni. Trata-se de desenvolver o tema partindo do próprio Cristo que foi o obediente por excelência a quem Madre Gaetana seguiu, procurando em tudo realizar a vontade de Deus. O tema é muito caro para ela e para as Irmãs da Divina Vontade, que são fruto da sua correspondência amorosa a Deus, no seguimento obediente e fiel à pessoa de Jesus Cristo, no serviço aos mais necessitados de sua época. A dissertação estrutura-se em quatro capítulos: no primeiro discorrer-se-à sobre alguns fundamentos bíblicos e teológicos da obediência, partindo dos quatro cânticos do servo do Deutero, Isaías e, depois, apresentando Jesus como servo obediente ao Pai. O segundo evoca Gaetana Sterni; para isso far-se-à um breve aceno à sua biografia e ao contexto de sua época, para bem situá-la. O terceiro versará sobre a obediência em seus escritos, percebendo como este tema aparece e como vai sendo delineado e encarnado por Gaetana. O quarto apontará elementos da espiritualidade de Gaetana que são relevantes para a nossa atualidade.

Palavras chaves: Jesus servo. Obediência. Escuta. Mediação. Gaetana Sterni.

ABSTRACT

This work aims to develop the theme of Jesus Servant obedient to the Father's will from a reading of Mother Gaetana Sterni spirituality. It is a matter of developing the theme from Christ himself who was the obedient par excellence, to whom Mother Gaetana followed, seeking in everything to accomplish the God's Will. The subject is very dear to her and to the Sisters of the Divine Will, which is the fruit of her loving correspondence to God, in the obedient and faithful following of the person of Jesus Christ, in the service of the neediest at that time. The thesis is structured in four chapters: in the first part it will be discussed some biblical and theological foundations of obedience, we will use the four canticles of the servant of Deutero-Isaiah and then we will present Jesus as obedient servant to the Father. In the second chapter, we will evoke Gaetana Sterni and, for this, we will make a brief study of her biography and the context of her time to properly situate her. The third chapter deals with obedience in her writings, realizing how this theme appears and how it is outlined and materialized by Gaetana. In the fourth chapter, the focus is on the search of pointing out elements of Gaetana's spirituality that are relevant to present times.

Keywords: Jesus servant. Obedience. Listening. Mediation. Gaetana Sterni.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	OBEDIÊNCIA: FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS	13
1.1	A Obediência no AT.....	14
1.2	A Obediência no Novo testamento.....	16
1.3	A origem do Servo.....	17
1.3.1	Primeiro cântico do servo (Is 42,1-4).....	18
1.3.2	Segundo Cântico (Is 49,1-9).....	19
1.3.3	Terceiro Cântico do servo (Is 50,4-11)	20
1.3.4	Quarto cântico do servo (Is 52,13-53,12).....	21
1.4	Jesus como Servo.....	22
1.4.1	Jesus e a missão do Servo	23
1.4.2	Jesus servo ensina o caminho do serviço.....	25
1.4.3	Kenose e exaltação	27
1.4.4	A espiritualidade do serviço	31
1.4.5	O serviço como doação	33
2	MADRE GAETANA STERNI E O CONTEXTO DE SUA ÉPOCA	38
2.1	Contexto político e socioeconômico	39
2.2	Contexto religioso.....	41
2.3	Considerações da Espiritualidade do século XIX	43
2.4	Breve aceno da vida de Gaetana Sterni	44
2.4.1	Primeiro período: infância, juventude e matrimônio	44
2.4.2	Segundo período: viuvez de Gaetana Sterni e nova orientação de vida (1843-1853)	47
2.4.3	Terceiro período: entrada de Gaetana no Ricovero e fundação da congregação	48
2.4.4	Quarto período: a Sterni superiora e guia da nascente congregação até a sua morte	54
2.4.5	A personalidade de Gaetana Sterni.....	56
3	UMA ESPIRITUALIDADE OBEDIENCIAL	63
3.1	A obediência nos escritos de madre Gaetana Sterni.....	64
3.2	Gaetana e seu itinerário espiritual	69
3.3	Regras, um meio para ajudar no caminho espiritual	70
3.4	A obediência como busca da vontade de Deus	73
3.5	A obediência como escuta amorosa	76
3.6	Obediência como mediação	77

3.7	Obediência ativa e responsável	79
3.8	A relação de obediência aos confessores	81
3.9	O voto de obediência	82
4	UMA ESPIRITUALIDADE PARA OS NOSSOS DIAS: A ATUALIDADE DE MADRE GAETANA STERNI.....	86
4.1	Obediência a Deus passa pela mediação humana e situações cotidianas.....	87
4.1.1	Obediência como sacrifício.....	89
4.1.2	Obediência que liberta.....	93
4.1.3	Obediência para o serviço aos empobrecidos e marginalizados.....	100
4.1.4	Obediência para a missão.....	104
4.1.5	Obediência na Vida Religiosa Consagrada.....	107
	CONCLUSÃO FINAL.....	112
	REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa desenvolverá um tema pertinente à nossa atualidade. O que ora apresentamos tem por fundamento realçar a relevância da obediência como virtude que orienta a vida humana segundo a vontade de Deus.

Nosso ponto de partida será uma abordagem bíblico teológica que nos ajudará a perceber que Jesus é o obediente por excelência. De tal modo teremos sempre diante do nosso olhar a pessoa de Jesus e como pano de fundo a obediência para se realizar a vontade do Pai.

Neste sentido, tendo Jesus como o centro para todo e qualquer tipo de obediência, nos guiaremos, para com Ele aprender o caminho da realização da vontade de Deus, assim como fez Gaetana Sterni, fundadora da Congregação das Filhas da Divina Vontade, em seu itinerário de vida.

Em todo seu itinerário, ecoou a disposição em abraçar, com fidelidade, o querer de Deus, expresso na frase: *Deus quer assim, assim seja feito!* Essa foi uma constante em sua vida.

Sob o olhar de uma pessoa incrédula, viver a obediência pode parecer ou soar como infantilismo, como se delegasse tudo a Deus. No entanto, quem percorre as páginas dos seus escritos, notará que foi um caminho de profunda responsabilidade vivido por Gaetana que a levou a uma correspondência de amor a Deus em sintonia com o projeto Dele.

Ademais, esta dissertação visa a desenvolver o tema, propondo a espiritualidade de Gaetana Sterni como um caminho para se viver a obediência como resposta amorosa à vontade de Deus.

O desprendimento total e a capacidade de acolher e servir, sendo luz para os povos, são características marcantes de como Jesus viveu a sua missão de servo, servindo e doando a vida pela humanidade, resgatando a todos com profundo amor e obediência à vontade do Pai (cf. Is 42,1-4). Portanto, sendo um eixo central da espiritualidade de Madre Gaetana Sterni a obediência, enquanto escuta atenta à vontade de Deus, o ponto de referência será Jesus que se identificou como Filho servo plenamente obediente ao querer do Pai, como diz Hb 10, 7: *“Eis que eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade”*. Um convite aos seus discípulos e discípulas de ontem e de hoje a viver o seguimento, com desapego, servindo uns aos outros (as), doando-se, a exemplo do Mestre Jesus, rompendo com todo tipo de poderio. *“Convosco não há de ser assim[...] o que governa seja o servo de todos[...]. Eu estou no meio de vós como servo”*, disse Jesus (Lc 22,25-27).

Com efeito, viver a obediência não é se anular, mas entrar em diálogo, estar aberto à ação, aos sinais que se põem a nossa frente, para daí colher os frutos que nos levarão a uma vida feliz, não obstante os sacrifícios implicados no caminho.

Deus conduziu no passado e continua a conduzir a vida humana, não de qualquer jeito, mas com profundo amor. Gaetana confirma-nos isso, ao contemplarmos a sua vida nos vários acontecimentos cotidianos, pautados com muita confiança em Deus.

Perceberemos que Gaetana deixou transparecer a ação da graça de Deus em sua vida. Não foi uma pessoa passiva, mas atenta aos sinais que reconheceu como expressão da vontade de Deus sobre ela.

Essa mulher, nascida em 1827 (séc. XIX), desenvolveu um caminho espiritual relevante para os nossos tempos. Nessa perspectiva, buscaremos responder à pergunta: Quais são os elementos fundamentais do eixo cristológico da Espiritualidade de Madre Gaetana Sterni?

Com efeito, para se responder a essa pergunta, faremos um percurso que nos possibilite adentrar mais profundamente a espiritualidade de Madre Gaetana Sterni. Uma espiritualidade que transparece a ação da graça de Deus que a moveu em todas as situações da vida.

Tendo presente o tema e os objetivos da dissertação, nós o desenvolveremos em 4 capítulos sucessivamente. O primeiro capítulo, intitulado “*Obediência: fundamentos bíblicos e teológicos*”, abordará a noção de obediência, perpassando alguns textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, sobretudo, o Deutero-Isaías dando embasamento para o título de servo aplicado a Jesus de Nazaré. Constatamos, assim, que sua opção é pelos pobres e marginalizados de sua época. Portanto, este é o foco da sua missão. Porém, Jesus não é excludente, anuncia o Reino a todos, mas, aos desprezados e oprimidos, dedicará uma particular e amorosa atenção.

Para aqueles que o seguem, exorta a uma atitude constante de serviço, de desapego, de capacidade de se doar de viver inteiramente em comunhão com o seu Senhor e Mestre. “*Levantou-se da ceia, depôs os seus vestidos, e tomando uma toalha, cingiu-se com ela; Depois lançou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, e a limpá-los com a toalha com que estava cingido*” (Jo 13,4). Ensinou a humildade, como um preceito.

Portanto, é através do amor e da comunhão com Jesus, que podemos empreender nossas forças, nossa vida, na luta por um mundo novo, vivendo a opção pelos excluídos de nossa sociedade e sendo capazes de amar até o fim, na gratuidade e perseverança.

No mesmo capítulo, utilizaremos o pensamento de alguns teólogos, por nos apresentarem algumas reflexões inerentes ao tema, sobretudo, dando enfoque à dimensão da obediência de Jesus como servo. Realçaremos a missão de servo assumida até o fim.

Procuramos delimitar o tema, tratando diretamente de uma leitura da espiritualidade de Madre Gaetana Sterni, valendo-nos de algumas fontes que contribuem para enriquecer a pesquisa. Contudo, temos consciência de que nossa pretensão não é esgotar o tema desta pesquisa.

O segundo capítulo, nomeado “*Madre Gaetana e o contexto de sua época*”, propõe-se a percorrer, especificamente, a vida de Gaetana Sterni, procurando adentrar seu pensamento, e perceber como se delineia esta temática através de uma prática vivencial da obediência, enquanto resposta de amor à vontade de Deus.

Perpassaremos, também, o contexto político, socioeconômico e eclesial do período em que viveu Gaetana, para melhor situá-la. Ao percorrer a sua história, dividi-la-emos em quatro períodos: a infância, juventude e matrimônio; a viuvez de Gaetana Sterni e novas orientações de vida; entrada de Gaetana no Ricovero e fundação da congregação; Sterni superiora e guia da nascente congregação até sua morte. E por fim, falaremos sobre a personalidade de Gaetana Sterni. Esta mulher foi sedimentando e deixando calar na vida os valores que moldaram sua personalidade de mulher forte, obediente à Divina vontade. Notaremos que a família teve grande influência em sua vida cristã.

O terceiro capítulo discorrerá sobre a “*Espiritualidade obediencial*”. Notaremos como no seguimento de Jesus, servo obediente, Gaetana vai conformando sua vida, segundo a vontade de Deus e vivendo o desapego de si e das coisas, para responder os apelos do Senhor, sobretudo, na atenção aos mais necessitados de sua época. Os confessores serão um meio para melhor conhecer, discernir e responder à vontade de Deus.

O quarto e derradeiro capítulo, nomeado “*Uma espiritualidade para os nossos dias: a atualidade de Madre Gaetana Sterni*”, proporá o modo como Gaetana seguiu Jesus servo obediente à vontade do Pai, como meio para vivenciar e responder os apelos do Senhor na pós modernidade, por meio da obediência que liberta e que leva cada um a se encontrar com a sua verdade mais profunda. Neste capítulo, notar-se-á como o itinerário espiritual de Gaetana é um testemunho eloquente para quem deseja buscar e responder à vontade de Deus na confiança e fidelidade neste Deus presente na história da humanidade.

A fecundidade da experiência espiritual de Gaetana Sterni é perceptível no modo como ela vive o ordinário de maneira extraordinária, sabendo colher do mal, o bem. Alguém que soube enfrentar as às vicissitudes da vida com coragem e total desprendimento, fazendo da vida um hino de louvor e amor ao Criador. Uma verdadeira missionária do amor de Deus que

ainda na sua época já vivia o que o papa Francisco chama hoje de Igreja em saída¹.

A motivação inicial desta pesquisa surgiu do desejo de aprofundar a dimensão da obediência em Gaetana Sterni, percebendo a relevância deste tema para a vida de todo cristão e cristã, com enfoque em Jesus Servo obediente à vontade do Pai. Jesus é o obediente por excelência e, no seguimento a Ele, Gaetana pautará a sua existência, encontrando resposta para sua busca profunda de realizar a Divina vontade.

Contudo, isso exigirá de Gaetana uma entrega radical de seus projetos, desejos e vida, a Deus. Será a confiança Nele que a levará a se doar totalmente, a ponto de qualquer sacrifício para realizar o Divino querer. Ademais, essa dinâmica é um convite a todos que desejam seguir a Cristo e entrar na aventura do amor sem reservas. Mas, será que estamos dispostos a dar esse passo? Essa será uma provocação que a vida de Gaetana nos fará. Cabe a cada um (a) dar a sua resposta livre e consciente.

O ser humano, hoje, se envereda por tantas ilusões que o prendem e o tornam escravo e muitas vezes, nem se dá conta disso. Quando lhe é proposta uma entrega definitiva, um compromisso que empenha toda a vida, vê-se a dificuldade de se desapegar e se lançar em algo que exigirá a entrega da vida. Aí, muitas vezes, fracassa por não saber fazer escolhas que dão sentido à existência. É o preço que se paga quando se deixa levar pelo medo, pela insegurança e não se deposita a confiança em Deus.

A metodologia usada nesta dissertação é a pesquisa bibliográfica. A partir desse método, realizar-se-á um breve aprofundamento sobre o conceito de obediência, na dimensão bíblica e teológica, seguido de um embasamento do título de Jesus como servo obediente ao Pai. E, à luz da espiritualidade do servo, adentraremos a temática proposta, percebendo como Gaetana Sterni compreendeu, acolheu e viveu a virtude da obediência. E concluiremos, percebendo a atualidade desta espiritualidade.

Esse tema possibilita-nos ampliar a visão sobre a obediência, por ser um tema relevante e que tem muito a contribuir para a realização do ser humano, para uma vida feliz. Um ponto que nos leva a aprofundá-lo é a percepção de que a obediência não é algo que nos impede de viver com liberdade, mas uma possibilidade de maior abertura. Ao explicitá-lo, tentaremos dar

¹FRANCISCO, Papa. Combater as várias expressões da cultura do descarte nas ciências. Disponível em: http://br.radiovaticana.va/news/2016/01/28/papa_combater_cultura_do_descarte_que_tem_v%C3%A1rias_express%C3%B5es/1204352. Acesso 05 set. 2017.

uma chave de leitura para uma compreensão da obediência como caminho de libertação e realização do ser humano, que passa por uma resposta à vontade amorosa de Deus.

1 OBEDIÊNCIA: FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS

Introdução

O tema que nos propomos a trabalhar nos conduzirá a enfatizar a obediência como caminho para realização da vontade do Pai. Alguns autores já trabalharam esse tema, ressaltando a obediência como possibilidade para se cumprir a vontade de Deus, que se dá através da escuta atenta de Sua Palavra revelada ao ser humano.

Portanto, para adentrarmos o tema, iniciaremos percorrendo sobre a palavra obediência, percebendo sua etimologia e possíveis sentidos, no Antigo Testamento e no Novo Testamento, o que nos levará a perceber a obediência de Jesus ao Pai.

Em hebraico, obedecer conecta-se com “ouvir”, o que acontece também em alemão *gehorschen-hoeren*, e em latim *oboedire-audire*, sendo essa conexão menos evidente no português “obedecer-ouvir”².

Afirma Bauer:

Obedecer significa ouvir a expressão da vontade de outrem, corresponder a ela e executá-la. Obedecer é ouvir e fazer (cf. Gn 22, 18; Ex 15,26; Dt 5,31-33; Mc 3,35; Jo 12,47; Rm 2,13; Tg 1,22-25)³.

Portanto, obedecer é escutar atentamente, para dar uma resposta que simultaneamente, resulta num fazer, envolve necessariamente uma ação.

Segundo Born:

“Em oposição ao grego, em que ὑπακοή (*hypakoē*), pelo conteúdo e pela etimologia, corresponde ao nosso termo obedecer, a Bíblia hebraica não possui um termo específico para o termo obediência. Para exprimir a noção de obediência, usam-se, sobretudo, os seguintes verbos: ‘escutar’ alguém, ‘responder’, ‘fazer’ o que foi mandado (cf. Ex 7,6)”⁴.

Terminologia que revela o caráter dialogal da obediência no AT: a obediência é (em oposição à oração) um modo do homem responder a Deus que manifesta sua vontade⁵.

² BAUER, Johannes B., *Dicionário de teologia Bíblica*. São Paulo, Loyola, 1973, v. 2, p. 759

³ BAUER, Johannes B., *Dicionário de teologia Bíblica*, p. 759.

⁴ BORN, A. Van Den, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 1059.

⁵ BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1059.

Escreve Born:

Assim concebida, a obediência forma o centro da religiosidade do AT, para o qual tudo o mais, inclusive o culto, deve convergir (cf. 1Sam 15,22; Sl 40,7-9; Jr 7,22s). Assim, o pecado é, essencialmente, desobediência: pecar é ser recalcitrante; é não querer escutar. Nesse caso, não escutar a Deus e, conseqüentemente, não fazer sua vontade⁶.

No Antigo Testamento, a Palavra de Deus, ao dirigir-se ao ser humano, aparece como chamamento ou como petição de obediência. Arranca o ser humano da sua mesquinha segurança, lançando-o até algo desconhecido, que irá se revelando ao longo do caminho⁷. Foi o caso, de Abraão que recebeu uma missão: “*Saia da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei*” (Gn 12, 1). Ao acolher a Palavra de Deus, Abraão aceita a responsabilidade pessoal, parte rumo ao desconhecido, por obediência ao chamado divino⁸.

Afirma Bauer:

A religião do Antigo Testamento é, essencialmente, uma religião da palavra ouvida e a ser ouvida, devendo o homem com sua ação dar resposta a essa palavra; é a religião da obediência à revelação de Deus nas palavras da Lei e dos Profetas⁹.

Jesus, em sua pregação, exige obediência a Deus, obediência de servo (cf. Lc 17,7-10). A mensagem do Reino de Deus é oferecimento de salvação e, ao mesmo tempo, exigência ética. Por isso, não basta ouvir a mensagem; é preciso colocá-la em prática¹⁰.

1.1 A Obediência no AT

A situação em que vivemos obriga o cristão a se perguntar, cada vez mais a fundo, pelo significado de sua obediência¹¹. Nos tempos hodiernos, o ser humano ambiciona assumir, por sua própria conta, a gestão de suas responsabilidades morais; quer ser o artífice de seu destino, o planejador autônomo de si mesmo, e rejeita qualquer intromissão autoritária em sua vida¹².

⁶ BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1060.

⁷ *Ibid.*, p. 1060.

⁸ COSTA, Valeriano Santos. *Vida Cristã: a existência no amor*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 32.

⁹ BAUER, *Dicionário de teologia Bíblica*, p. 759.

¹⁰ BAUER, *Dicionário de teologia Bíblica*, p. 761.

¹¹ ROSSI, Leandro; VALSECCHI. Ambrogio. *Diccionario Enciclopedico de Teologia Moral*. Madrid: Paulinas, 1973, p. 710.

¹² ROSSI; VALSECCHI, *Diccionario Enciclopedico de Teologia Moral*, p. 710.

A obediência se confunde, portanto, facilmente, com uma abdicação das funções da consciência, em face a um poder estranho e alienante, e se converte em sinônimo de insensatez e de covardia moral¹³.

Este caráter absoluto da liberdade, da autonomia e da autenticidade é um sinal dos tempos, e leva consigo o redescobrimento do caráter responsável da existência humana e das funções irrenunciáveis da consciência. O homem se dá conta de que leva em si o mistério de uma responsabilidade que faz sua grandeza e que ele não pode delegar a ninguém¹⁴.

Portanto, o ser humano é portador de um tesouro, carrega em si a marca do amor de Deus.

Para Born:

O objeto da Obediência é, sempre em última instância, Javé. Ele pode dar a conhecer a sua vontade de diversas maneiras: diretamente, por um apelo pessoal (por exemplo, Gn 22,18) ou indiretamente, falando pela boca de seus “servos”, sobretudo Moisés e os profetas (cf. Dt 18,13-20; Jr 7,25 etc.), mas também sacerdotes e juízes (cf. Dt 17,8-13)¹⁵.

Neste sentido Canals afirma que, a obediência é reação adulta e madura, de quem compreendeu o querer de Deus, é resposta de amor, é adesão livre¹⁶.

Segundo Born, mais tarde, o objeto imediato da obediência torna-se, cada vez mais, a Lei como vontade de Deus, uma vez para sempre estabelecida, até que “obedecer”, em linguagem figurada, passa a significar “andar” nos caminhos de Javé” (cf. Dt 26,16-18; Sl 119)¹⁷.

A vontade de Deus a que tende a obediência bíblica tem nome próprio, não confundível com outra vontade. A vontade divina chama-se em hebraico *rison*, benevolência, boa vontade, beneplácito divino. Esse é o tipo de vontade que deseja cumprir o fiel em sua obediência. “Não queres sacrifício nem oblação, mas me abriste o ouvido: foi-me prescrito no rolo do livro fazer tua vontade (tua *rison*)” (Sl 40, 7.9)¹⁸.

Obedecer é entrar na dinâmica da vontade de Deus, ouvir e pôr-se em ação, com benevolência e confiança, no Deus fiel. Viver intensamente o amor, que pede o Senhor em Deuteronômio 6,4-5, com todo coração, com toda a alma e com todo o entendimento.

¹³ ROSSI; VALSECCHI. *Diccionario Enciclopédico de Teologia Moral*, p. 710.

¹⁴ *Ibid.*, p. 710.

¹⁵ BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1059.

¹⁶ RODRIGUEZ, Angel Aparício; CANALS CASAS, Joan. *Dicionário Teológico da Vida consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 729.

¹⁷ BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1059.

¹⁸ RODRIGUEZ; CANALS CASAS, *Dicionário Teológico da Vida consagrada*, p. 728.

1.2 A Obediência no Novo testamento

No NT, perceberemos que Jesus, o obediente por excelência, se dispõe totalmente para viver a vontade do Pai. Ainda criança dirá: “*Não sabeis que devo estar na casa de meu Pai?*” (Lc 2,49).

A obediência fala sobre outra área importante da vida humana: a livre disposição sobre o que se tem que fazer. Em sentido estrito e desde um ponto de vista cristão, a obediência não pode versar sobre a negação da própria vontade, tampouco, em uma imitação formal de Cristo Obediente, que obedeceu a seu Pai, relativizando a obediência a uma autoridade humana¹⁹. É bem verdade que Cristo obedeceu a seus pais como menino, depois adulto, submeteu-se à lei mosaica, ao Sinédrio, a Pilatos... Mas São Paulo não pensa em nenhuma dessas obediências e não será, portanto, dessa obediência que trataremos em nosso trabalho, mas sim, da obediência de Cristo ao Pai²⁰.

Afirma Catalamessa que:

“De fato a obediência de Cristo é considerada como a antítese exata da desobediência de Adão: *assim pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim pela obediência de um só todos virão a ser justos* (Rm 5,19; cf. 1Cor 15,22)”²¹.

Portanto, em Cristo contemplamos o Obediente, aquele que soube fazer da vontade de Deus o centro de sua vida e, em sua obediência, toda a humanidade foi resgatada.

Segundo, Cantalamessa:

Há uma obediência que se refere a todos superiores e súditos, religiosos e leigos, que é a mais importante de todas, que rege e vivifica todas as outras, que não é uma obediência “do homem ao homem”, mas a obediência do homem a Deus. A obediência a Deus é como um “fio do alto” que sustenta a esplêndida teia de aranha suspensa em uma sebe; tudo é feito a partir dela, mas ela não pode ser esquecida nem mesmo depois de terminada a obra. Do contrário tudo se dobra sobre si mesmo e se desprende²².

Com efeito, a obediência nos conduz a realizar aquilo que é o querer de Deus. Para nós, seres humanos, fugir disto é cair na malha da desobediência e ser relegado à condição de escravo.

Na Escritura, Cristo é definido como “o obediente” (Hb 10,7)²³. Portanto, como aquele que obedeceu até o fim, assumindo firmemente o projeto de amor do Pai.

¹⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *Obediência*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 11.

²⁰ CANTALAMESSA, *Obediência*, p. 11.

²¹ *Ibid.*, p. 11.

²² CANTALAMESSA, *Obediência*, p. 7.

²³ CANTALAMESSA, *Obediência*, p. 11

A obediência cristã não implica nenhuma abdicação da própria dignidade de homens em face a outros homens, senão que é livre assentimento a uma ordem divina²⁴.

Partindo dessa questão, queremos seguir o caminho que Jesus traçou, visibilizando a sua atitude de Servo por meio de uma prática de amor que humaniza. Uma vivência profunda do amor que leva a uma saída de si, de um Deus que experimenta na carne os sofrimentos humanos, fazendo sua a missão do Servo; Mestre manso e humilde de coração (cf. Mt 11, 19) que anuncia a salvação aos pobres, vendo na sua missão a realização da vontade do Pai.

O seu desprendimento total e sua capacidade de acolher e servir sendo luz para os povos são características que marcam o modo como Jesus viveu sua missão de servo, servindo e doando a vida pela humanidade, resgatando a todos com profundo amor e obediência à vontade do Pai.

Constatamos que o foco de sua opção são os pobres e marginalizados de sua época. Contudo, Jesus não é excludente: anuncia o Reino a todos, mas aos desprezados e oprimidos dedicará uma particular e amorosa atenção (cf. Lc 4,16-30).

Àqueles que o seguem, exorta a assumirem uma atitude constante de serviço, de desapego, de capacidade de se doar, e de viver inteiramente em comunhão com o seu Senhor e Mestre. *“Levantou-se da ceia, depôs as suas vestes, e tomando uma toalha, cingiu-se com ela; Depois lançou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido”* (Jo 13,4). Ensinou a humildade como um preceito, dom de amar e servir.

Portanto, por meio do amor e da comunhão com Jesus, que o discípulo (a) poderá responder às exigências do amor colocando a serviço as forças e a vida na luta por um outro mundo possível, assumindo a opção pelos excluídos e sendo capaz de amar até o fim, na gratuidade e na perseverança numa atitude obediencial.

1.3 A origem do Servo

Para explicitar a origem do Servo, perpassaremos os quatro cânticos que aparecem no Segundo Isaías, percebendo quais aspectos nos ajudam a identificar Jesus com o título de servo.

Segundo Léon-Dufour:

“Servo” (hebraico ‘ebed’, “escravo”) possui um amplo pano de fundo no Antigo Testamento. O mais remoto encontra-se no título “escravo do rei” que é o título honorífico de um funcionário que tem uma alta responsabilidade e que está próximo do monarca. Quando aquele que se dirige ao rei usa a polida circunlocução “vosso escravo”, ele expressa a sua humildade na presença real.

²⁴ CANTALAMESSA, *Obediência*, p. 11.

A mesma humildade se exprime quando a frase polida é usada por alguém que se dirige a Javé (Moisés; cf. Ex 4,10, Nm 11,11; Dt 3,24)²⁵.

No Antigo Testamento, algumas vezes, o povo de Israel é identificado com o servo. Em outros momentos, o título de servo é dado a homens cuja missão sempre concerne ao povo eleito; é, muitas vezes, dado a Moisés, mediador da Aliança (cf. Ex 14,31; Nm 12,7; Dt 34,5; 1Rs 8,56) e a Davi, tipo do rei messiânico (cf. 2Sm 7,8; 1Rs 8,24s; Sl 78,70; Jr 33,26), e designa também os patriarcas: Abraão (cf. Gn 26,24), Isaac (cf. Gn 24,14), Jacó (cf. Ex 32,13; Ez 37,25), e depois Josué que conduz o povo à Terra (cf. Js 24,29); é aplicado aos profetas que têm por missão manter a Aliança (cf. Elias 1Rs 18,36; “meus servos os profetas” Am 3,7; Jr 7,25; 2Rs 17,23), bem como aos sacerdotes que celebram o culto divino, em nome do povo-sacerdote (Sl 134,1; cf. Ex 19,5s)²⁶.

A escolha de todos esses servos se destina, enfim, a tornar o povo fiel ao serviço que Deus dele espera (cf. Sl 105,6ss. 26.45), como o são os anjos servos das vontades divinas (cf. Sl 103,20s)²⁷. No entanto, todos os personagens que se identificam com ele não têm a preeminência do verdadeiro Servo, Cristo, que mais tarde será identificado como o Servo de Javé por excelência, aquele que traz na sua origem as marcas do escolhido de Deus, para instaurar a paz, de forma totalmente nova (cf. Is 42,1)

Este será um Servo diferente que, trazendo a marca de Deus, se expressará de forma humana e solidária com os sofredores, carregará sobre si as nossas culpas e não reclamará de nada e nos conduzirá a uma nova vida.

Contudo, não é tão simples identificar o personagem concreto que, nos diversos cânticos de Isaías, é apresentado como servo. Por isso, surge uma questão: quem seria, realmente, esse servo e em que circunstâncias apareceu? Para responder a tais questões, percorreremos com uma atenção peculiar o Segundo Isaías.

1.3.1 Primeiro cântico do servo (Is 42,1-4)

O Servo é apresentado como o Eleito de Deus, no qual Deus se compraz: “Eis o meu Servo, que eu amparo o meu eleito, que eu preferi” (Is 42,1).

Escolhido de Deus que tem uma missão específica para realizar, a missão de salvar o seu povo; é aquele no qual Deus se compraz. Para essa missão, o Senhor o prepara, dando-lhe

²⁵ LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 967.

²⁶ LÉON-DUFOUR, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 967.

²⁷ MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p.870.

o seu Espírito²⁸. Ele é movido pelo Espírito profético. Javé o sustenta e o conduz em sua missão de libertar os oprimidos.

Deus toma a iniciativa, escolhe o servo, o apoia e o orienta para a missão de instaurar sobre a terra o direito, a lei moral javista fundada na relação entre o povo e Javé (cf. Is 42, 1-4). Para com o que é fraco, ele age com mansidão e amor. É ferido, machucado e oprimido e não revida. Não age com violência porque as suas atitudes são pautadas no amor e na bondade. Resiste, rompendo com tudo que quer destruir a vida. Ele não compactua com a violência, mas se torna vítima desta (cf. Is 53,7).

O Servo é alguém que aprendeu de Javé a lei do amor e a põe em prática. Não se deixa corromper pela sede de poder; age com humildade e simplicidade, lutando pela dignidade e pela vida dos oprimidos e desprezados pela sociedade que visa ao próprio interesse, explorando e oprimindo o fraco (cf. Is 43, 3-7).

De Deus, tem a promessa de levar adiante a verdadeira lei divina, difundir a revelação da vontade de Deus que é de justiça e ordem entre os homens, missão à qual foi chamado. E assim, consumará a vitória sobre todo tipo de opressão e qualquer forma de violência e morte (cf. Is 42, 2-5). No cumprimento da missão, terá que pagar um preço muito alto pela obediência a Deus. Mas, fará com que esta alcance a sua meta, pois a sua vida está nas mãos de Deus (cf. Is 43,1). Movido por esta certeza, não cessará de promover o bem. Ele foi escolhido para dar novo rumo à história da humanidade, ser sinal de esperança e de luz (cf. Is 42, 6).

1.3.2 Segundo Cântico (Is 49,1-9)

Neste cântico, o servo, desde o “ventre materno”, é eleito e é instrumento de Javé. “Desde o seio materno Javé me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome” (Is 49,1). Tem como missão a restauração de Israel. Reunir os povos dispersos e anunciar a existência do único Deus e sua vontade. Ele é preparado pelo Espírito de Javé. Portanto, sua missão vai além das fronteiras; deve ir às outras nações e ser instrumento de Aliança e Luz.

Como profeta, viverá em escuta profunda, humilde e obediente. Sua boca será um veículo de comunicação de longo alcance, pois a Palavra de Deus é para todos, para os que estão longe e para os que estão perto. Será o anunciador da justiça de Deus. O servo será a Luz das nações: “Faço de você luz para as nações, para que a minha salvação chegue aos confins da

²⁸ BINGEMER, Maria Clara. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*. Cristologia. São Paulo: Paulinas, 2008, p.107.

terra” (Is 49, 6). Assumirá, plenamente, o que o Senhor lhe pede e resplenderá em meio às trevas e será, de fato, por meio de sua pregação e vida, sinal de luz e salvação para todos.

Podemos constatar ainda que o servo reafirma a sua confiança no Senhor e sua compreensão de que a missão que lhe foi confiada é grandiosa. Coloca-se aberto ao projeto de Javé e não teme o desprezo dos poderosos deste mundo, pois se lança totalmente na busca de realizar a missão, pois acredita no triunfo final.

1.3.3 Terceiro Cântico do servo (Is 50,4-11)

Neste canto, o servo fala da missão que lhe foi confiada e das dificuldades que encontrou para realizá-la. Mas, ao mesmo tempo, com toda dificuldade e perseguição, não perde a confiança em Deus, fonte de salvação e justificação. Resiste, até o fim, e leva a termo a missão.

Este cântico mostra, ainda, como a missão do servo é difícil e exigente. Nem sempre é clara; necessita impor para si uma disciplina: é um servo fiel a Javé, que, mesmo diante do sofrimento, não foge de sua missão²⁹. Assume-a, não cria resistência ao que Javé lhe pede. Não se desvia diante das dificuldades e ataques, não esmorece diante da indiferença e menosprezo, mas, realiza sua missão numa entrega confiante e fiel a Javé. Sabe que o Senhor está com ele e o protege. “O Senhor me ajuda, por isso não me acovardava” (v.7). Assim, torna-se encorajamento para os fracos e abatidos³⁰.

A voz do servo, aqui, é parecida com a de um sábio e discípulo fiel. Alguém que acolhe o ensinamento que lhe é dado e o coloca em prática, porque tem uma relação íntima com Deus. E isto é o que o sustenta contra os opressores que o perseguem. Vive sua vocação como serviço aos pequenos e marginalizados. Por isso, é atento à Palavra do Senhor para discernir sua decisão e sua ação.

A sua rocha firme é o Senhor, por isso se entrega totalmente para que sua missão seja realizada plenamente. Sua paciência (cf. Is 50,6) e sua humildade (cf. Is 53,7) o tornam capaz de oferecer sua vida e de realizar, por seu sofrimento, o plano de Javé.

²⁹ FURLANI, Maria Aparecida. *Jesus, o Messias na Condição de Servo*. Belo Horizonte: CES, 2001, p. 42. (Dissertação de Mestrado).

³⁰ FURLANI, *Jesus, o Messias na Condição de Servo*, p. 42.

1.3.4 Quarto cântico do servo (Is 52,13-53,12)

O quarto cântico apresenta um inocente que deve sofrer, porque encontra grande oposição por parte das autoridades e das estruturas injustas de seu tempo. Por isso, morre esmagado sob o peso dos erros de todos (cf. 53,4-6; Ez 4,4-48)³¹.

O servo cumpre a vontade de Javé e assume, plenamente, a missão a ele confiada e sofre as consequências, sem elevar a voz. Sofre a condenação e é tratado como os malfeitores. Carrega sobre si os pecados de outros e, ainda mais, ocupa o lugar dos pecadores³². No entanto, o que parecia um fracasso, uma derrota, torna-se motivo de vitória e triunfo de Javé e seu projeto. Javé está com ele e lhe dará a vida nova. Javé proclama às nações: “Eis que meu servo terá êxito, subirá, elevar-se-á a sublime altura” (52,13). A certeza de que Javé está com o servo o faz passar pela dor e pelo sofrimento de maneira confiante, pois sabe que o homem não tem a última palavra sobre sua vida.

O servo não se queixa, nem apresenta a sua causa a Deus, mas é Deus mesmo quem assume claramente a causa do servo e promete justificá-lo e exaltá-lo³³. A confiança no Senhor o faz agir sem medo, de tal modo que se lança conduzido pelo amor, comprometido com a causa do oprimido e sofredor, pois, de fato, “sabe em quem colocou a sua confiança” (cf. Sl 55,24).

Percorrendo os quatro Cânticos do Segundo Isaías, podemos notar que não há uma identificação única do servo. Ora apresenta-o como Israel, ora como um messias-profeta. Mas, sempre com uma missão dada por Javé, o servo é justo e sofre injustiças. É alguém que é o eleito de Javé e tem como vocação restaurar, libertar, ser luz para os povos³⁴. Contudo, para realizar esta missão, passará por muitos sofrimentos.

Numa época em que a lei da retribuição era fortemente vivenciada, onde ao justo era concedida a bênção, a justiça, a prosperidade, e ao injusto, o castigo, a maldição, essa inversão apontará para uma quebra na mentalidade vigente e levará a questionar as intenções de Deus. Assim, será possível chegar a conceber que o justo também sofre, mesmo praticando a justiça e que a prática da justiça deve se dar por pura gratuidade e não em vista de recompensas (Is 53, 7).

Quanto ao destino do justo, diz Bingemer:

“A explicação do destino aparentemente inexplicável do justo sofredor é o amor de Javé que atinge tudo e também sustenta a missão do servo como

³¹ FURLANI, *Jesus, o Messias na Condição de Servo*, p. 42.

³² SCHERER, Odilo Pedro. “*Justo sofredor*”: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo. São Paulo: Loyola, 1995, p.48.

³³ SCHERER, “*Justo sofredor*”, p.48.

³⁴ BINGEMER, *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*, p.109.

mediador. O sacrifício mediador do servo traz a salvação e a cura de um modo insuperável, por todos os pecadores, porque desejado, conduzido e superado por Javé na realização de seus desígnios³⁵.

A expiação dos pecados do povo, que se realiza através de um ritual, o do “bode expiatório” (Lv 16,20), é realizada por um homem justo e inocente. O sofrimento é assumido em favor dos “muitos”, com valor expiatório. O servo assume e sofre em favor de toda a humanidade.

Não há uma explicação imediata para o sofrimento que faz parte da missão que é confiada por Javé ao seu servo³⁶ (Is 53,10). Mas, ao contemplarmos a vida do servo de Javé, podemos concluir que o sofrimento ao qual é submetido não é vontade de Deus, pois Deus ama os seus. O que dizer, então, de todo o caminho de dor, sofrimento e desprezo sofrido pelo servo?

A resposta é que, em sua missão, o servo de Javé assumiu também as consequências de sua adesão ao projeto de Deus e, para suportar também os sofrimentos e dores, se abandonou em suas mãos, o que o sustentou e o levou a ser fiel, cumprindo sua missão, sendo sinal de vida e luz para os povos.

Sua fidelidade fez irromper na história da humanidade a certeza da presença constante de Deus que se faz próximo e companheiro do seu povo; não o abandona à mercê do mal, mas combate com ele, para que a vida supere a morte, a justiça supere a injustiça, o amor supere o desamor, a ordem supere a desordem, e, assim, faz da própria vida serviço, voz e vez dos pobres e marginalizados.

1.4 Jesus como Servo

O tópico anterior nos reportava à dimensão de servo no Deutero-Isaías. Um servo que tem uma missão determinada: libertar, restaurar, salvar, ser luz para o povo (cf. Is 42,6-7) o que nos remete à missão recebida por Jesus. Jesus configurou a sua vida como Servo, título que lhe é comumente aplicado. No Novo Testamento, em várias passagens, o título de Jesus remete aos Cânticos do Servo, ligado à missão que lhe é entregue pelo Pai, também pela sua eleição e destino (cf. Mt 3,16-17; Mt 12,18-21; Lc 7,22; Jo 1,32-34).

Segundo Jon Sobrino, Jesus é o servo, que doa a vida pela salvação dos muitos; não se acovarda em face às consequências dos seus atos que o levarão à perseguição e à morte. Antes, assume, por inteiro, o que o Pai lhe pede, até o fim³⁷.

³⁵ BINGEMER, *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*, p.109.

³⁶ FURLANI, *Jesus, o Messias na Condição de Servo*, p. 43.

³⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador: a História de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes 1994, p. 328.

Furlani afirma que,

Nos sinóticos, há claras alusões ao “Servo de Javé” (cf. Is 42,1), que aparece na expressão “Filho Amado”, nas cenas do batismo de Jesus no Jordão (cf. Mc 1,11 e Mt 3,17), na transfiguração (cf. Mc 9,7; Mt 17,15 e Lc 9,55) e depois de fazer muitas curas (cf. Mt 12,15-21).

Neste sentido, podemos afirmar que Jesus é o servo de Javé, o Filho muito amado do Pai, que recebeu uma missão desde o seu batismo e esta missão foi levada a termo por ele ao longo de sua vida e foi transmitida aos discípulos.

Já no evangelho de João, o escolhido é o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo³⁸” (Jo 1,29), o Servo Sofredor (cf. Is 53,7.12); é também o “Filho do Homem” levantado na cruz (cf. Jo 3,14), o “Bom Pastor”, que dá a vida por suas ovelhas (cf. Jo 10,11). O Servo é, portanto, o Filho Amado, obediente ao Pai, que assumiu fielmente a sua missão³⁹.

Jesus é, também, apresentado como um homem, um profeta, um Servo de Javé, fiel e obediente, que passou pela morte e foi exaltado por Deus na ressurreição, aquele que leva a termo a missão do servo; mestre manso e humilde de coração (cf. Mt 11,29), que anuncia a salvação aos pobres (cf. Lc 4,28s). Ele está em meio a seus discípulos como aquele que serve (cf. Lc 22,27); como seu Senhor e Mestre (cf. Jo 13,12-15). Ele leva até o fim as exigências do amor que inspira este serviço (cf. Jo 13,1; 15,1), dando sua vida pela redenção da multidão de pecadores⁴⁰.

Toda atuação de Jesus é entendida como obediência, como corajosa resistência, como vitória sobre as tentações, mas, acima de tudo como serviço⁴¹. Jesus colocou toda a sua vida a serviço do Reino de Deus. Portanto, o caminho por Ele traçado foi de doação e entrega da sua existência pela causa do Reino.

Podemos afirmar que Jesus é o servo de Javé por excelência porque fez da sua existência uma profunda e fiel missão de amor para todo o gênero humano. Nele contemplamos a vida de quem, por total confiança, serve no amor e por amor.

1.4.1 Jesus e a missão do Servo

Jesus se empenha, totalmente, em realizar a missão que lhe foi confiada pelo Pai. Ele

³⁸ A expressão “Cordeiro de Deus provavelmente corresponde à expressão aramaica – talya’ de’ laha’, que significa ao mesmo tempo “cordeiro de Deus e Servo de Deus. Cf. CULLMANN, O. *Cristologia del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1998, p. 126.

³⁹ FURLANI, *Jesus, o Messias na Condição de Servo*, p. 42.

⁴⁰ LÉON-DUFOUR, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 968-969.

⁴¹ BERGER, Klaus. *Para que Jesus Morreu na Cruz?* São Paulo: Loyola, 2005, p. 149.

percebe a oposição crescente que o conduzirá à morte, a exemplo dos profetas. Compreende o sentido de sua morte messiânica, a partir das Escrituras que descrevem a missão do servo⁴². Por isso, nos anúncios da paixão, Jesus se serve de elementos que remetem ao servo dos cânticos do Deutero-Isaías. Um exemplo disso é o emprego do verbo “entregar”, em Mc 9,31: “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e o matarão...”⁴³.

As palavras de Jesus, na última ceia, são uma afirmação de que “o Filho do Homem veio para cumprir a missão do Servo de Javé. “Eu estou no meio de vós como Aquele que serve” (cf. Lc 22,27).

Por ocasião do batismo de Jesus no Jordão, as palavras: “Tu és o meu Filho amado, em ti pus toda a minha afeição” (cf. Mc 1,11), lembram-nos Is 42,1: “Eis meu servo a quem apoio, meu eleito, ao qual quero bem!”⁴⁴.

No Antigo Testamento, essas palavras dirigem-se ao Servo de Javé e são a introdução aos cânticos do servo. Muitos exegetas afirmam ter sido, no momento do batismo que Jesus adquiriu plena consciência de que sua missão seria a do servo. No momento do batismo, Jesus ouve a voz que o faz compreender que não será batizado por seus pecados, mas pelos pecados de todo o povo, assim como foi predito pelo profeta (cf. Is 42,1). Assim se compreende Mt 3,15, em relação ao cumprimento de toda justiça. Jesus é batizado em vista de sua morte, com a qual conduzirá todo o povo a um batismo, pelo seu sangue. Jesus mesmo entendeu sua morte como um batismo. “Tenho de receber um batismo e como me angustio até que se cumpra” (cf. Lc 12,50). Para Jesus, ser batizado significa morrer. Desde que ouviu a voz, que lhe atribuiu a missão de Servo de Deus, para Ele só existe um batismo: a sua morte⁴⁵.

A introdução do testemunho de João Batista sobre o batismo de Jesus, no Evangelho de João (cf. Jo 1,29): “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (cf. Jo 1,29.36) confirma que a voz do céu era um apelo dirigido a Jesus para assumir a missão do servo. Por isso, é o próprio Jesus que se designa como servo de Deus, do mesmo modo que se atribui o título de Filho do Homem. Jesus, durante sua vida, declarou repetidas vezes que seus sofrimentos e morte entram como elementos essenciais em sua missão redentora. Jesus é o servo e, com sua morte, redimirá todos os seres humanos, pagãos e judeus. Ele dá sua vida em resgate pela totalidade da humanidade.

⁴² DUQUOC, C. *Cristologia. Ensaio Dogmático I: O homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 155.

⁴³ SCHOONENBERG, P. *Aniquilou-se a si mesmo (Fl 2,7)*. *Concilium*, Petrópolis, n.1, p. 42-58, 1996.

⁴⁴ CULLMANN, O. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 94.

⁴⁵ FURLANI, *Jesus, o Messias na Condição de Servo*, p. 42.

1.4.2 Jesus servo ensina o caminho do serviço

Para quem a vida é entrega constante, o caminho do serviço é o amor que se fez manifesto.

“Convosco não há de ser assim [...] o que governa seja o servo de todos [...] Eu estou no meio de vós como servo” (Lc 22,25-27).

Jesus ensina aos discípulos a forma como devem agir uns com os outros, sobretudo propõe um modo novo de servir, de estar com as pessoas promovendo a vida com simplicidade e com humildade, estando entre os discípulos como um líder que serve. Nele não transparecerá nenhum tipo de superioridade, pois se faz um com os discípulos, amigo, próximo, fiel. Nos seus discursos, repetiu muitas vezes que viera para servir e não para ser servido.

A razão porque se fez “servo padecente”, profetizado por Isaías, foi levar o fardo dos outros e, particularmente, suas culpas. Reforçou as suas palavras, dando um belíssimo exemplo do como se fazerem servos.

“Levantou-se da ceia, depôs os seus vestidos, e tomando uma toalha, cingiu-se com ela; depois lançou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido” (Jo 13,4). Ensinou a humildade através do seu modo de viver e de agir.

Jesus, com sua atitude de serviço, demonstra que servir é a plena capacidade de amar. Aquele que se põe a serviço do irmão, por seu ato de bondade, torna concreto o amor. Jesus convida a superar tudo o que impede de viver o amor. No lava-pés (cf. Jo 13,1-15), ensina a Pedro que o amor supera tudo e que é condição para viver, plenamente, em Deus como verdadeiros irmãos (cf. Jo 13,4).

O rebaixamento não nos faz menos, mas iguais. Jesus, com sua atitude, nos diz: servir é fazer-se igual ao outro; é estar junto. A sua atitude promove uma nova vida, a vida doada, colocada a serviço. É interessante perceber que Jesus não exclui, mas inclui todos no seu gesto de bondade. Em face à resistência de Pedro (cf. Jo 13, 8), age com profunda paciência e caridade. Leva-o ao entendimento. Depois, mesmo sabendo que ia ser traído, a todos acolhe e serve, ensina desejando que participem inteiramente de sua vida (cf. Jo 13, 2)⁴⁶.

Concretamente, o mistério Pascal de Cristo é um serviço-sacrifício de salvação, e compreendido como autodoação, autoimolação. Esse serviço universal de Jesus toma aspecto final e conclusivo no ambiente da Páscoa, pois é síntese de toda a história da salvação,

⁴⁶ MARTINEZ DIEZ, Felicíssimo. *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão: cristologia e seguimento*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007, p. 222.

manifestada no seu sacrifício da cruz, como serviço e doação sem limites em favor da humanidade. Jesus Cristo é servidor do Pai e da humanidade.

Na comunidade primitiva, o tema do Servo é conteúdo do querigma, que interpreta a morte de Cristo e sua vida humilhada à luz de Is 53. Díez afirma,

A morte de Jesus tem dupla ressonância para seus seguidores. Num primeiro momento, é um escândalo; submete a uma dura prova sua fé em Jesus, a quem tinham seguido durante sua vida terrena. O fim ignominioso do Mestre Jesus acaba, também, com o seguimento dos discípulos. Estes se dispersam e abandonam a comunidade e o seguimento. Paradoxalmente, porém, a partir da experiência pascal, a própria morte de Jesus converte-se num fato revelador, esclarecedor, clarificador. Proporciona à comunidade dos seguidores algumas chaves hermenêuticas que lhes permitem reinterpretar o fato a partir das Escrituras e de algumas recordações decisivas do Jesus terreno⁴⁷.

Com efeito, segundo a nova perspectiva da fé pascal, a morte de Jesus propiciará, paradoxalmente, identificá-Lo e nomeá-Lo, conforme esta nova perspectiva. Assim sendo, ela despertará neles algumas recordações do Jesus histórico e possibilitar-lhes-á compreender algumas palavras e alguns gestos que preanunciavam sua morte de forma ignominiosa. A releitura da sua morte, a partir da experiência pascal, abre caminho à explicitação de uma cristologia que já estava implícita na vida e no ministério de Jesus histórico. Os primeiros seguidores de Jesus são judeus e, logicamente, procuram na tradição judaica categorias que lhes permitam compreender e formular quem era Jesus e o que Lhe aconteceu.

Segundo Díez, não há consenso entre os teólogos quanto a incluir o título de Servo de Javé entre os títulos cristológicos. No entanto, pode-se afirmar que é bastante alargado o consenso sobre a importância da categoria «Servo de Javé» descrita nos cânticos de Isaías para a cristologia primitiva⁴⁸.

O título de profeta escatológico era já uma via indireta que conduzia à cristologia do Servo de Javé. Mas, a figura do Servo padecente é mais do que a simples figura do profeta mártir ou do justo sofredor⁴⁹. Acrescenta-lhe um aspecto essencial para a formulação da fé cristã e para a elaboração da cristologia primitiva: os sofrimentos do Servo têm um caráter expiatório e salvífico para toda a humanidade⁵⁰. Não são simplesmente uma prova da fidelidade do profeta ou do justo: são, além disso, uma mediação obrigatória da salvação, exercida pelo próprio Servo de Javé. A restauração da aliança, anunciada pelo profeta escatológico, passa necessariamente

⁴⁷ MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 222.

⁴⁸ MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 222.

⁴⁹ MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 222.

⁵⁰ Ibid., p. 222.

pelos padecimentos do Servo. Por isso, o título de Servo introduz, na cristologia primitiva, uma importante dimensão soteriológica.

Smulders apresenta dois tipos de cristologia ou duas grandes orientações cristológicas presentes no Novo Testamento: a cristologia da preexistência e a cristologia da exaltação. Cada uma das orientações teve sorte diversa na história da teologia cristã⁵¹.

A cristologia do Servo de Javé pertence às chamadas cristologias da exaltação. Está presente, sobretudo, no livro dos Atos e em muitos outros textos do Novo Testamento. Apresenta Jesus como um homem, um profeta, um Servo de Javé fiel e obediente, que passou pela morte e foi exaltado por Deus na ressurreição. Essas cristologias, porém, dentro da história da teologia cristã, não tiveram muito êxito. Em determinados momentos da cristologia, a sua presença foi muito escassa e de pouca força inspiradora. Por isso, o título de Servo de Javé desempenhou uma função mínima nas fases clássicas da cristologia. Só no século XX, este título recuperou toda a sua fecundidade⁵².

As cristologias da exaltação estão elaboradas segundo o esquema humilhação-exaltação⁵³. É um esquema que se presta para apresentar o contraste entre a morte de Jesus na cruz e a sua ressurreição, entre a condição de Servo humilhado e a condição de Senhor exaltado. Jesus conhece as duas situações: a situação de humilhação ou *kenose* e a situação de exaltação⁵⁴.

Segundo Díez, a experiência pascal da comunidade cristã põe, em primeiro plano, a condição senhorial de exaltação à qual o Pai fez aceder Jesus ressuscitado⁵⁵. Ele é o objeto fundamental da confissão de fé cristã. Mas à luz desta exaltação, adquire especial sentido a situação prévia de humilhação e *kenose*. É o esquema do conhecido hino cristológico de Fl 2,6-11⁵⁶.

1.4.3 Kenose e exaltação

Díez afirma que a categoria de *kenose* é central neste hino cristológico de Fl 2,6-11.

Segundo Díez:

Não significa que Jesus renuncie à sua condição divina, mas à forma divina de existência, à permanência na glória e à exaltação à direita do Pai⁵⁷. Na encarnação, o Filho assumiu a condição humana e renunciou a mostrar-Se na

⁵¹ O Cristo visto e acompanhado pelos discípulos na terra preexistia ou existia antes de se manifestar aos Homens, estava em Deus. Jo 1, 1.14: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade”. Cf. MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*: cristologia e seguimento, p. 223.

⁵² MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 224.

⁵³ MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 224.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 224.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 224.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 224.

⁵⁷ MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 224.

sua forma divina de existência. Inclusivamente, assumiu a condição humana na sua condição inferior, que é a condição do servo-livre, do escravo-livre, e consumou a sua fidelidade sujeitando-Se à morte. Por isso Deus O exaltou. E assim termina o esquema cristológico humilhação-exaltação⁵⁸.

Alguns autores, porém, não estão de acordo quanto a outorgar a este hino cristológico um fundo proveniente dos cânticos do Servo de Javé de Isaías. Pelo menos, alguns aspectos do Servo de Javé descritos nesses cânticos, não são muito nítidos. Por exemplo, o valor salvífico dos sofrimentos do Servo⁵⁹.

Afirma, Díez:

A figura do Servo atribuída a Jesus está muito mais presente na cristologia dos primeiros capítulos dos Atos e em outros textos dos Sinóticos. Numerosos textos da pregação apostólica dos Atos referem-se a uma cristologia baseada no título de Servo, com alusões muito prováveis, e, às vezes, certas aos cânticos de Isaías «O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, o Deus dos nossos pais, glorificou o seu servo Jesus, que vós entregastes...» (At 3,13). «Foi primeiramente para vós que Deus suscitou o seu Servo e o enviou para vos abençoar e para se afastar cada um de vós das suas más ações» (At 3,26). «Sim, realmente, Herodes e Pôncio Pilatos coligaram-se nesta cidade com as nações e os povos de Israel, contra o teu santo Servo Jesus, a quem ungiste, para levarem a cabo tudo quanto determinaste antecipadamente, pelo teu poder e sabedoria» (At 4,27-28)⁶⁰.

Pedro pede a Deus o dom de poder realizar curas «em nome do teu santo Servo Jesus» (cf. At 4,30). O texto que o eunuco etíope está lendo, quando Filipe o encontra a caminho de Gaza, é precisamente Is 53,7-8⁶¹.

É compreensível que a primeira comunidade apostólica recorresse à figura do Servo de Javé para anunciar o *kerygma*⁶² cristão: o Crucificado pelos homens foi Ressuscitado por Deus. A figura do Servo padecente encaixa-se bem no esquema de contraste humilhação-exaltação. O título de Servo padecente ficava bem Àquele que tinha sido Crucificado. Sua solidariedade e sua missão salvífica enquadram-se bem na interpretação salvífica da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus⁶³. Pouco a pouco, todos e cada um dos traços do Servo de Javé tornam-se reveladores da identidade, missão e destino de Jesus⁶⁴.

Afirma Barbosa:

⁵⁸ MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 225.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 225.

⁶⁰ MARTINEZ DIEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 225.

⁶¹ *Ibid.*, p. 225.

⁶² Palavra grega que significa proclamação. Na teologia esta palavra significa o anúncio que revela a pessoa e a obra de Cristo.

⁶³ MARTINEZ DÍEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 225.

⁶⁴ MARTINEZ DÍEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p. 225.

O agir de Cristo é humilde, consciente e discreto, pois sua assunção messiânica é a de um servo sem vantagens, encarnada na sua vida histórica por meio da obediência ao Pai e do sofrimento. A obediência e o sofrimento de Jesus são, fundamentalmente, um serviço prestado à humanidade. Esta tipologia de Messias é mais transparente na narrativa de Marcos, onde a compaixão e a misericórdia estão à disposição do homem. Seu ser é estar a favor de todos: o Mestre assume, pacientemente, missão e destino carregando, por conseguinte, a sorte do homem. Neste sentido ele é, no seu ser e agir, o Messias humilde e sem preocupação com glória e poder. Aliás, sua glória é a de ser servo obediente a Deus⁶⁵.

Neste sentido, percebemos que Jesus viveu uma vida de obediência a Deus por meio de uma práxis de amor e entrega, servindo a todos com humildade. Assume a humanidade na sua pequenez e se faz pequeno, servo. Possibilita o encontro que gera vida e esperança.

Escreve Díez:

Daqui brota seu total esvaziamento, a Kenose: a vida privada e pública foi sempre um constante esvaziar-se de si mesmo. Sua Kenose teve início com o fato da encarnação ir se prolongando e se acentuando rumo à morte de cruz, cume do seu esvaziamento. A Kenose é um serviço de Cristo e, portanto, um imperativo para o seu discipulado. Ela é a condição humana do Servo de Deus. A pobreza e o sofrimento, a humildade de sentimento e a renúncia de Si próprio são os aspectos singulares desta atitude interior do ser discípulo do Mestre Jesus⁶⁶.

O amor levado aos extremos foi um esvaziamento preenchido de esperança para o mundo. É um convite a todo discípulo e discípula a fazer da vida dom de amor e de serviço.

Jesus é apresentado como aquele que vence o sofrimento e a morte e é exaltado. Em Jesus servo contemplamos um homem – Filho de Deus que coloca a serviço sua vida toda doada no partilhar e resgatar a vida ameaçada. Diante dos que sofrem, demonstra uma capacidade de amar que transforma a vida. Faz novo o ser humano esmagado pela dor.

Um “quê” de incompreensão paira em nossas mentes. Imaginar um Deus que se humilha e, em silêncio, sem murmúrios e lamentações, serve e sofre e continua amando os seus, de fato nos leva a afirmar: Nosso Deus está verdadeiramente conosco acima de tudo e de todos⁶⁷.

É um verdadeiro servo, o servo por excelência que não precisou ser escravo obrigado a carregar o jugo alheio, mas se colocou, por inteiro, a reconduzir a humanidade no caminho da vida e tudo isto através do serviço desprendido e despretenhoso. Fez de sua vida uma entrega de louvor ao Pai, consciente de que sua missão era aquela de fazer viver. A vontade do Pai foi a alavanca que impulsionou e dirigiu o seu existir. “Não devo ocupar-me das coisas de meu

⁶⁵ BARBOSA, Francisco de Barros. *A Experiência do “Cristo Servo” na América latina: uma cristologia de serviço e seguimento: modalidade do Cristo Servo*. São Paulo: Loyola, 2003. p.25

⁶⁶ MARTINEZ DíEZ, *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão*, p.226

⁶⁷ CANTALAMESSA, *Obediência*, p.14.

Pai?” (Lc 2,49).

Imaginar que a ocupação de Jesus era conosco, filhos transviados e necessitados de ser reconduzidos, nos faz exultar de alegria, a exemplo de Maria no Magnificat (cf. Lc 1,46ss) e ainda nos faz contemplar em Jesus o Humano perfeito, amante da vida e doador da vida.

Assim fala Gonzalez Faus:

“Rico” é o homem Jesus a quem a comunidade confessa como Deus, porém que aparece despojado das ressonâncias de glória e majestade que pede sua divindade (aparece como pobre), e com as quais poderia ter vindo (se fez pobre, não o era). Deus não veio numa humanidade perfeita, como aquela que aparece na Transfiguração, mas na humanidade desta história e com nossa mesma sorte; não na ‘carne espiritual’, mas na ‘carne de pecado’⁶⁸.

Neste trecho de Gonzalez Faus, podemos inferir que Jesus, em sua humanidade, fez um total despojamento. Se recordamos a passagem em que Ele diz: “O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20), de fato, constatamos que não se apegou, em nada, à sua condição divina, mas viveu o despojamento até a doação da própria vida. Portanto, estava entre os esquecidos e marginalizados da sociedade, os pobres e indefesos. Compartilhou do sofrimento do mundo e fez de sua vida uma comunicação e expressão de amor e de emanção da vida. Ensinou o caminho da humanização para a humanidade desumanizada.

No homem Jesus, aprendemos o caminho de vida feita dom e serviço. Caminho trilhado na busca e realização da vontade do Pai. Se servir e amar foi uma constante em sua prática, não menos foi a sua obediência e empenho no ser e estar junto a todos que a Ele se achegavam. Servo por excelência porque é movido para o encontro, despojado de si, preenchido do amor do Pai, confiante e fiel no cumprimento de sua missão.

Com efeito, Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, ensina que só quem ama de verdade é capaz de dar a vida. A lógica do amor não tem medida: é dom gratuito e incondicional. Assim foi que Jesus viveu amando até o fim e o mesmo ensinou aos seus seguidores. Da sua vida fez-se entrega, desprendida de tudo e de todos para que a humanidade ferida tenha vida plena.

A passagem de Mt 10,28 que diz: “Não tenham medo daqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma” ajuda a perceber que Jesus nos ensina que somente ele pode nos conduzir naquilo que é verdadeiro e bom. O caminho que conduz à vida é o da entrega por uma causa que nos faz sair do nosso mundo para estar em plena comunhão com o irmão.

⁶⁸ GONZALEZ FAUS, J. I. *La Humanidad Nueva: ensayo de cristología*. Barcelona: Sal Terrae, 1984. p. 185-186.

Portanto, os seguidores de Jesus devem fazer da sua vida possibilidade de que o outro possa conhecer e aderir ao caminho gerador de vida e de esperança no mundo, sendo sinal do Reino. Ir na contramão de tudo que a sociedade impõe como ganho, fazendo do poder um serviço de amor. A resposta obediente de Jesus Filho, à vontade de Deus Pai torna-se modelo de toda obediência cristã que se transforma em seguimento de Cristo ao longo da história⁶⁹.

Ir na contramão do mundo hodierno, eis o grande desafio dos discípulos de Jesus. Portanto, só um testemunho autêntico pode ajudar na vivência radical da entrega e doação por um mundo justo e fraterno.

1.4.4 A espiritualidade do serviço

O presente tópico versará sobre a espiritualidade do serviço, olhando para Jesus servo como Aquele que fez de sua missão entrega e doação, serviço de amor oblação, aos pobres e sofredores de seu tempo.

Recorreremos sempre à imagem de Jesus servo com quem os seguidores se identificaram e procuraram conformar toda sua vida, para que se cumprisse também neles a vontade de Deus, caminho de inteira comunhão com Jesus e o projeto do Pai na construção do reino.

As palavras de Jesus: “Eu vim não para ser servido, mas para servir e dar a minha vida em favor de muitos” (Mc 10,45) confirmam que, como servo, veio resgatar e dar vida a toda humanidade. E nesta missão amou até o fim, colocando-se totalmente aberto ao querer do Pai.

Sua opção foi pelos pobres e oprimidos do seu tempo, por aqueles com quem ninguém se importava. Para Jesus, é para esses esquecidos da sociedade que o Reino está reservado. Para esses esquecidos e marginalizados do seu tempo, buscou o direito e a justiça, dando a eles a dignidade de pessoa humana.

É, sem dúvida, um caminho de amor, de vida e coragem ir àqueles que estão à margem e ajudá-los a resgatar o sentido da existência; dar-lhes oportunidade de olhar a vida com um novo olhar, sentir-se valorizados, amados. Se trata do reconhecimento do outro e de sua dignidade como pessoa.

Nesse sentido falaremos de uma espiritualidade do serviço, mirando Jesus como servo que dá a vida, amando e servindo, fazendo-se com os outros e para os outros. Nosso primeiro

⁶⁹ LIBANIO, João Batista. *Obediência na Liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 35.

passo será dizer, brevemente, o que é espiritualidade e, em seguida, tratar da espiritualidade do serviço, depois falaremos do serviço como doação.

Para a Escritura, a experiência espiritual não é uma experiência sobre Deus, mas de Deus. Há um *a priori* absoluto e gratuito de Deus, uma irrupção e ação eficaz que parte da transcendência divina e penetra na trama da história; Deus é o primeiro e o último de toda espiritualidade⁷⁰.

Deus se manifesta ao ser humano e este, por sua vez, em sua abertura para o transcendente, é chamado à correspondência e acolhida pela ação da graça e na fé a se relacionar com o Totalmente Outro. Assim, na experiência espiritual, que é dinâmica, o ser humano é envolvido por inteiro.

Neste sentido, Mondoni afirma:

Desta forma, a espiritualidade cristã é vida no Espírito Santo ou a própria vida cristã. É orientar-se para Deus, através de Cristo, no Espírito Santo. Deixar-se conduzir pelo dom da graça, experimentar a ação da graça numa profunda vida de intimidade com Cristo, ser tomado pela força do amor atuante de Deus em nós, moldar-se interiormente movido pelo Espírito da vida e do amor⁷¹.

Cristo, o Filho amado do Pai, em sua vida foi guiado pelo Espírito para realizar aquilo que era a vontade do Pai. Portanto, suas palavras e gestos estavam em sintonia com o querer amoroso do Pai, pois era no encontro pessoal com o Pai, por meio da oração, que buscava discernir tudo o que devia realizar.

Com efeito, porque Jesus servo fez da sua existência abertura e entrega a tudo o que o Pai lhe pediu, foi capaz de, em tudo, servir num fecundo e profundo amor de doação e serviço. Aqueles que seguem Jesus servo têm como meta pautar a vida conforme as orientações do Mestre, por meio de uma experiência fecunda com Deus para ser capaz de servir o irmão com amor e colocar-se, inteiramente, a serviço da promoção e da humanização do ferido e machucado pela exclusão social e pela indiferença. A missão na qual deve-se empenhar é fundamental para que o ser humano seja o centro de toda a ação e não as coisas materiais. O compromisso é de afirmar que a vida tem primazia sobre todas as coisas.

Hoje, mais do que nunca, o desafio de valorização e resgate da vida emerge de nossa sociedade como um clamor ao Deus da vida.

Casaldàliga afirma:

O amor é programa do Reino de Deus. Nenhuma espiritualidade será segundo o Espírito de Deus e nenhuma profecia será conforme à sua Palavra se não

⁷⁰ MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Loyola, 2002, p.22.

⁷¹ *Ibid.*, p. 22.

praticarem e anunciarem, antes de tudo e acima de tudo, o amor misericordioso e libertador de Deus⁷².

Contemplando a vida de Jesus servo, vemos que sua missão consistiu verdadeiramente, em anunciar e inaugurar o Reino. Missão realizada com fidelidade, que transparecia no seu modo de ser e agir. Portanto, a vida de Jesus é anúncio do amor misericordioso do Pai, revelado em sua pessoa. Aqueles que aderem a Ele aprendem a verdadeira forma de anunciar o Reino e de trabalhar pelo Reino.

Portanto, por meio do amor e da comunhão com Jesus, podemos aplicar nossas forças e nossa vida na luta por um mundo novo, vivendo a opção pelos excluídos de nossa sociedade e sendo capazes de amar até o fim, na gratuidade e na perseverança numa atitude obediencial.

1.4.5 O serviço como doação

Segundo Berger:

“Dar a vida” não significa: render a vida ao martírio, rumar para a morte o mais depressa possível, mas: servir da maneira mais intensiva possível, dedicar-se a outros, correspondendo assim à dignidade do Filho do Homem. A expressão grega “dar a vida” também está documentada com essa acepção. “Dar a vida” ou “empenhar a vida” significa, portanto, dedicar toda a sua existência a uma causa ou pessoa, consagrá-la, pôr em risco a existência⁷³.

O amor que Jesus dedicou aos pobres e pequeninos nos remete a uma vida doada, a um compromisso atuante e vivo, uma práxis concreta do amor. Sua capacidade de tornar efetivo o amor nos interpela a sair do comodismo e nos coloca em movimento de saída, de abertura para o próximo.

Podemos nos perguntar: por que Jesus conseguiu viver esse caminho tão exigente de entrega e doação, lutando pela causa dos pobres e marginalizados de sua época e enfrentando as autoridades de seu tempo? Certamente, porque sabia que não estava sozinho. A confiança no Pai foi a alavanca que o sustentou, pois estava em perfeita comunhão com Ele. Inúmeras vezes os evangelistas apresentam Jesus em oração com o Pai, num diálogo fecundo (cf. Mc 1,35; Mt 6,12; Lc 4,42-44).

⁷² CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, M. J. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.158.

⁷³ CASALDÁLIGA; VIGIL, *Espiritualidade da libertação*, p.151-152.

Seguramente, Jesus fez da sua existência serviço e doação, porque, para Ele, onde a vida está ameaçada e corrompida não se pode celebrar a alegria da existência, o dom recebido, a vida em abundância que Ele veio oferecer para todos (cf. Jo 10,10).

A dimensão oblativa vivida por Jesus deve animar e motivar os que com Ele partilham a vida. Um verdadeiro seguidor de Cristo não deve se ater a coisas supérfluas, passageiras, mas tender para o bem maior, pensando não só em si, mas em todos os irmãos e irmãs, para que sua vida seja uma constante comunhão com as dores e alegrias do mundo, uma entrega para que a humanidade reencontre o caminho da solidariedade e da verdadeira vida.

Jesus nos ensina a grande lição de humildade e de serviço. Ele próprio, filho de Deus, não se fixou no “pedestal divino” e veio até nós na simplicidade de servo e amigo, não tirando vantagem de sua condição superior. Ensinou-nos a ser grandes, justamente, no fato e na atitude de servirmos com humildade o semelhante: “Quem quiser ser grande seja vosso servo; e quem quiser ser o primeiro seja o escravo de todos” (Mc 10,43-44).

Portanto, viver o serviço doação é uma dinâmica do Espírito que move para a prática do bem, do amor sem medida, do esvaziar-se para preencher-se do verdadeiro amor, vida.

Para Jesus, servir é amar, só quem ama é capaz de se doar, de oferecer seu tempo e sua existência para que o outro esteja bem, se sinta acolhido e amado.

A parábola do Bom Samaritano nos interpela a nos fazer próximos e a deixar nossos medos, nossas seguranças, nossos interesses para cuidar do irmão, investir o que somos e temos para que o outro esteja bem, seguro e amparado (cf. Lc 10,25-37). “Vai e faze tu o mesmo” (Lc 10,37).

A interpelação de ir e fazer o mesmo deve nos colocar em movimento, em atitude de itinerância, para nos desdobrarmos em cuidado pelo outro, em atenção às suas necessidades urgentes.

A urgência de estender a mão a quem precisa deve nos fazer, a exemplo do samaritano, pospor nossos projetos e interromper nossa viagem e nossas atividades⁷⁴. A preocupação pela vida do outro deve nos mover por dentro, fazer emergir o melhor de nossa humanidade, para nos dobrar diante do irmão necessitado, nos perder para ganhar uma nova identidade.

“Jesus nos ensina a amar, a trabalhar, a sofrer, a nos dedicar a um objetivo, a ter esperança e também a morrer como verdadeiros seres humanos”⁷⁵. Assim sendo, quando nos

⁷⁴ CONGRESSO INTERNACIONAL DA VIDA RELIGIOSA. *Paixão por Cristo Paixão pela humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2004, p.154-155.

⁷⁵ GALILEIA, S. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1983, p.68.

pomos a servir o outro, estamos nos humanizando e dando oportunidade ao outro de se humanizar, de resgatar a sua identidade de pessoa e de nos descobrir como seres de doação.

As bem-aventuranças de Lucas nos revelam, precisamente, as predileções e opções do Reino, indicando-nos, portanto, as opções e orientações objetivas da evangelização, como atividade da Igreja que promove o Reino⁷⁶.

As promessas, o seguimento e a felicidade são frutos das bem-aventuranças e, assim, são inseparáveis⁷⁷. Diferente do que propõe nossa sociedade, a proposta do Reino nos interpela a um desprendimento constante, deixando de lado o consumismo e a corrida desenfreada pelo sucesso, pela gratificação e pela felicidade de uns poucos. A busca de viver as bem-aventuranças deve nos impulsionar ao compromisso que renova o agir humano, transforma o coração, impele à prática do amor serviço.

Quem conheceu Jesus servidor da humanidade não consegue mais ficar preso às suas seguranças. Tudo que parecia saber e possuir torna-se inútil. As convicções passadas já não têm sentido. É necessário dar novo sentido à vida e, para tal, o caminho a trilhar é o da renúncia de um mundo criado de maneira ilusória.

Tomados pela mão por Jesus servo, experimentamos o caminho de um amor desapegado, e nos pomos a aprender a ser sinal de amor e serviço para os irmãos, pois servir é amar e deixar-se plasmar numa nova realidade.

O reconhecimento de que é preciso uma transformação interior é o primeiro passo para iniciar uma nova vida onde as nossas seguranças do passado tomam nova forma, passo que só pode ser dado partindo do encontro pessoal com Jesus. Uma vida de interioridade e reflexividade nos lança ao encontro do outro e nos torna servidores do Reino.

Jesus servo desprendido de tudo e de todos e, ao mesmo tempo, amante da vida é o modelo de toda uma vida de encontro e de entrega. Amar e servir são o centro de sua existência. É olhando para Jesus que poderemos ser capazes de viver o verdadeiro amor e serviço a nosso próximo necessitado e, assim, realizar a vontade do Pai.

Conclusão

O caminho delineado ao longo deste capítulo nos faz concluir que, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, a obediência é um modo de responder de forma

⁷⁶ GALILEA, S. *Espiritualidade da Evangelização segundo as bem aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 21

⁷⁷ GALILEA, *Espiritualidade da Evangelização*, p. 16.

prática à vontade de Deus. Portanto, obedecer significa ouvir e pôr em prática a Palavra de Deus. Empenhar toda a vida na Palavra ouvida, entregar-se por uma causa que vale a pena, que transforma a pessoa e a faz plena de Deus e toda para os outros. Uma vida de serviço e doação por amor a um Deus que caminha conosco.

Quando falamos de Jesus, evidentemente, não conseguimos abarcar a totalidade de sua pessoa, Ele que viveu plenamente a obediência até o fim. Com efeito, este aspecto abordado neste trabalho não esgota a temática. Conscientes dessa limitação, ficamos com a sensação de que nosso trabalho foi uma aventura que fez emergir e aguçar o desejo de ir sempre além no aprofundamento.

Os cânticos do servo nos transportaram para uma percepção mais profunda da missão do servo. Missão que tem consequências e que não foi interrompida por medo, por desânimo, por dificuldade, mas assumida com todo o ser até o fim, com fidelidade, humildade, obediência, amor.

Portanto, falar de Jesus Servo por excelência nos desafia a uma mudança constante de atitude face ao que parece preestabelecido no âmbito pessoal e comunitário. Suas palavras, gestos e atitudes permeados de amor e de doação questionam o comportamento de quem o segue e que, de alguma maneira, se depara com uma “vida inerte”, que leva ao comodismo e que impede de olhar para o futuro com esperança.

As exortações que Jesus fez aos seus discípulos continuam atuais: “Eu vos dei o exemplo [...]; O servo não é maior que o Mestre” (Jo 13,15s); “Estou no vosso meio como quem serve” (Lc 22,27). Não podemos esquecer que o compromisso assumido é para sempre.

Com efeito, a opção de Jesus pelos excluídos da sociedade visa a servir e amar aqueles que ninguém amava “ou que o mundo descartava e descarta”⁷⁸. Do mesmo modo, seus seguidores não podem fazer menos. Sua vida deve tornar-se oferta e oblação.

Se servir é amar, a renovação deste amor deve ser diária, porque todos os dias precisamos ter atitude de saída de nós mesmos para ir ao encontro do outro e gastar o nosso tempo e a nossa vida a exemplo de mestre Jesus.

Olhando para Jesus, que tudo entregou por amor da humanidade, o discípulo abrasado de amor, anuncia o evangelho da esperança e se torna, com Jesus, sinal de esperança e de vida

⁷⁸ FRANCISCO, Papa. Combater as várias expressões da cultura do descarte nas ciências. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/01/28/papa_combater_cultura_do_descarte_que_tem_v%C3%A1rias_express%C3%B5es/1204352>. Acesso 05 set. 2017.

e assim, assume com alegria a missão, mesmo em face aos desafios e se lança na busca da justiça e do direito para que todos tenham vida.

Sendo Deus, Jesus não se apegou à sua condição divina, mas se humilhou e se entregou (cf. Fl 2,6-8). Quis compartilhar de nossas alegrias e de nossas dores, ensinando-nos a ser verdadeiramente humanos. Portanto, somos convidados por Jesus a nos compadecer uns dos outros e a ajudar-nos mutuamente. Ele, que por todos se entregou, aponta-nos um caminho de entrega constante.

Com efeito, entre irmãos e irmãs, deve reinar a partilha e a comunhão, para que a ninguém seja negado o direito aos bens necessários para a própria sobrevivência e vida digna. Por isso, o seguimento da pessoa de Jesus é compromisso com a causa que abraçou, servindo e amando até o fim, realizando a vontade do Pai, levando esperança ao mundo, vivendo a obediência como caminho de libertação, de vida em Deus Pai, que deseja a felicidade de seus filhos e filhas muito amados.

2 MADRE GAETANA STERNI E O CONTEXTO DE SUA ÉPOCA

Introdução

Antes de adentrar o segundo capítulo, que tratará de Madre Gaetana Sterni e o contexto de sua época, recordamos que o capítulo anterior tratou dos fundamentos bíblicos e teológicos da obediência. Desenvolvemos o tema, tendo Jesus Cristo como o modelo de obediência. Portanto, Ele é o obediente por excelência. É olhando para Jesus, que Gaetana fará o seu itinerário, moldando-se para, em tudo, cumprir a Divina Vontade¹.

Apresentaremos a vida de Gaetana Sterni através de quatro períodos bem definidos: primeiro período, infância, juventude e matrimônio (1827-1842); o segundo período da viuvez, marcado pela busca de um novo rumo para a sua vida (1843-1853); o terceiro período vai da sua entrada no Ricovero de Bassano, e culmina na fundação da congregação (1853-1860). O quarto período será marcado pela sua atividade de superiora e guia do nascente instituto até à morte (1860-1889), e finalizaremos com um breve quadro sobre a sua personalidade².

Dentre esses períodos que condensam o itinerário existencial de Gaetana Sterni, pinçaremos elementos que comporão a sua espiritualidade na conformidade, em tudo, à Divina Vontade. Nesta aventura será possível perceber que Gaetana é uma mulher que soube colher a ação da graça Divina atuante em sua vida; dessa forma, foi amadurecendo e crescendo na sua relação com Deus.

Para melhor nos situarmos, percorreremos, brevemente, o período histórico que prepara, acolhe e acompanha Gaetana Sterni até o nascimento da Congregação³.

O contexto em que viveu Gaetana Sterni é um período histórico de grande turbulência na política e na cultura ocidentais. Embora seus escritos não mencionem incidências diretas dos acontecimentos históricos do século XVIII e XIX sobre sua personalidade ou suas escolhas, não podemos esquecer um contexto que, pelo menos indiretamente, lhe deixou marcas⁴.

¹ SUORE DELLA DIVINA VOLONTÀ. *Elementi di dottrina spirituale della Congregazione*. Bassano Del Grappa: [s.n.], 1978-1984, v. 3, p.

² VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni fundatricis Sororum a Divina Voluntate: positio super virtutibus. Romae: [s.n.], 1985. (Sacra Congregatio pro causis sanctorum. Officium storicum, 126), p. 6.

³ SIGNORI, Franco. *Memorie Spirituali Cenni Storico Culturali e Profili Biografici di Franco Signori*. Bassano del Grappa: Grafiche Gabbiano, 2001, p. 12

⁴ STERNI, Gaetana. *Autobiografia*. Vicenza: Tipolitografia, 1978, p.15.

2.1 Contexto político e socioeconômico

Em 1815, com a batalha de Warteloo, sinalizou-se a queda definitiva de Napoleão Bonaparte e a consolidação da Restauração. O sucessivo Congresso de Viena, realizado entre 1814-1815, procedeu a uma reorganização da Europa segundo o princípio da legitimidade, ou seja, da suposta condição política da Europa anterior à supremacia napoleônica. Desta dinâmica, o czar da Rússia assinou com os reis da Áustria e da Prússia a Santa Aliança. Na França, onde a dinastia dos Bourbon foi restaurada, Luís XVIII (1814-1824) não exibe grande piedade, mas seu irmão Carlos X (1824-1830) se faz sagrar em Reims e mantém forte proximidade com a Igreja. A partir daí, o catolicismo volta a ser a religião oficial naquele país. E na Itália? Nesta região, que não constituída um território unificado, o papa recuperou os Estados pontifícios, situados na região central e no reino de Nápoles, “muitas reformas judiciais e administrativas dos franceses foram mantidas”⁵. Em paralelo, os bassaneses, a partir de 7 abril de 1815, passaram a fazer parte do Reino Lombardo Veneto⁶. Bassano agregava-se à província de Vicenza, que se tornou sede de uma repartição com poderes comuns aos dois distritos. No ano seguinte, em 27 de junho, em vista dos particulares ataques à casa d’Áustria, ela foi elevada ao grau de cidade régia, com todos os ônus e encargos que o novo título podia comportar⁷.

Mas a situação política ainda apresentava-se instável nos reinos italianos, pois em 1820, um movimento liberal da Espanha conseguiu chegar ao poder e restabelecer a Constituição de 1812. Tal mobilização repercutiu no Reino das Duas Sicílias, que marcham até Nápoles, também exigindo uma Constituição de perfil liberal. Diante de tal pressão, “o rei Ferdinando foi forçado a aceitar a constituição espanhola, que limitava seus poderes e reduzia a centralização, mas o exército austríaco apoiou o rei Ferdinando que recuperou o governo absoluto em março de 1821”.⁸ Já no Piemonte, a ala liberal da nobreza aliou-se a grupos burgueses, em favor de um programa constitucional. Um início de revolta liberal chegou a eclodir na Lombardia-Veneza, mas também foi sufocada pelas tropas austríacas.

⁵ GASPARETTO, Antonio. O Contexto Histórico da Encíclica *Mirari Vos*. Revista *Estudos Filosóficos*, n. 3, DFIME – UFSJ, São João del-Rei-MG, p. 43-56, 2009. p. 48.

⁶ BERTI, G. *Censure e Circolazione delle idee nel Veneto della Restaurazione*. Venezia, [s.n.], 1989, p. 323-380.

⁷ SIGNORI, *Memorie Spirituali Cenni Storico Culturali*, p. 12.

⁸ GASPARETTO, Antonio. O Contexto Histórico da Encíclica *Mirari Vos*. p. 48.



Fig. 1 – O território italiano entre as décadas de 1820 e 1840.⁹

Novas crises políticas se processam na década de 1830. Os movimentos liberais na França suscitaram uma revolta em Modena, que se espalhou por Roma e pelos Estados Papais. Todavia, isolados por não receberem apoio das tropas franceses, os revoltosos italianos foram derrotados pelo exército austríaco em 1831. Em paralelo, “os liberais católicos defendiam a ideia de que o progresso deveria retornar para o controle espiritual, feito mediante o controle da Igreja, como escreveu o mais destacado liberal católico Vincenzo Gioberti, que defendia uma federação italiana livre da hegemonia austríaca e sob a presidência do papa”.¹⁰ Todavia, embora

Naquele ano [de 1848], mobilizados pelo clamor nacionalista geral, muitos grupos e agremiações das elites centroitalianas [tivessem] recorrido ao recém-eleito Pio IX em busca de apoio para expulsar os austríacos da península. Seus esforços foram em vão. O pontífice se recusava a agir contra uma das maiores monarquias católicas da Europa.¹¹

Não obstante, as boas relações do pontífice com o Império Austríaco não seriam suficientes, ele bem o sabia, para sustentar a estabilidade política dos Estados pontifícios diante das demandas dos grupos favoráveis a reformas constitucionais. Assim, ele buscava adotar uma postura conciliatória, implementando várias mudanças de cunho liberal e aparente endosso da modernidade técnica, como “planos para a construção de ferrovias, a criação de um Instituto

⁹ *Mapa da Itália dividida*. Imagem disponível em: < <https://jcmontteiro.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos-europa-no-seculo-xix/mapa-da-italia-dividida-jpg/>>. Acesso em 1 abr. 2018.

¹⁰ GASPARETTO, Antonio. O Contexto Histórico da Encíclica *Mirari Vos*. p. 49.

¹¹ RUST, Leandro Duarte. “Ecos de Pio IX”: política e historiografia oitocentistas na criação de um estado pontifício para a Idade Média. *História Unisinos*, v. 16, n. 1, p. 130-138, Jan./Abr. 2012. p. 133.

de Agricultura para os territórios submetidos à sua autoridade, a fundação de uma imprensa controlada por laicos e a outorga de uma Constituição aos seus súditos”.¹² Mas nem mesmo tais concessões sustentaram a governança papal sobre os territórios pontifícios, e a partir de 1850, inúmeros jornais afirmavam que os Estados papais eram um entrave à criação de uma Itália unificada.

Nesse ínterim, se a Península italiana conheceu um relativo controle dos conflitos político-militares entre 1830-1850, a repressão política que garantia tal “estabilização” fez-se acompanhar por severa recessão econômica:

A nova situação econômico-social criada com o Reino Lombardo Veneto será marcada por uma vasta estagnação geral. A política da Áustria, inaugurada com o Congresso de Viena (1815), não tinha nada que pudesse interessar e incentivar verdadeiramente a antiga indústria de seda e lã que tinham feito a cidade prosperar nos séculos passados. Decidido a transformar o Lombardo Veneto em um exclusivo mercado de saída das fábricas Morave Boeme, a Áustria se esforçava em eliminar qualquer concorrência dos chamados “produtos nacionais” proibindo em um primeiro momento qualquer importação dos tecidos, e estendendo depois, tais determinações a todas as manufaturas¹³.

Em decorrência, houve um forte êxodo do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida¹⁴. Tem-se como resultado uma situação geral de pobreza, de doença e de desnutrição, sem nenhuma política assistencial eficaz por parte dos governos. O cuidado com os necessitados é deixada a cidadãos privados que dão vida às obras pias e confraternidades¹⁵.

2.2 Contexto religioso

Ao longo do século XIX, o catolicismo adotou uma postura cada vez mais reativa, em sua quádrupla rejeição à reforma protestante, à filosofia das Luzes, à revolução de 1789 e ao Estado liberal. Trata-se de um modo de resistência às ameaças da mudança histórica. A relação mantida pela Igreja com a sociedade civil e com as demais religiões processava-se na base do enfrentamento.

E se o papa Pio IX, no início do seu pontificado, em 1848, tinha sido apresentado como um pontífice “liberal”, justamente em função das reformas acima descritas, ele logo é considerado uma liderança intransigente. Assim, logo em 1848, Pio IX optou por deixar Roma a ter de negociar com as revoltas liberais; ele escapou disfarçado para o Reino de Nápoles. Só

¹² RUST, Leandro Duarte. “Ecos de Pio IX”. p. 134.

¹³ SIGNORI, *Memorie Spirituali Cenni Storico Culturali*, p. 12.

¹⁴ *Ibid.*, p. 323-380.

¹⁵ BERTI, *Censure e Circolazione delle idee nel Veneto della Restaurazione*, p. 323-380.

em abril de 1850 pode retornar a Roma, após intervenção diplomática da França e da Áustria. Desde então, o pontífice tornou-se mais reativo às reivindicações liberais.

Assim, durante o verão de 1860, Pio IX reuniu um exército para impedir a unificação da Itália, mas suas tropas foram esmagadas ainda neste ano. Em janeiro de 1861, prescreveu a todos os católicos que se abstivessem de votar nas eleições para o Parlamento do recém criado reino da Itália, chefiado pelo rei Vítor Emanuel II. Todavia, a Santa Sé fica cada vez mais isolada com a vitória da Prússia sobre a Áustria, em 1866, e a revolução liberal na Espanha, em 1868. Nos anos seguintes, Pio IX mobilizou em toda Europa, particularmente na França, na Bélgica e na Áustria, voluntários armados, o zuavos pontificais, para defender Roma. Na primavera de 1867, apelou para seu exército e para brigadas francesas para impedir os “camisas vermelhas” de Garibaldi de tomar Roma. Depois de 20 de setembro de 1867, encerra-se em seu palácio no Vaticano como um “prisioneiro”.

Em contrapartida, visando a fortalecer a centralização da autoridade pontifícia, Pio IX adota algumas medidas, que tiveram importante repercussão. Por uma delas, ele reitera a necessidade de visitas periódicas dos bispos a Roma, “no limiar dos apóstolos” (*ad limina apostolorum*). Em paralelo, endossa a unificação do culto em torno da liturgia romana. Outra iniciativa foi o incentivo à multiplicação das congregações masculinas e femininas postas sob a liderança romana, bem como o elã missionário regulado pela Congregação da “Propaganda” (*de propaganda fide*). E não menos importante, Pio IX aprovava a exaltação da pessoa do papa através da imprensa e do imaginário católico.

Outra grande resposta da Igreja a essa situação consistiu na realização do Concílio Vaticano I (1869-1870), no qual estabeleceu-se a infalibilidade do Papa e, portanto, a obediência à sua autoridade. Ademais,

Neste século, se alargam as formas de associacionismo católico para a formação espiritual do povo e das várias obras de assistência caritativa. Uma importância particular, neste sentido, assumem as ordens ou congregações religiosas que no século XIX floriram em grande número e ganham vida depois da supressão vinda pelo fim do século XVIII¹⁶.

A vida espiritual é colocada em relevo. A vida religiosa ganha espaço e surgem novas instituições de vida consagrada.

Neste contexto, se a independência temporal da Santa Sé desmoronava, ela era vivida no mundo católico como martírio: em 1867, o Estado pontifício se fará representar, na Exposição Universal de Paris, por uma... catacumba. Em 20 de setembro de 1870, as tropas italianas

¹⁶ BORRIELLO; DELLA CROCE; SECONDIN, *La spiritualità Cristiana nell'età contemporanea*, p. 11.

entram em Roma e põem fim aos Estados pontifícios. A Igreja Católica, em sua teologia (sobretudo eclesiologia), aparece como uma fortaleza situada, agrupada em torno da autoridade do “vigário de Cristo”¹⁷.

2.3 Considerações da Espiritualidade do século XIX

A Igreja da Restauração se propõe a recristianizar as massas populares. Dá-se grande atenção ao recrutamento do clero, reorganizando os seminários. As congregações fornecem novos sacerdotes, pois as antigas ordens renascem de modo paulatino. Em 1814, Pio VII reconstituiu os jesuítas, admitidos com reserva na França. Surgem também inúmeras congregações masculinas e femininas, por vezes oriundas de pequenos grupos religiosos formados espontaneamente durante a Revolução. As congregações desempenham várias funções: ensino, serviço aos pobres e aos enfermos. As missões longínquas também são retomadas. Há um incremento da devoção mariana e da espiritualidade da reparação.

Efetivamente, após a Revolução Francesa, a Virgem Maria torna-se foco de intensa devoção. Em torno de 1830, é representada com o rosto da mulher-flor dos românticos, rodeada de rosas e violetas. São redescobertas estátuas milagrosas, solenemente postas nos altares. As integrantes das associações das filhas de Maria, fundadas em 1845, desfilam em procissão vestidas de branco e azul. Em paralelo, Nossa Senhora das Graças, da Caridade, da Piedade e do Socorro são devoções vinculadas às classes trabalhadoras, sobre o fundo da ascensão dos socialismos. Também durante os anos 1830-1840, recrescem numerosas peregrinações marianas¹⁸. Este, inclusive, será um dos traços mais fortes da devoção de Gaetana Sterni: em sua autobiografia, é possível perceber a devoção a Maria, em quem se espelhará como modelo de seguimento, de discípula fiel, que realizou a vontade de Deus.

De forma concomitante, o culto da infância de Cristo era muito vivo no século XIX, favorecido pelo culto da Sagrada Família. Havia uma ascensão progressiva do sentimento de infância no Ocidente. Grandes textos literários, os de Rousseau e de Stendhal, por exemplo, atestam esse movimento. Ele corresponde ao desenvolvimento da esfera privada e da subjetividade. Processo complexo, preparado a partir de Trento pelo desenho de uma espiritualidade conjugal e acelerado pelo tema da alma sensível e do novo modelo do casamento do amor. No domínio da piedade, há um culto familiar, feito de preces recitadas em comum, às vezes dentro de pequenos

¹⁷ CORBAIN, Alain (org.). *História do cristianismo*: para compreender melhor nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

¹⁸ BARNAY, Sylvie. A renovação da teologia e do culto marianos. In: CORBAIN, Alain (org.). *História do cristianismo*: para compreender melhor nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

oratórios domésticos. Simultaneamente, difunde-se uma imaginária seráfica. O par formado pela criança e pelo seu anjo da guarda, o modelo proposto pela pessoa de São Luís Gonzaga, a figura de Tobias da Bíblia, de quem se faz uma criança, ilustram esse tema. Não será diferente para com a família de Gaetana Sterni, onde se infundirá nos filhos o zelo pela fé cristã. Afirma Gaetana:

Lembrarei para sempre a alegria que sentia quando, ao cair da tarde, minha mãe me chamava para junto dela, com meus irmãozinhos, e depois de fazermos as orações diárias e de nos instruir um pouco sobre as principais verdades das Sagradas Escrituras, ou a vida e a paixão de Jesus Cristo ou as façanhas de algum santo, escolhendo as mais adequadas à nossa pouca idade, e terminando por nos exortar a querermos ser, também nós, bons, para imitá-los e por fim irmos para o céu¹⁹.

Gaetana recorda com nostalgia a pedagogia usada pela mãe para orientá-la e aos irmãos no bom caminho, através de uma vida de oração.

2.4 Breve aceno da vida de Gaetana Sterni

Como já mencionamos na introdução deste capítulo, apresentaremos a vida de Gaetana Sterni, situando alguns períodos marcantes, até à fundação da Congregação das *Filhas da Divina Vontade*²⁰. Constataremos, em sua vida, a ação da graça de Deus atuante em toda a sua história.

2.4.1 Primeiro período: infância, juventude e matrimônio

Gaetana Sterni nasce em Cassola, a 26 de junho de 1827, Província de Vicenza, filha de Giovanni Battista, veneziano, e de Giovanna Chiuppani, de distinta e abastada família, do pequeno município de Bassano Del Grappa. Gaetana recebe o batismo no mesmo dia, na Igreja paroquial de São Marcos Evangelista, em Cassola. O pai, que é de Venezia, transfere-se para Cassola com a família e emprega-se na propriedade da família Ca'Mora, como administrador. Era um homem mencionado por todos, “capaz, de bons costumes”. A mãe é uma mulher ativa, enérgica e religiosa, de caráter forte, dedicada e fervorosa.

Nesse sentido, Gaetana recebeu uma sólida educação cristã da mãe como, também, seus irmãos, que serão instruídos na fé e nos valores cristãos. Aprendeu, em meio às dificuldades familiares, o sentido prático da dedicação e do amor à família, que é uma importante

¹⁹ STERNI, Gaetana. *Mística cotidiana*: autobiografia (1864-1889). São Paulo: [s.n.], 2011, p. 15.

²⁰ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

característica da sua personalidade²¹. O casal teve quatorze filhos, dos quais oito faleceram ainda pequenos devido às condições precárias e às doenças da época; portanto, restaram seis filhos. Destes seis, Gaetana era a terceira²².

Nesse período do séc. XIX, Cassola não foi atingida pelas crises econômicas, políticas sociais e religiosas. A família Sterni viveu tranquila com estabilidade econômica e harmonia.

No entanto, o cenário muda e o pai de Gaetana, depois de 35 anos de trabalho como administrador dos Mora, obtém a aposentadoria e decide estabelecer-se em Bassano Del Grappa, na casa de propriedade de sua esposa²³.

“No fim do ano 1797, Bassano estava sob o domínio da república de Veneza, depois de uma breve passagem à Áustria (1797-1805), foi incorporada por Napoleão ao Reino Itálico, retornando à Áustria em 1813 para ser depois anexada definitivamente à Itália em 1866, ao término da terceira guerra de independência”²⁴.

Nas primeiras décadas de 1800, a presença dos confessores era uma prática comum, não só para quem seguia a vida religiosa, mas também era costume das famílias terem confessores, para orientar a vida. Eles acompanhavam as famílias e as ajudavam a se manter unidas a Deus, através das práticas de piedade e de mortificação como: deixar de comer um doce que desejava, mortificando assim a gula e ajoelhar-se sobre os grãos de milho, no intuito de imitar os santos e alcançar a santidade²⁵. Com Gaetana não foi diferente. Desde a adolescência, teve confessores que a acompanharam, tal como Pe. Domenico Tommasi (1787-1855), que foi seu confessor de 1836 até 1839. Para ela, esse foi um instrumento do qual Deus se serviu para fazê-la conhecer sua divina vontade²⁶.

Em seus escritos autobiográficos, percebe-se, logo no início, o sentimento de gratidão que tinha para com a família que lhe proporcionou uma educação pautada nos valores cristãos. Assim, afirma Gaetana:

“O primeiro motivo de minha gratidão ao Senhor parece que deva ser o fato de Ele ter-me feito nascer de pais não apenas cristãos, mas também verdadeiramente piedosos e extremamente preocupados com o meu bem, em particular, no que diz respeito à alma. Sim, devo muito a meus pais, por seus ensinamentos, bons exemplos, e pelos infinitos cuidados que tiveram para

²¹ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

²² SUORE DELLA DIVINA VOLONTÀ, *Elementi di dottrina spirituale della congregazione*, v. 3, p. 500.

²³ MAZZOLINI, Sandra. *Secondo il volere di Dio: itinerario spirituale di Gaetana Sterni*. Roma: Città Nuova, 2005, p. 15.

²⁴ MONTONATI, Angelo. *E la donna disse: “Dio vuole così”: Gaetana Sterni, fondatrice delle figlie della Divina Volontà*. Milano: San Paolo, 1999, p. 15.

²⁵ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 27.

²⁶ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 19.

comigo, para me criarem como uma verdadeira cristã. Abençoados sejam! Espero que agora estejam os dois no seio de Deus gozando o prêmio por tudo quanto fizeram por mim e por meus irmãos”²⁷.

É essa educação que a ajudará a conduzir uma vida de profunda intimidade com o Senhor e de um grande amor para com os mais necessitados. Aprendeu, desde cedo, ainda em família, o zelo para com o próximo²⁸.

Em 17 de maio de 1835, recebeu o sacramento da crisma do bispo de Ciudadella, Monsenhor Modesto Farina, e, em 14 de maio de 1837, fez em Bassano a sua primeira comunhão, momento tão esperado e vivido com muito fervor²⁹.

“Estamos em 1834: de agora em diante a vida desta filha será marcada por um rosário de calamidade e desventura familiar, que acabarão por amadurecê-la antes do tempo. Em 1835 morre aos dezoito anos, sua irmã Margherita, deixando-lhe um vazio irreparável. Depois de pouco tempo da perda da irmã, o pai é acometido de uma doença gravíssima, uma paralisia progressiva, que durará seis anos, e acabará por tolher-lhe o uso da razão. Em pouco tempo, o irmão mais velho, Francesco, de dezessete anos, invadido pela paixão pela arte dramática, foge de casa, deixando em grande angústia a mãe e os irmãos”³⁰.

Aos quinze anos de idade, Gaetana, após sete anos da perda da irmã Margherita, perde também o pai, momento marcado de muita dor para ela e a família. Passados esses acontecimentos, Gaetana busca descobrir a vontade de Deus em sua vida e encontrará seu primeiro e único amor: um vizinho de casa, Liberale Conte, homem maduro, honesto e abastado, mas já viúvo e com três filhos ainda pequenos para criar³¹.

A escolha, como imaginável, não lhe será fácil, porque provocará um mar de oposição e de contrastes, seja dentro ou fora da família. Mas, por fim, a força do seu amor triunfará e o seu sonho de amar e sentir-se amada será concretizado. Assim, aos 15 anos, contrai o matrimônio. Todavia, com apenas 8 meses de casada, e à espera de um filho, o marido adoece e morre, deixando-a viúva aos 16 anos; fica sozinha com os filhos do marido e para completar a sua dor, o seu filho, logo que nasce, vem a falecer³².

²⁷ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 25.

²⁸ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

²⁹ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

³⁰ SIGNORI, *Memorie Spirituali Cenni Storico Culturali*, p.

³¹ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 100.

³² VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

2.4.2 Segundo período: viuvez de Gaetana Sterni e nova orientação de vida (1843-1853)

A jovem viúva, movida pelo seu amor, tinha aceitado viver em um pequeno apartamento com os filhos do marido. Mas, bem cedo, por causa do testamento que a filha mais velha fez, pensando no futuro de Gaetana, vítima do ciúme e desconfiança dos parentes do marido, julgada intrigante e interesseira, Gaetana foi brutalmente constrangida a deixar a casa e retornar à sua família. Livre dos vínculos com a família do esposo, pôde melhor continuar buscando o que Deus queria dela em meio a todas as situações da vida.

Com o passar do tempo, Gaetana chegou a pensar em outro matrimônio, e procurou perceber se era isso mesmo, o que Deus queria dela. No momento em que seu coração tendia para esse lado, sente dentro de si um grande apelo de viver só para Jesus, para realizar a vontade de Deus. Não sabia bem como concretizá-la. Por isso, buscava os meios para um melhor discernimento³³.

“Gaetana, você me pede continuamente que lhe dê a conhecer qual é o esposo que lhe está destinado segundo minha vontade. Mas diga-me, ainda não está desiludida da vaidade das coisas terrenas? Não compreendeu ainda que um homem da terra não a pode fazer feliz, nem satisfazer os desejos de seu coração? Não seria melhor que abandonasse qualquer outra coisa, e pensasse em amar somente a mim? Faz muito tempo, ó querida, que desejo vê-la toda minha. Para isso fui rompendo todo vínculo que a prendia às criaturas, e você quis novamente prender o coração a afetos terrenos? Não, agora a quero para mim, e deve deixar tudo, tudo mesmo, e ir para um convento, distante de toda obrigação, para servir e amar a mim, que quero ser o único esposo de sua alma”³⁴

Passaram-se alguns anos e Gaetana, depois de ter lutado, não pouco, consigo mesma e as suas necessidades de afeto, cede à vontade de Deus, que parecia chamá-la a uma consagração total na quietude orante de um convento. Em setembro de 1847, Gaetana bate no Instituto das Canossianas de Bassano, pedindo para entrar, sentindo ser esta a vontade de Deus³⁵. A experiência de cinco meses de vida religiosa, vivida ali, será preciosa à sua futura missão de fundadora.

Com efeito, quando estava no Instituto das irmãs Canossianas, sentiu fortemente o desejo de em tudo fazer a vontade de Deus e colocou-se por inteira neste propósito. Quando foi orientada a escolher uma virtude na qual se empenhar em viver, não teve dúvida em escolher a

³³ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 55.

³⁴ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 62.

³⁵ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 64.

uniformidade ao querer divino³⁶. E, assim, frequentemente na oração do *Pai Nosso*, se detinha no terceiro pedido: “*Seja feita a vossa vontade*”³⁷.

Com esse desejo no coração, por ocasião da enfermidade da mãe, quando interpelada pela Superiora das Canossianas se ficaria com a mãe ou retornaria para o convento, diz com firmeza: “*Entrei para fazer a vontade de Deus e saio para fazer a vontade de Deus*”³⁸.

Será em sua casa, na assistência cotidiana à mãe enferma e necessitada de cuidados, que Gaetana amadurecerá a sua vocação mais íntima e apropriada: aquela de assistir os pobres e enfermos, onde o Senhor quer ser encontrado. Com a morte da mãe, Gaetana assume as responsabilidades da casa, economicamente em desordem, e cuida dos irmãos que ainda são menores de idade e de três sobrinhos, um aprendizado útil para quem era por Deus chamada à direção da casa de *Ricovero* da cidadezinha, extremamente necessitada de organização interna, Nessas circunstâncias da sua vida, nunca abandona a prática da piedade³⁹.

Da sua vida de interioridade e oração, discernirá a vontade de Deus a seu respeito, auxiliada pelos confessores que a orientarão na sua caminhada espiritual. Esses serão, para ela, a voz de Deus⁴⁰.

2.4.3 Terceiro período: entrada de Gaetana no Ricovero e fundação da congregação

Em 1853, tendo perdido também a mãe, Gaetana, agora livre de todos os compromissos e laços com a família, sonha realmente com a vida claustral. Mas, uma estranha voz interior, ao passar um dia, próximo do *Ricovero* de Bassano, parece dizer-lhe: “Gaetana, o *Ricovero* será o teu convento!”⁴¹.

Portanto, será aos 26 anos que Gaetana ficará livre de todos os compromissos. Desejosa de viver na “clausura,” irá em busca de conventos onde possa viver na quietude, unida a Deus, pensando ser esse o seu querer. No entanto, a vontade de Deus para Gaetana era outra: o Senhor a quer no *Ricovero*, entre os seus pobres. Somente para fazer a vontade de Deus, ela entrará no *Ricovero* de Bassano, onde se entregará, totalmente, ao serviço dos pobres e dos doentes⁴².

Desta sugestão, contrária aos seus sentimentos e ideais de vida, não será fácil libertar-se. Porém, a sua disposição interior de sacrificar cada afeto e projeto mais querido a deixará de

³⁶ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 100.

³⁷ *Ibid.*, p. 100.

³⁸ *Ibid.*, p. 73.

³⁹ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 77.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 108-109.

⁴¹ *Ibid.*, p. 103.

⁴² STERNI, *Mística cotidiana*, p. 110-111.

novo em conflito consigo mesma. Contudo, Gaetana compreenderá que a obediência é um dom de Deus

Finalmente, Gaetana recebe do seu confessor a resposta que esperava a respeito da vontade de Deus. Depois de exortá-la e animá-la quanto ao seu futuro, o padre diz-lhe que esse era “invejável”⁴³. Eis um breve diálogo de Gaetana com o confessor:

“Finalmente o bom padre me disse: ‘Gaetana, se você quer fazer a vontade do Senhor, deve permanecer em Bassano’.
“Em Bassano? - respondi, surpreendida - Mas como? E onde? Será que devo voltar para as Canossianas?”
E ele: “Não!”
E eu: “Então devo ir para as solteiras?”
E ele: “Não, o Senhor tampouco a quer lá”.
“Mas onde, então, padre, se em Bassano não existem outros conventos?”
E ele: “Sim, lá existe o Ricovero.”
E eu: “O Ricovero?” disse como que assustada ao ouvir aquele nome.
E ele: “Sim minha filha, - continuou o bom padre - lá existe o Ricovero, e é justamente ali que Deus a quer”⁴⁴.

Desta forma, deu-se o diálogo entre Gaetana Sterni e o seu confessor. No entanto, ao receber a resposta que tanto esperava quanto ao seu futuro, dita pelo padre, o primeiro momento pareceu-lhe assustador: deveria entrar no *Ricovero*. Porém, depois, sente que é lá que Deus a quer e, assim, diz:

“Estava então longe de esperar essa intimação. Quando porém, ele me disse: O Senhor a quer no Asilo, senti no fundo de minha alma uma segurança de que aquela era a vontade de Deus para mim; mas, ao mesmo tempo, experimentava uma tal repugnância em me submeter que, absolutamente sem hesitar, teria escolhido morrer ali, naquele instante, ao invés de abraçar aquele estado”⁴⁵.

Não será fácil para Gaetana, mas sentindo a confirmação do que Deus desejava para ela, assumiu o peso do sacrifício, mas, sobretudo, a certeza de estar realizando a vontade de Deus. Ela afirma:

“Pois bem, padre, disse, resoluto e com uma força que só o Senhor podia me dar - se Deus assim quer, que assim seja. Por tantos anos, sempre supliquei ao Senhor que me fizesse conhecer Sua vontade para mim, prometendo-Lhe que me submeteria a ela; não posso nem quero falhar em cumprir minha promessa. O sacrifício de toda minha inclinação era bastante pesado para mim, tanto que me seria muito menos pesado morrer, mas se o Senhor assim o quer, vai amparar-me com Sua graça”⁴⁶.

⁴³ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 147.

⁴⁴ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 147.

⁴⁵ *Ibid.*, p.148.

⁴⁶ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 103.

A confiança de que Deus a amparará com sua graça impulsiona-a a colocar-se no caminho a ela indicado, mesmo que em seu coração paire o medo do desconhecido.

“Chegando em casa, depois de cumprimentar a todos, como se costuma fazer após alguns dias de ausência, fui fechar-me em meu quarto, e lançando-me aos pés de Jesus, apertando Sua sagrada imagem, com os olhos inchados de chorar e com o coração que batia muito forte, proferi com voz clara estas palavras: “*Eterno Pai, se for possível, afastai de mim esse cálice amargo; mas seja feita a Vossa vontade e não a minha*” Lc 22,42)⁴⁷.

Sentindo o sacrifício da entrega, mas, também, o amor para com o projeto de Deus em sua vida, se abandona em Deus.

Ainda que sem sucesso, numa manhã de 1853, depois do conselho e o encorajamento do confessor, um dos três sacerdotes do Conselho da Administração da Pia Casa, ela vem bater à porta do *Ricovero*, pedindo para ser acolhida como assistente⁴⁸.

Com efeito, o seu pedido depois de alguns meses foi acolhido, e, em 27 de junho de 1853, Gaetana, chamada agora simplesmente de senhora Sterni, inicia o seu novo percurso de vida, consagrando-se a Deus no *Ricovero* da rua Rastelli.

Sem esperar e sem desejar, Gaetana iniciou o serviço no *Ricovero* com paciência e submissão, sobretudo, com amor para com os doentes, especialmente, os mais graves. Para isto, antes de tudo rompeu com as resistências, as dúvidas e os preconceitos e, finalmente, com tranquilidade, seguiu o caminho. A solidariedade com os pobres a conduz a atitudes permanentes na linha do encontro, da fraternidade e do serviço.

A Pia Casa, à sua entrada, tinha 115 hóspedes, dos quais 73 homens e 42 mulheres. A direção e administração era do fundador, Pe. Luigi Colbacchini, e dos três padres cofundadores, que tinham também a função de administradores⁴⁹. O economato estava nas mãos de Francesco Meneghetti, contador capaz e consciente, e que deveria atender também à disciplina na repartição dos homens, enquanto a vigilância das mulheres era confiada à diretora, Madre Giacinta Manera, uma ex monja agostiniana⁵⁰.

Tanto o ecônomo como a diretora viviam fora do *Ricovero*, em casa própria e não podiam dar a assistência segundo as necessidades do ambiente. Também a assistência religiosa, confiada a um capelão pouco equilibrado e nada apto a um ambiente como o *Ricovero*, deixava a desejar.

⁴⁷ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 108.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 148.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 103.

⁵⁰ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 103.

“A acolhida que tive, porém, seria muito adequada para me abater, se Deus não me houvesse amparado com Sua graça”⁵¹.

Assim sendo, em meio a tantas contradições e dificuldades, Gaetana encontra seu ponto de equilíbrio e força na aspiração profunda de agradar ao Senhor, fazendo Sua vontade, que ela intui como vontade de bem para com todos.

Passareli faz o seguinte comentário no prefácio da *mística cotidiana*,

“A vida de Gaetana foi uma contínua procura de dar resposta, da melhor maneira possível, ao desígnio daquela economia de salvação, guardado pelo Senhor em cada homem, e de se moldar, em tudo e a qualquer custo, à divina Vontade. Aqui reside o dinamismo de sua múltipla, e em certos períodos, incrível atividade, tal como ele se reflete no escrito e é amplamente testemunhado pelos documentos que chegaram até nós. É por esta razão que ela não teve nenhuma dúvida de que todas aquelas que escolheram ou virão a escolher continuar seus ideais deveriam ser chamadas Filhas da Divina Vontade”⁵².

Desta forma, pode-se perceber que Gaetana sempre foi atenta à vontade de Deus; tanto que não fez outra coisa em sua vida, senão procurá-la e realizá-la numa total obediência e disponibilidade, abandonando-se com confiança N’Ele. Ela compreendeu que este era o caminho para ser feliz e poder agradar a Deus.

Portanto, viver o serviço doação é uma dinâmica do Espírito que move para a prática do bem, do amor sem medida, do esvaziar-se para preencher-se do verdadeiro amor.

Em Gaetana Serni, contemplamos uma contínua tensão para viver em conformidade com Jesus servo obediente à vontade do Pai, um total desapego e doação, no serviço aos mais necessitados, tornando concreta e radical a prática do amor incondicional.

Na sua experiência de fé, soube colher os frutos que o bom Deus quis realizar em seu espírito, para poder melhor servir àqueles que a ela foram confiados.

Em sua autobiografia, diz: *"Para que fosse bem aceita pelos asilados me propus em cativá-los, servindo a todos com muito amor e dedicação"*⁵³. De fato, depois de um tempo todos começaram a amá-la, pois percebiam o quanto Gaetana dava-lhes atenção e zelava pelo bem de todos com muito carinho. Assim diz Gaetana: *"A forma que encontrei para ser amada foi amando"*⁵⁴.

⁵¹ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 103.

⁵² PASSARELI, Gaetano *apud* STERNI, Gaetana. *Mística cotidiana: autobiografia* (1864-1889). São Paulo: [s.n.], 2011, p. 13.

⁵³ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 173.

⁵⁴ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 167.

Esse caminho de doação empreendido por Gaetana levou aqueles que a trataram com rejeição, quando esta chegou ao asilo, a mudarem de atitude para com ela. Portanto, podemos inferir que, com certeza, o que transforma o coração humano não são os maus tratos, mas o amor que se despende e isso Gaetana aprendeu bem com o seu "*esposo amantíssimo*", maneira como se dirigia a Jesus.

Um modo que encontrou para externar seus sentimentos foi através da escrita, que utilizava para relatar o que sentia ser o desejo do Senhor a seu respeito. Uma mulher com grande capacidade de pressentir certos acontecimentos, que afirmava ser obra da Divina Graça.

Para o seguidor (a) de Jesus, que aprendeu a fazer da vida um dom para o outro (a), a proposta de Jesus, impulsiona a viver fazendo de si, oferta e oblação de amor, caminho de vida e santidade para o irmão, irmã.

Gaetana fez de sua vida uma total doação. Além de assistir os asilados no Ricovero⁵⁵ de Bassano Del Grappa, também ia até às casas dos enfermos da cidade. O sofrimento e as dores dos outros a faziam sofrer muito e o desejo de ver a todos bem a levava ao seu encontro, para assisti-los física e espiritualmente, pois queria que todos fossem bem cuidados até à hora da morte. Por isso, aos mais necessitados, dobrava os cuidados e atenção, dedicando-lhes muito amor e carinho.

O preceito central do amor conjuga-se com outras exigências exemplares, constituindo-se como modelos da radicalidade na obediência que Deus espera (cf. Mt 5,21-25.43-47; 6,12). A vida do discípulo é caminho que tem por meta a perfeição (cf. Mt 5,20.48), ou seja, o modo de agir divino⁵⁶.

Com efeito, o amor impele o discípulo de Cristo a dar testemunho de uma vida voltada para os outros, numa relação madura através da experiência filial centrada em Deus e na autêntica fraternidade, colocando sua capacidade de se doar, a serviço. Nesse sentido São Francisco de Sales afirma:

“Somente a caridade nos leva à perfeição, mas a obediência é um dos três grandes meios de obtê-la. A obediência nos consagra o coração ao amor e serviço de Deus. Para tornarmo-nos perfeitos, a obediência é das virtudes que devemos observar”⁵⁷.

⁵⁵ Ricovero – seria traduzido em português como asilo. Porém, não havia ali somente idosos, era um lugar que acolhia todos os abandonados da cidade. Foi criado pelo Estado na intenção de “limpar” a cidade de Bassano Del Grappa.

⁵⁶ FONSECA, Jerry de Souza. *Fé e seguimento: as grandes linhas do discipulado cristão em Mt 5-7. Pensar-Revista Eletrônica da FAJE v.4, n.2, p. 5, (2013) 129-156.*

⁵⁷ FRANCISCO DE SALES *apud* WENZEL, Joana Maria. *No meio do mundo: um apelo à santidade: diretório espiritual de São Francisco de Sales.* São Paulo: Loyola, 1989, p. 117.

A obediência a Deus, por meio das suas mediações, foi para ela o que a ajudou a se colocar no caminho de total entrega. O desapego, a humildade e a ilimitada confiança foram atitudes que guiaram sua vida, numa constante busca de, em tudo, amar e servir a Deus.

Para Gaetana, as práticas de piedade, as mortificações e os retiros espirituais foram meios que a conduziram à aproximação de Deus, na purificação de seus sentimentos, para melhor servi-lo, mediante as dificuldades encontradas. Possibilitavam-na, também, entrar no conhecimento de si mesma e afastar o que a distanciava de Deus e de Sua santa vontade.

Os confessores, que sempre foram presentes em sua trajetória de vida, serão um auxílio fecundo no caminho de obediência a Deus, naquilo que lhe pedia, no íntimo do coração. Esse modo de Deus se revelar, através das pessoas, faz parte da sua pedagogia, ao longo da história da humanidade.

Em 26 de março de 1865, chega na Pia Casa, como capelão, Pe. Bortolo Simonetti, que passou a ser, em 1860, o seu confessor. Guiou-a, com sabedoria, atento às indicações que lhe vinham da ação de Deus na alma da jovem, para realizar a sua vocação.

Gaetana Sterni abandona-se “como frágil instrumento” nas mãos de Deus e essa humilde disponibilidade a levará, quase sem que ela o perceba, a dar vida à Congregação das “*Filhas da Divina Vontade*”.

Portanto, em 1865, tem início a congregação, no silêncio do quarto de Gaetana Sterni. Dar-se-á o nome a essa pequena congregação de “*Filhas da Divina Vontade*”.

Ainda em março, fez a vestição privada e emitiu o voto perpétuo de castidade; em julho, após a oração, foram-lhe explicadas as virtudes da futura congregação e durante os exercícios de novembro, daquele mesmo ano, compôs a fórmula de uma total consagração a Deus. Em 22 de novembro, com os votos religiosos e aquele específico, de total doação a Deus, a Serva de Deus podia dizer-se a primeira “Filha da Divina Vontade”.

“Continuava a sentir-me inclinada à mortificação, mas agora me colocara sob a obediência e praticava apenas a pouca mortificação que me era permitida”⁵⁸.

Gaetana confia tudo a Deus, pois sabe que n’Ele pode depositar sua confiança. Essa é a alegria do seu coração, pois sabe em quem colocou a confiança (cf. 2 Tm 1,12).

Atribui só à Providência o nascimento da congregação que acontece na simplicidade e no escondimento, com a profissão das primeiras duas companheiras, em 1865⁵⁹. O nome “Filhas da Divina Vontade,” interiormente sugerido a Gaetana, para ela e para as jovens que a seguem,

⁵⁸ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 111.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 368.

indica o que deve caracterizá-las: “uniformidade em tudo à Divina Vontade mediante um total abandono em Deus e um santo zelo para o bem do próximo, dispostas a tudo sacrificar para auxiliá-lo”⁶⁰.

“As Filhas da Divina Vontade devem ter o espírito daquele que tem como patrono, isto é, de São Francisco de Sales, que é o espírito de humildade, abnegação, doçura e grande confiança em Deus. Devem ser atentas à própria “perfeição”, aspirando a mística morte de si mesmas para viver só em Deus e para Deus [...], de modo que a virtude principal e característica da pequena congregação deverá ser a uniformidade em tudo à Divina Vontade, mediante um total abandono em Deus e uma ilimitada confiança na sua Divina providência”⁶¹.

Gaetana morre em Bassano Del Grappa, em 1889. É proclamada Beata por João Paulo II, em 4 de novembro de 2001. A Autobiografia possibilita-nos participar dos acontecimentos humanos da vida de Gaetana Sterni e, sobretudo, dos acontecimentos espirituais, que a levaram a uma vida mística⁶².

2.4.4 Quarto período: a Sterni superiora e guia da nascente congregação até a sua morte

Com as regras aprovadas pelos bispos, em 19 de maio de 1875, a Congregação podia dizer-se canonicamente constituída, mas era ainda um embrião: permanecia por resolver muitos problemas concernentes ao seu desenvolvimento. O Instituto nascente contava com cinco membros, incluindo a fundadora. Era carente, de fato, de recursos e não tinha uma casa própria⁶³.

Quando, em 1876, Pe. Francisco Chemin ofereceu à Sterni um obra fora do *Ricovero* e portanto, uma casa, ela teve que recusar, sendo as irmãs suficientes só para o serviço no *Ricovero*. Aceitou, então, o serviço interno das “cozinhas econômicas”⁶⁴, porque era organizado no *Ricovero* mesmo, mas pediu para poder receber outras duas assistentes. Foram-lhe concedidas, mas com a condição de despedi-las a qualquer hora do serviço⁶⁵. Confiante em Deus, adaptou-se também a esta absurda limitação.

⁶⁰ IRMÃS DA DIVINA VONTADE. *Constituições*. São Paulo: Salesiana, 1985, p. 9.

⁶¹ STERNI, Gaetana. *Scritti: Fondatrici delle Suore della Divina Volontà*. Vincenza: Tipolitografia I.S.G., 1984, p. 41.

⁶² VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni fundatricis Sororum a Divina Voluntate: positio super virtutibus. Romae: [s.n.], 1985. (Sacra Congregatio pro causis sanctorum. Officium storicum, 126), p. 6.

⁶³ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

⁶⁴ “Cozinhas econômicas”- era uma repartição do *Ricovero* onde se oferecia refeições para a população rural. In: STERNI, Gaetana. *Mística Cotidiana*, p. 394.

⁶⁵ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

Em 1877, os sacerdotes fizeram à fundadora uma reclamação injusta acerca das vigílias noturnas, por causa da divisa religiosa, que segundo eles, não encontrava simpatia naquele tempo de anticlericalismo imperante. Mas, Gaetana soube defender a sua obra e a das companheiras, com tal clareza e vigor, que conseguiu tornar conhecido e apreciado o Instituto.

Uma amiga de Gaetana, Margherita Serafini, estimando muito a obra da Congregação, ofereceu, espontaneamente, à fundadora uma casa para a fundação e uma quantia em dinheiro para as primeiras necessidades. O contrato foi redigido, em 6 de outubro de 1880, pelo escrivão, doutor Stecchini. Em 2 de fevereiro de 1885, obtendo a permissão do bispo, a Serva de Deus iniciou os trabalhos de restauração, mesmo não sabendo como seria levado adiante, porque o dinheiro de que podia dispor era insuficiente para as necessidades. Começou, no entanto, com grande economia, confiando o futuro, como sempre, à Divina Providência⁶⁶.

A morte inesperada da amiga, em 19 de dezembro de 1885, e as ulteriores beneficência por ela feitas no testamento, permitiram-lhe prosseguir de maneira mais adequada. Querendo pois, que o “conventinho” fosse o mais possível isolado, adquiriu outras duas construções próximas à primeira casa: uma, em 5 de junho de 1885, a outra, em 23 setembro de 1886. Havia, porém, um terceiro contrato mais difícil, devido às exigências do proprietário, um tal G. B. Mozzi. Foram necessários 3 anos de negociações e de paciência. Mas, em 20 de abril de 1889, sete meses antes da morte de Gaetana, também este contrato foi felizmente concluído.

Em 1 de setembro de 1886, foi aberta a primeira casa da congregação: “*a casetta*”. Começaram a chegar as aspirantes e foi, então, que a fundadora sentiu maior necessidade de redigir alguns regulamentos, completados depois, com a ajuda do Pe. Simonetti⁶⁷. Gaetana colocou as primeiras irmãs sob a proteção de São Francisco de Sales e santa Joana Francisca de Chantal a quem escolheu como patronos da Congregação e acolheu alguns elementos da espiritualidade desses santos⁶⁸. Disso resultou um novo texto: *Constituições da Congregação*. Em seguida a Serva de Deus quis unir essas *Constituições* com as regras fundamentais do Instituto, para que as filhas tivessem tudo em um único volume⁶⁹. O novo texto mais amplo e melhor elaborado foi dado em experimento às companheiras que o acolheram com entusiasmo. Preparava-se para apresentá-lo ao Bispo para a aprovação definitiva. Enfim, a obra estava completa. Mas, a morte a colheu em 26 de novembro de 1889. Foi apresentado à cúria pelo Pe.

⁶⁶ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

⁶⁷ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 415.

⁶⁸ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 370.

⁶⁹ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

Simonetti, em 2 de janeiro de 1890, e aprovado por monsenhor Antonio Feruglio, no dia 3 de março de 1899⁷⁰.

2.4.5 A personalidade de Gaetana Sterni

Desde a sua infância, Gaetana Sterni cultivava o desejo de não ofender a Deus, mas comprazê-lo e amá-lo e, sobretudo, realizar o que Ele solicitasse, ainda que isso lhe custasse sacrifício e mortificação. Foi uma pessoa que experimentou, no mais íntimo e profundo do seu ser, o amor de Deus e, por isso, não desejava nada mais que comprazê-lo em tudo que lhe fosse possível.

A vida de Gaetana revela uma personalidade marcante. Alguns pressupostos humanos que se percebem: rica sensibilidade, inteligência pronta e aguda, uma memória feliz e fiel, unida a uma incomum capacidade de introspecção⁷¹.

“Poderia ser levada pela impressionabilidade, dominada pela vaidade e instabilidade, mas a sua vontade tinha encontrado, por um dom divino a quem foi fiel, o seu ponto de equilíbrio e de força, no desejo incoercível de fazer sempre a vontade do Senhor. Um propósito que aparece com frequência, para si e para as companheiras - o único que elas nos tem conservado dos ensinamentos da Serva de Deus é o seguinte: “*Não olhar ao próprio sentir, mas ao próprio dever*”. E com a palavra “*dever*”, ela indica tudo aquilo que Deus lhe podia pedir”⁷².

Gaetana Sterni amava o concreto, o prático, o cotidiano, onde acontece, sem perigo da ilusão, a vontade de Deus⁷³. O Pe. Simonetti, seu confessor por 28 anos, a compara justamente como *mulher forte*, da qual fala a Sagrada Escritura, isto é, uma mulher atenta às necessidades da casa e, especialmente, dos familiares, nunca preocupada consigo mesma ou distraída com os projetos pessoais (cf. Pr 31, 10-31; Pr 14,1; Mt 15,20)⁷⁴.

“Em sua vida, afirma o Pe. Simonetti, o Senhor lhe pediu o sacrifício de renunciar, em cada momento, as suas aspirações mais nobres e santas para cumprir a vontade de Deus”⁷⁵.

⁷⁰ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

⁷¹ *Ibid.*, p. 6.

⁷² *Ibid.*, p. 6.

⁷³ *Ibid.*, p. 6.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 6.

⁷⁵ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 6.

Está aqui a força da sua personalidade, sempre mais unificada até a identificação com a vontade do seu Senhor. Isso explica como, em cada estado de vida, ela testemunhou e difundiu a serenidade e a paz⁷⁶.

As suas energias eram concentradas no esforço de fazer a vontade de Deus, fosse essa o matrimônio abraçado no fervor da juventude, ou a precoce e inacreditável viuvez ou o chamado à vida religiosa, estado do qual se mantinha excluída, ou a sistematização e o cuidado, que, apenas aos vinte anos, teve que prestar à família com a morte da mãe ou diretamente ao *Ricovero*, onde a vontade de Deus parecia quase “arrastá-la à força”. Contudo, aqueles que visitavam o *Ricovero* tinham a impressão de que fosse “nascida e feita” para aquele gênero de vida⁷⁷.

Quando, porém, era necessário agir autonomamente, não deixava de fazê-lo e com determinação. Foi ela a pedir, após a morte do marido que fosse colocada, com as duas enteadas, na casa Danieli, sem medo de expor claramente as razões.

“Foi pura obra sua a rápida conclusão da intriga que ocorreu sobre a divisão da herança do marido. Enquanto muitas pessoas se agitavam ao seu redor, ela se move em uma linha de clareza. Prudência, sentido de justiça também para consigo mesma, delicadeza para com os enteados, mas, não fraqueza, fidelidade ao marido falecido, generosidade no perdão, mas também tenacidade no perseguir aquilo que achava justo, resignação no atender e amar a toda prova, até obter neste como em outros casos, a espontânea reconciliação entre as pessoas em discórdia”⁷⁸.

Obedientíssima aos confessores, sabe dizer não a Pe. Müller que quer unir à fórmula do voto de obediência condições inaceitáveis, porque feriam a sua liberdade⁷⁹.

Assim afirma Gaetana:

Mas quanto fiquei confusa quando, ao ler o meu escrito, vi que era este o adendo feito pelo confessor: “Não poderei me apresentar a nenhum confessor extraordinário sem a permissão de meu confessor ordinário, a quem deverei expor claramente o motivo pelo qual quero me apresentar a um outro; e tampouco poderei escrever a ninguém coisas de meu espírito sem sua permissão e sem lhe mostrar meu escrito”⁸⁰.

Portanto, Gaetana percebeu que o acréscimo tolhia a sua liberdade naquilo que concerne as suas necessidades espirituais e, por isso, ela sente que não deve fazer o voto de obediência naquele momento. Em face ao contraste que sentia, buscou luzes através da oração e da

⁷⁶ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 6.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 6.

⁷⁹ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 202-205.

⁸⁰ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 202.

orientação do confessor extraordinário, escrevendo-lhe sobre o fato ocorrido. Também o confessor ordinário enviou uma carta ao confessor extraordinário. O confessor extraordinário, por sua vez, confirma que, de fato, Gaetana não deveria se submeter de tal maneira e a orienta esperar o momento oportuno para emitir o voto⁸¹.

As normas a respeito do horário, dos encontros comunitários e da missão que dá às filhas refletem, por um lado, o seu grande amor por elas, e, por outro, o vigor da sua generosidade. Recomenda um amor autêntico e livre dos medos vãos; mas, confirmado por concretas manifestações de ajuda recíproca, de compreensão e mútuo respeito. Quer que sejam livres da inveja, do ciúme e da infantilidade, como convém a quem tem uma família de pobres para cuidar e servir por amor a Deus.

Quando se dispõe a realizar a vontade de Deus, não o faz pela metade, mas com todo o seu ser. E, para isso, deseja e pede ao Senhor que “a ajude a entrar no conhecimento de si mesma para que possa melhor cumprir a Sua vontade”⁸². Gaetana Sterni, na simplicidade de sua vida, percebe que não tem outro modo de agradar ao Senhor a não ser fazendo a Sua vontade. Por isso, em toda a sua vida irá confirmando que, andar nos caminhos do Senhor, é a sua maior alegria e fonte de vida.

A sua piedade forte e terna encaminha-a para os mais altos cumes da vida espiritual, demonstrando, também neste campo, equilíbrio e concretude. Quer as religiosas fiéis à vida de oração, mas não acomodadas a saborear as doçuras da união com Deus, em detrimento dos seus deveres para com o próximo. Um convite a viver a oração que leva ao compromisso com a vida e a justiça.

Ela foi favorecida, nos momentos mais árduos das exigências de Deus para com ela, por claros pressentimentos, muito similares a um diálogo interior, muitas vezes, acompanhado de uma grande suavidade e doçura. Mas, ela sempre submeteu tudo ao juízo do confessor e não se determina nunca à ação, se não às indicadas pela obediência, na qual reconhece a via mestra da vontade de Deus. Para ela, é Deus mesmo que age em seu ser, fazendo-lhe conhecer a sua vontade, e usa de mediações para levá-la ao cumprimento do Divino querer. Gaetana Sterni é aberta aos apelos do Senhor. O profundo desejo que palpita em seu ser de, em tudo, realizar a divina vontade a faz viver numa entrega total a Deus, a ponto de afirmar constantemente: “Farei tudo o que tu quiseres, contanto que me auxilies com a tua graça”⁸³.

⁸¹ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 204.

⁸² STERNI, *Mística cotidiana*, p. 170.

⁸³ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 170.

Dessa maneira, compreende-se a determinação que a conduz a união mística com Deus, através da simplicidade e de uma profunda vida de oração, um caminho que está ao alcance de cada discípulo(a), que deseja amá-Lo sinceramente, no cumprimento constante da Sua vontade⁸⁴.

Percorrer a vida de Gaetana é contemplar a história da graça de Deus atuando em sua existência⁸⁵: uma jovem que, desde cedo, tinha um grande desejo de amar e ser amada e que aprendeu a colocar-se nas mãos de Deus para realizar aquilo que era a Sua vontade. Para ela, o que mais importava na vida era caminhar segundo a vontade de Deus, e, para isso, fez grandes sacrifícios, mas estava convicta de que tudo era para Sua maior glória.

Conclusão

A espiritualidade que será infundida na formação espiritual de Gaetana Sterni e permeará a sua vida será tecida num período de muitas transformações. Portanto, é necessário ter em conta as diversas características de seu tempo, para perceber no seu itinerário espiritual a ação de Deus⁸⁶.

Só quem fez a experiência profunda de encontrar o Senhor pode dispor toda a vida num contínuo ato de amor e entrega a Deus e aos irmãos. A vida de Gaetana Sterni, no silêncio e escondimento, foi um hino de louvor e de amor a Deus. Uma pessoa extremamente convencida de que o caminho para ser feliz e fazer o outro feliz é aquele da obediência a Deus e do serviço sincero de amor aos irmãos e irmãs mais necessitados. Atitude que aprendeu em família, através da educação na fé e do compromisso assumido, desde a sua tenra idade, no cuidado com o pai doente e com as necessidades da casa para auxiliar a mãe que também era enferma.

Para Gaetana Sterni, as práticas de piedade, jaculatórias, a oração de santos, moldaram o seu espírito, na escuta atenta e generosa a Deus, através do cultivo constante do próprio interior e da reorientação da sua vontade.

Gaetana Sterni viveu as vicissitudes da vida com grande confiança e abandono em Deus; em família, não faltaram acontecimentos que a colocaram totalmente em situação de precoce maturidade. Como já mencionado, cuidou do pai até a sua morte, a falta do pai fê-la sofrer

⁸⁴ VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni, p. 6.

⁸⁵ SIGNORI, *Memorie Spirituali Cenni Storico*, p. 15.

⁸⁶ STERNI, *Mística Cotidiana*, p.

muito; não só pela perda, como também pela situação financeira da família. Com simplicidade, colocou-se disponível em tudo para ajudar a mãe; era um verdadeiro apoio para ela⁸⁷.

Olhando superficialmente, pode-se pensar que foi uma mulher submissa. Mas ao perceber o caráter de Gaetana, ver-se-á que não se trata de mera submissão, mas de profundo amor que moldou o seu coração e a vida toda, desde a infância.

Assim afirma a Sterni:

“Ai de mim se também quando criança não tivesse tido alguém a velar por mim; com facilidade teria tomado um mau rumo, pois recebi da natureza um temperamento bastante vivo, e foi muito precoce o desenvolvimento de minha razão. Com certeza eu os teria usado mal se minha bondosa mãe não me houvesse instilado, desde muito cedo, máximas santas, que vinham abençoadas por Deus, e assim penetravam em meu jovem coração e muito o comoviam”⁸⁸.

Gaetana reconhece o esforço da mãe em conduzi-la pelo caminho das virtudes. Por sua vivacidade, percebe-se que é uma criança que deseja ser vista e que os costumes de criança também permeiam a sua vida. Portanto, a sua infância foi como a das demais crianças de seu tempo, com desejos próprios da idade, desejo de amar e ser amada, e de querer chamar a atenção dos adultos⁸⁹. Neste sentido, reconhece que a mãe soube guiá-la e aos irmãos nos valores cristãos.

Em sua existência, Gaetana Sterni viveu os vários estados de vida: contraiu o matrimônio, foi mãe, ficou viúva, consagrou-se a Deus e fundou a Congregação das “*Filhas da Divina Vontade*”⁹⁰. Passou por vários sofrimentos e manteve-se confiante na fidelidade a Deus. Acredita que só Nele pode encontrar alívio para as suas penas. Sempre conta com a graça Divina que a sustenta em todos os momentos e situações da vida⁹¹.

Para Gaetana, os sofrimentos não têm um fim em si mesmos, mas são meios de que o Senhor se utiliza para fazer conhecer a sua vontade e para que tenha uma relação equilibrada consigo mesma e com os outros, reconhecendo em Deus o fim de todas as coisas e do próprio existir. Uma pedagogia que faz do sofrimento um instrumento de purificação pessoal e de reconhecimento da bondade de Deus, que não abandona as suas criaturas, mas as sustenta com a sua graça no tempo da prova.⁹²

⁸⁷ STERNI, *Mística cotidiana*, p.17.

⁸⁸ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 15.

⁸⁹ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 15-20

⁹⁰ Nome de origem da congregação, que foi trocado no momento do reconhecimento pontifício por Irmãs da Divina Vontade.

⁹¹ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 15-20.

⁹² MAZZOLINI, Sandra. *Secondo il volere di Dio: itinerario spirituale di Gaetana Sterni*. Roma: Città Nuova, 2005, p. 13.

Essa certeza que habita o coração de Gaetana Sterni a faz trilhar com imensa confiança o caminho da vontade de Deus. De fato é “uma mulher no coração de Deus”⁹³.

“Similar ao reconhecimento desta pedagogia divina é a constatação da diversidade dos pensamentos de Gaetana sobre sua vida a respeito do projeto de Deus sobre ela e do sustento da graça que torna possível este caminho assim diverso das próprias expectativas, mas que a Sterni percorre decididamente, bendizendo com ânimo agradecido ao Senhor pela sua bondade fiel. Ela coloca em confronto estas duas vias, notando como sobretudo, naquela Divina, que comporta momentos de sofrimentos também agudos, o ser humano no meio das vicissitudes mais amargas da vida pode encontrar paz e consolação, porque, sobretudo nesse momento, é possível experimentar o dom da graça de Deus”⁹⁴.

A vida encontra seu sentido no amar e servir aos outros com alegria, ali, onde estamos, no cotidiano da vida. Gaetana soube bem viver dessa forma e cativar os corações das pessoas pela prática do bem que dignifica, que reconhece o outro na sua essência.

Mesmo em face aos sofrimentos, Gaetana não se prende, egoisticamente, a olhar para si própria, mas encontra forças para superar o próprio sentir para se dispor a ajudar os outros. É na oração, no encontro pessoal com o Senhor, que ela se sente sustentada para prosseguir na estrada do desprendimento e do compromisso com a vida. “Uma mulher forte” é o título de um pequeno livro que descreve Gaetana na sua capacidade de superação e dedicação aos outros⁹⁵. Não se prende, mas lança-se com intenso e profundo amor para ajudar a quem precisa. Jesus servo, para ela, é aquele que indica o caminho de vida de doação por amor e com amor.

Podemos aplicar a frase de Mahatma Ghandi a Gaetana Sterni: “*Quem não vive para servir, não serve para viver*”⁹⁶. De fato, sua vida foi um constante doar-se para o bem de outrem. Para ela, fazer a vontade de Deus é ver o outro bem, é cuidar, é amar, é perdoar, é alegrar, é curar as feridas. Podemos também ver na vida de Gaetana, expressa no seu modo de ser e agir, a frase de um canto: “*Não tenho outro ofício, nem terei...*”⁹⁷.

Quando surge o desejo pela vida religiosa, Gaetana faz o discernimento e entra na Congregação das Irmãs Canossianas. Sente-se bem lá dentro, mas por motivo de saúde da mãe,

⁹³ BARRA, Giovanni. *Una donna nel cuore di Dio*. Torino: Pierro Gribauldi, 1973.

⁹⁴ MAZZOLINI, *Secondo il volere di Dio*, p. 13-14.

⁹⁵ CALIARO, Luís. *Mulher Forte, Gaetana Sterni*: Fundadora das Irmãs da Divina Vontade. São Paulo: Indústria Gráfica Bentivegna, 1969.

⁹⁶ GHANDI, Mahatma. Disponível em: < <https://www.pensador.com/frase/MzUyNjg0/>>. Acesso em: 5 set. 2017.

⁹⁷ Trecho da música: Sou Bom Pastor de Waldecí Farias. Cf. Equipe Pastoral do ISI. Canta povo de Deus. Belo Horizonte: Loyola, 1997, p. 8.

deixa o convento, sentindo que entrou para fazer a vontade de Deus e o deixava para fazer a Sua vontade, que, naquele momento, era cuidar da mãe enferma.

No convento das Canossianas, sentia-se contente e feliz, vivia as práticas de piedade com muito ardor e encontrava muita paz. O ter que deixá-lo foi, para ela, um sacrifício, mas nunca pensou em desagradar a Deus e, no mais íntimo de si, sentia que aquele momento era, de fato, para estar com a mãe que necessitava dela.

Importante destacar que Gaetana Sterni viveu num contexto de pós-guerra, quando estava se dando a restauração da cidade de Bassano, em suas bases sociais, políticas e econômicas e, também, eclesiais. O contexto influenciou à sua vida no tocante a dimensão econômica da família deixando assim, os resquícios do pós-guerra.

Na atenção à realidade dos mais necessitados, lança-se, sem medo, numa total doação de si, ignora o seu sentir para poder ajudar a todos eles. A coragem de Gaetana de enfrentar qualquer sentimento que a pudesse tirar do caminho da vontade de Deus é fantástica.

É uma pessoa disposta a praticar o bem a quem dele necessitasse; a assistência a domicílio que ela assumiria no cuidado com os doentes da cidade, ajuda-nos a perceber o seu dinamismo de vida e sua coragem de se dispor para o bem do outro.

Contudo, Gaetana conhece os seus limites e sabe que, ainda que faça todo o esforço humano, se não confiar na graça Divina, nada poderá realizar. Essa certeza moveu o seu coração e a levou a perseverar no caminho da vontade de Deus.

Nesse sentido, Cabra afirma:

“Fazer a vontade de Deus, abandonar-se a Ele, obedecer, são especificações concretas do verbo amar”⁹⁸.

Em nossos dias, o seu estilo de vida é um convite a nos colocarmos abertos aos sinais dos tempos para respondermos às urgências e exigências do hoje. Em seu tempo os sinais que emergiam eram de pobreza, injustiça, jovens desamparados e outros. Aos quais Gaetana lançou o seu olhar e se dispôs a servir.

Após termos apresentado a breve biografia de Gaetana Sterni, no contexto da época, faz-se necessário adentrar o seu pensamento e a sua espiritualidade que se concretizaram através do carisma que ela recebeu, cultivou e deixou como um patrimônio precioso para a instituição “*Filhas da Divina Vontade*”, para a Igreja e para toda humanidade, que será apresentado no terceiro capítulo.

⁹⁸ CABRA, Pier Giordano. *Con tutta l'anima*: meditazione sulla obediência. Brescia: Queriniana, 1984, p. 21.

3 UMA ESPIRITUALIDADE OBEDIENCIAL

Introdução

Após um breve aceno no capítulo anterior sobre a vida de Gaetana Sterni e o contexto de sua época, trataremos neste capítulo da espiritualidade obediencial. Enfatizaremos aspectos da vida de Gaetana Sterni relativos à maneira em que ela viveu a obediência como um processo que culminou num caminho espiritual de encontro e realização da vontade de Deus. Realçaremos algumas atitudes necessárias que conduzem à obediência, para que essa seja vivida com convicção, confiança e abandono em Deus.

Por vezes, não é fácil viver a obediência, sobretudo, quando ela impõe sacrifícios, perdas, mudança de mentalidade, total despojamento e abnegação da própria vontade.

A vida proporciona os meios para que se compreenda e acolha a vontade de Deus, para Gaetana, não foi diferente. Foi no cotidiano que ela sentiu-se chamada a viver, plenamente a vontade de Deus e que respondeu com toda a vida, vivendo a renúncia de si mesma para cumprir o que Deus lhe pede.

Gaetana é convicta de que o falar deve ser acompanhado de um fazer, ou seja, concretiza-se com uma ação. Por isso, em cada situação e momento da sua vida, entregou-se por inteiro, sentindo ser conduzida por Deus em tudo, realizando assim a Divina vontade. Uma mulher atenta, que aprende a se colocar, totalmente, na escuta do que Deus lhe pede no íntimo do coração.

Aprender de Jesus o dom da escuta e da obediência que liberta renova e coloca na direção do projeto de amor de Deus todo aquele e aquela que se dispõem a escutar e a se entregar totalmente a Deus. Gaetana aprendeu a se entregar confiantemente a Deus, sentindo que N'Ele está a sua esperança¹.

Nesse sentido, afirma Benner;

A obediência é a entrega total à autoridade que tem o poder de nos libertar. Deus deseja a nossa obediência tanto em nossa conduta como em nossos corações. Ele quer que façamos as coisas certas pelos motivos certos. "Obediência de todo o coração" (cf. Romanos 6,17) é a expressão que o autor da Carta aos Romanos utiliza ao descrever o objetivo da espiritualidade cristã².

Nota-se que Gaetana tentou viver, ao longo de toda a sua vida, uma obediência do coração. Nada fez por fazer, mas procurou, em tudo, discernir, ouvindo a voz do coração que a movia a responder, com amor, às moções do Espírito.

¹ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 110.

² BENNER, David G. *A entrega total ao amor: descobrindo a essência da espiritualidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 62.

A oração foi a alavanca que a levou a compreender a vontade de Deus no cotidiano. Foi no encontro pessoal com o Senhor que ela forjou uma maneira peculiar de conformar-se a Ele em total obediência. Obediência de quem deixou-se guiar por Deus, através de uma escuta atenta. Assim ela afirma:

Humildade, obediência e total confiança em Deus foram, portanto, as três coisas que Jesus muito me recomendou. Eu escutava-o atentamente e, enquanto isso, experimentava muita paz interior e uma forte resolução de aproveitar tudo que Ele me sugeria³.

O desejo que palpitava em seu coração de seguir o que o Senhor lhe pedia a impelia a romper com tudo que poderia ser obstáculo à sua resposta a esse Deus de quem provém todo bem. Nesse sentido, para Gaetana, o caminho percorrido da humildade, da obediência e da total confiança em Deus, a conduziu para estar em sintonia e realizar o desígnio que o Senhor tinha para ela.

O prazer de percorrer os caminhos do Senhor foi dando sentido à existência de Gaetana. Ela experimenta a suavidade do amor de Deus que a toma e a conduz em suas veredas. Assim afirma: “...só Deus pode dar tamanha paz a uma alma, só Deus pode comunicar-lhe tanta suavidade”.

Só uma pessoa que se deixou guiar por Deus experimenta, no mais íntimo do coração, a paz e o conforto espiritual, para prosseguir com determinação e fé os mistérios do Amor Maior. É crendo e apostando toda a vida no projeto de Deus que Gaetana se arrisca e se dedica inteiramente à vivência profunda da obediência.

3.1 A obediência nos escritos de madre Gaetana Sterni

O primeiro momento em que encontramos nos escritos de Madre Gaetana Sterni o tema da obediência é no período de sua infância. Trata-se de obediência aos pais, que ela reconhecerá no decorrer de sua vida. Se não fossem os esforços deles para conduzi-la no bom caminho, ela teria se perdido⁴.

Para Gaetana, fazer a vontade de Deus significava conformar-se, em tudo, ao Cristo em obediência, amor, escuta, entrega e serviço. Enfim, tudo o que leva à verdadeira vida e conduz ao outro, à vida e ao amor que é Jesus⁵.

³ STERNI, *Mística cotidiana*. p.108.

⁴ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 25.

⁵ STERNI, Gaetana. *Autobiografia*, Vicenza, Tipolitografia I.S.G. 1978, p. 15.

Recordamos que a obediência é, antes de tudo, obediência a Deus. Segundo Libanio, “*todos obedecem a Deus que se manifesta em inúmeras realidades criadas. Discernir essa presença de Deus nelas é, antes de tudo, o desafio colocado tanto às autoridades como aos súditos*”⁶.

A obediência é saber ouvir, é ter atenção e viver segundo o querer de Deus. Obedecer é entrega de quem entendeu que a vida é dom a ser doado constantemente. Buscar a vontade de Deus e colocá-la em prática, entendendo ser esse o caminho que leva à felicidade e à realização humana.

Na vida de Gaetana, a obediência é caminho de aprendizagem, de acolhida da vontade de Deus e de amor ao seu projeto que engloba o ser humano, na sua integridade.

Neste sentido Cabra afirma:

A contemplação da vida do Filho, daquele “que faz sempre aquilo que agrada o Pai”, é o fundamento mais seguro da obediência. Congar escreve: A nossa vida de filhos será a obediência, a busca da conformidade à vontade de Deus, feita de amor e de felicidade, sem renunciar à nossa inteligência, nem à nossa dignidade humana⁷.

Neste sentido, Gaetana compreende que obedecer a Deus é, antes de tudo, estar em sintonia com Ele para escutá-lo e dar-lhe uma resposta. Resposta que perpassa toda a vida de conformação e entrega, de amor e doação.

Gaetana vê a obediência como uma santa virtude, a qual guiou sua vida⁸. Sente que, sem ela, teria se perdido no caminho, mas, seguindo-a, encontrou a vida. Portanto, obedecer para Gaetana é colocar-se, plenamente, nas mãos de Deus

Os escritos de madre Gaetana retratam sua tendência a obedecer desde pequenina. Em família, fora instruída na capacidade de ouvir a Deus nas várias situações da vida e a Ele obedecer⁹. Percebeu que Deus se servia das pessoas e dos acontecimentos para revelar sua vontade. Assim, colocava-se sempre atenta para responder, com generosidade, ao querer de Deus. Dentro de si, cultivava o desejo de santidade, a ponto de, ainda criança, sacrificar-se para ver felizes os irmãos. A esse respeito afirma:

Lembro-me de modo especial como naquele tempo me senti um dia mais desejosa do que nunca de santidade e de penitência; fui sozinha até um lugar escuro e úmido, e pus-me de joelhos nus sobre o milho, com a intenção de fazer penitência. Erguendo os olhos e as mãos para o céu, prometi solenemente ao Senhor, da maneira que soube, querer ser muito boa e me tornar de fato

⁶ LIBANIO, *Obediência na liberdade*, p. 30.

⁷ CABRA, Pier Giordano. *Breve curso sobre vida consagrada*: tópicos de teologia e espiritualidade. São Paulo: Loyola, 2006, p. 235.

⁸ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 9-10.

⁹ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 15.

santa. Fiz isso com tanta resoluta vontade que talvez tenha acreditado que já o fosse, e fiquei muito satisfeita com minha promessa, tanto que sempre conservei a lembrança dela, mas não mantive a sua essência com os fatos.¹⁰

Aprendeu que, para ser feliz, não existe outro caminho, senão aquele de uma escuta atenta à vontade de Deus, que se serve das pequenas coisas para revelar-nos seu amor e sua vontade. Um Deus que ama os seus e se lhes dá a conhecer com amor, no amor e por amor, através da história.

Para Gaetana, a obediência a Deus foi uma maneira de encontrar-se com Ele e consigo mesma. Meio para estar em conformidade com a vontade de Deus, de entregar-se totalmente a ele e de trilhar o caminho para o qual Ele a chamava cada dia.

Obedecendo, ela descobriu o caminho da felicidade. Viveu uma obediência de entrega, de confiança no Deus que a criou, a chamou e a conduziu através da sua história. Assim ela diz:

Senhor, sei que muito Vos agrada a virtude da obediência, e que por isso mesmo Vos agrada toda ação, ainda que mínima, que uma alma realiza para obedecer aos seus superiores¹¹.

O que esta mulher deixa para nós? Por que seu modo de viver ainda nos interpela à vivência da obediência? Seria uma dependência inútil ou fuga da realidade? Certamente, não. Gaetana era uma mulher que estava para além do seu tempo e, por isso, aponta o caminho de uma obediência consciente, livre e madura. O Deus que ela aprendeu a obedecer nas vicissitudes da vida, nas pequenas situações cotidianas é sempre fiel e companheiro de estrada¹².

Sua vida de profunda interioridade fê-la amadurecer, de forma gradual, o relacionamento com Deus. E assim, de várias formas, expressa seu encontro com Deus como entreter-se, recolher-se em si mesma e ouvir aquela voz¹³. Com efeito, sua obediência brotou do conhecimento contínuo de Deus, que se revelava de várias maneiras em seu ser e nas situações. Bultmann afirma que:

A obediência radical só existe quando o ser humano concorda por si mesmo com aquilo que é exigido dele, quando o que está sendo ordenado é compreendido como exigência de Deus, quando o ser humano afirmar inteiramente aquilo que está fazendo, melhor ainda, quando o ser humano estiver totalmente no que está fazendo, isto é, quando não fizer algo de modo obediente, mas quando seu ser for obediente¹⁴.

¹⁰ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 26.

¹¹ *Ibid.*, p.14.

¹² *Ibid.*, p. 110.

¹³ *Ibid.*, p.117.

¹⁴ BULTMANN, Rudolf. *Jesus*. São Paulo: Teológica, 2005, p. 89.

Para Gaetana, obedecer é também agir conforme Deus quer. É resposta de amor. É compromisso de fé e de vida. Portanto, fazer do seu ser obediência.

Escrever as memórias de seu encontro com Deus, para ela, era espaço de obediência, meio para enxergar melhor o que Deus queria dela. A voz do confessor, para Gaetana, era a “voz de Deus” que lhe indicava o caminho de Sua Vontade¹⁵, mesmo com suas imperfeições, dada a limitação humana.

Portanto, a obediência é um tema que perpassa toda a vida de Gaetana. Foi o modo que encontrou para pautar sua existência na busca e na realização da vontade de Deus, espelhando-se em Jesus, servo obediente à vontade do Pai. Assim, entendeu que percorrendo o caminho da obediência responsável, livre e consciente, poderia dar uma resposta sempre mais concreta ao Deus amor, a quem entregou toda a vida.

Nessa perspectiva, afirma Oliveira:

A obediência é histórica porque vem de Deus, porém termina na terra, onde a pessoa está chamada a construir sua resposta ao projeto de Deus, dando-se a si mesma em fim intermédio, que a conduz ou a aparta do fim último. Por ser histórica a obediência é também um ato de *crises* e um forte convite à decisão. Não se pode viver sem decidir¹⁶.

A crise surge porque é preciso optar por algo ou alguém, e na escolha feita não se sabe o que poderá acontecer, aí aparece o conflito interior.

Gaetana experimentou a “crise”, quando precisou decidir o lugar onde Deus a queria. Viveu o “conflito interior”, mas sua decisão e adesão ao plano de Deus foi consciente, livre e madura. Tinha diante dela uma meta: fazer em tudo a vontade de Deus. E, nesse momento, não podia falhar, quanto àquilo que a obediência lhe pedia, ou seja lhe apontava como resposta ao seu anseio.

Obedecer não é uma tarefa fácil e nem simples. Obedecer significa empreender esforços para se realizar aquilo a que adiro. Nesse sentido, as pessoas que, na história da salvação, deram a sua adesão a Deus, forjaram a história, através da missão assumida e levada a termo. Temos como exemplo Abraão, Moisés, Maria e o próprio Cristo.

Esses modelos de fé e obediência inflamaram o coração de Gaetana de paixão pelo Reino, a ponto de ela fazer da sua vida um gesto de oblação a Deus em total obediência.

¹⁵ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 125-126.

¹⁶ OLIVEIRA, José Lisboa M. *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 168.

Seguindo as pegadas do Cristo, Gaetana, despojando-se dos seus projetos, assume o que Deus lhe propõe ao longo da sua existência.

O modo de Gaetana viver e lidar com as situações cotidianas denota que ela estava, de fato, bem à frente das mentalidade comum de sua época. Por isso, sua vida e espiritualidade são, ainda hoje, uma proposta para as pessoas de nosso tempo.

Gaetana desenvolveu um método de vida que, se por um lado, podemos achar que seja exigente demais, por outro, foi um método que moldou o seu caráter¹⁷. É grata a Deus por ter tido pais tão atentos ao seu caráter que a ajudaram a não cair em vãs ilusões.

Na infância, ouvindo as histórias de alguns santos, aprendeu a doar-se em prol do próximo e amar a Jesus, a quem, mais tarde, dedicará toda a sua existência. Escreve ela em suas memórias espirituais:

Lembrarei para sempre a alegria que sentia quando, ao cair da tarde, minha mãe me chamava junto dela, com meus irmãozinhos, e depois de fazermos as orações diárias e de nos instruir um pouco sobre as principais verdades das Sagradas Escrituras, ou a vida e a paixão de Jesus Cristo ou as façanhas de algum santo, escolhendo as mais adequadas à nossa pouca idade, e terminando por nos exortar a querermos ser, também nós, bons, para imitá-los e por fim irmos para o céu¹⁸.

Se realizar a vontade de Deus exige dela uma total entrega e sacrifício de si mesma, por outro lado, será o meio para compreender e viver o que Deus deseja e o caminho que a fará responder ao amor de Deus através do serviço aos mais necessitados de sua época. Uma mulher que aprendeu, com as vicissitudes da vida, o dom de ser toda de Deus.

O contato pessoal com Deus, através da oração, conduzi-la-á a uma vida de fé e de mortificação do olhar, da vontade de querer ser vista, e do amor próprio, que a fará entender, sempre mais, que é através do conhecimento de si mesma e de suas fraquezas que Deus se servirá para fazê-la conhecer e realizar a Divina Vontade.

Assim, recorda o que lhe disse Pe. Simonetti:

...e exortou-me a desapegar cada vez mais meu coração das criaturas para consagrar meu afeto ao Senhor. Com poucas, mas fervorosas, palavras, falou-me da bondade do Senhor, e da grande felicidade de quem ardentemente O ama, convidando-me também a querer ser Gaetana de Jesus, na certeza de que Ele seria Jesus de Gaetana¹⁹.

¹⁷ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 117.

¹⁸ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 26.

¹⁹ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 95.

O auxílio e a presença constante dos confessores ajudam-na a acolher o que Deus lhe pede e a compreender que Ele quer o seu bem.

3.2 Gaetana e seu itinerário espiritual

Constitui-se um itinerário espiritual o caminho de encontro com Deus, através da escuta e a vivência de Sua Palavra. É se deixar moldar por Deus, para que a vida seja segundo o Seu coração.

Acerca da modalidade da sua oração, é possível constatar, em seus escritos, a oração como método de vida, que a orienta e guia.

O itinerário que Gaetana percorreu para vivenciar a vontade de Deus em sua vida foi pautado na oração, na contemplação, na interioridade, na familiaridade, no desapego, na confiança e na obediência. Portanto, na busca de estar, constantemente, na presença de Deus e de querer em tudo realizar o bem.

Os elementos citados, que aparecem em seu itinerário espiritual são uma constante, que ajudam a delinear o seu caminho de escuta, de encontro e de obediência a Deus.

Pautando sua existência no amor a Deus e na sua vontade, Gaetana, em sua oração, sentia profundamente o desejo de, em tudo, responder ao querer de Deus, colocando-se por inteiro em disponibilidade.

Neste sentido, Francisco de Sales afirma: “A conformidade do nosso coração com o de Deus, realiza-se quando pela santa benevolência depomos todas as nossas afeições nas mãos da sua divina vontade, para que Ele as incline e dirija a seu modo, moldando-as e conformando-as como lhe aprouver”²⁰.

Gaetana era uma pessoa sedenta de Deus, que buscava saciar sua sede através de uma vida de oração e de interioridade. Também nos afazeres cotidianos, sabia encontrar Deus. A certeza da fé que habitava o seu ser era um dado precioso, pois lhe proporcionava uma vida de profunda intimidade com Deus. Em seus escritos ela afirma:

Às vezes, o Senhor se fazia sentir dentro de mim de modo mais sensível que de costume. Isso aconteceu também no dia 24 de julho do ano sobre o qual estou escrevendo, vale dizer, de 1860. [...] Tão logo cheguei, senti-me comover por uma suavidade espiritual interior, e pareceu-me que Jesus me convidava a entreter-me com Ele dentro de meu coração²¹.

²⁰ FRANCISCO DE SALES, São. *Tratado do amor de Deus*. Porto, 1951, p. 364. Disponível em: <<file:///C:/Users/Camando%20central/Downloads/S%C3%A3o%20Francisco%20de%20Sales%20-%20Tratado%20do%20Amor%20de%20Deus.pdf>>. Acesso em: 10/09/2017.

²¹ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 297.

A familiaridade com Deus é fruto do cultivo interior, do encontro e da entrega da pessoa que aprendeu a gastar tempo com seu amado, que se doa, por inteiro, e se sente preenchida pela graça do encontro fecundo.

A confiança crescente de Gaetana em Deus a leva a viver em total abandono em suas mãos, sentindo-se segura, amparada, conduzida, protegida e, assim, se dispõe a tudo realizar segundo a Divina vontade.

Neste sentido, para viver em total abandono em Deus, Gaetana precisou desapegar-se de tudo que a “prendia”, para se deixar guiar por Ele. Esse foi o percurso que muitos místicos e místicas fizeram, ao longo da vida, para poderem estar totalmente voltados para Deus e para sua vontade.

Segundo Cabra, buscar o desapego de tudo que se faz, mesmo do que se considera indispensável no calor da atividade, é caminhar na estrada do abandono em Deus²². O desapego das criaturas é condição e fruto do amor chamado a crescer indefinidamente²³.

Foi neste sentido que Gaetana procurou despojar-se de tudo que a podia prender, para dedicar-se, totalmente, àquilo que Deus lhe solicitava, pois sentia que só assim era possível realizar a Divina Vontade.

3.3 Regras, um meio para ajudar no caminho espiritual

As regras, para Gaetana, são meios para concretizar o que o Senhor lhe pede. Com efeito, Gaetana não entende a sua vida sem um método que a conduza na realização da vontade de Deus.

Sendo assim, as regras que Gaetana fez para si e para as Filhas da Divina Vontade sugerem: a) viver o espírito do patrono da pequena congregação, São Francisco de Sales, espírito de humildade, abnegação, doçura e grande confiança em Deus; b) aspirar a perfeição para viver em Deus e para Deus, abandonar-se à providência divina, viver a uniformidade em tudo à Divina Vontade; c) ter um santo zelo pelo bem do próximo; d) obediência ao confessor.

Assim ela diz:

Terminados os exercícios, na solidão de meu quartinho coloquei no papel um método de vida que tencionava seguir, e acrescentei a ele propostas particulares, referentes à vida solitária, ao recolhimento, à mortificação e à dependência²⁴.

²² CABRA, Pier Giordano. *Com toda a alma meditações sobre a obediência*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 53.

²³ *Ibid.*, p. 53.

²⁴ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 80.

Trata-se de um método de vida que a lança ao encontro do Senhor, através de uma vida ordenada e orientada para Deus. São pequenas práticas diárias que faziam com que o seu espírito se voltasse para Deus e, assim, fosse cada vez mais preenchida pela graça e pelo desígnio Divino.

Portanto, desde o amanhecer, na primeira hora do dia, já fazia as suas orações para estar em completa sintonia com o querer de Deus. E o mesmo recomenda às suas filhas. Uma vida de interioridade, de encontro, de experiência que a alimenta do mais profundo amor.

As regras de vida não são cadeias, mas algo que nos permite um encontro sempre mais profundo com Jesus²⁵. Compreender isto é deixar-se guiar pelo Espírito que gera vida e dinamismo. É viver na liberdade de filhos e filhas de Deus (cf. Gl 5,1; Rm 8, 21-22).

Gaetana elaborou regras para si mesma e para as filhas da divina vontade. Desde quando sentiu que o Senhor a convidou a viver como religiosa, ainda estando em família, Gaetana escreveu um método de vida. Depois, em 1853, quando entrou no Ricovero de Bassano, sentiu a necessidade de escrever um novo método mais adaptado às novas circunstâncias²⁶.

Para ela, eram necessárias regras para viver como disciplina e seguir mais perfeitamente o que o Senhor lhe pedia. Por isso, não poupou tempo em ordenar bem a vida para responder, cada dia, da melhor maneira possível, a tudo quanto sentia ser vontade do Senhor.

Em Jesus, contempla-se a obediência levada até às últimas consequências. Jesus declara no Monte das Oliveiras: *“Eterno Pai se for possível afasta de mim esse cálice amargo, contudo não se faça a minha, mas a tua vontade”* (Mt 26, 36-46). Assumiu a cruz, ainda que sofrendo dor e angústia por ter chegado a sua hora, mas não se apegou à sua vida, mas, a deu livremente. *“Ninguém tira a minha vida eu a dou livremente”*, afirma Jesus (Jo 10,18).

Gaetana, seguindo o Mestre, também experimentou, na própria pele a dificuldade em assumir a vontade do Pai, a ponto de repetir as palavras de Jesus: *“Eterno Pai, se for possível afasta de mim esse cálice amargo, contudo não se faça a minha, mas a tua vontade”* (Mt 26, 36-46).

Era o momento de deixar cair por terra todos os seus planos, que, então, eram viver num claustro, no recolhimento e quietude, algo tão almejado por ela, mas o Senhor lhe pede que vá para o Ricovero. Mudaram-se os seus planos.

Não obstante o sofrimento e a dor da renúncia, Gaetana dispõe-se totalmente, e diz: *“Sim, Senhor serei tua, mas ajuda-me com a tua graça”*. Gaetana vive o deserto da insegurança.

²⁵ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 424.

²⁶ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 117.

Nesse momento, é chamada a esvaziar-se dos seus medos e entregar-se com confiança nas mãos de Deus. Através da escuta da Palavra, da oração pessoal, na qual dizia que o modo que encontrava para rezar era aquele de figurar Deus dentro de si, através do recolhimento interno²⁷.

O motivo da obediência de Jesus ao Pai era o amor (cf. Jo 14,31). Jesus era a perfeita expressão da maneira como o amor de Deus se realiza na pessoa que deseja e faz Sua vontade²⁸ (cf. 1Jo 2,3-5). Obediência amorosa, de entrega!

Deus deseja ações exteriores que brotem de desejos interiores de relacionamento e intimidade; de fato, é esse seu desejo para nós. Foi o que o Pai encontrou em Jesus²⁹ e espera encontrar em nós. Que os seus filhos (as) sejam pessoas coerentes, que haja sintonia com o exterior e o interior³⁰.

Deus quer tocar o nosso coração com amor, pois, se genuinamente permitirmos o acesso divino às nossas profundezas, a obediência fluirá de nós como água de uma fonte interior. É a disciplina ligada em sua nascente - não resultado de nosso esforço, mas, fruto da ação de Deus em nós³¹.

Gaetana impõe-se uma regra de vida, ou seja, uma disciplina para responder com maior fidelidade ao Senhor e não correr o risco de desviar-se da meta: a realização da vontade de Deus.

A disciplina é meio para se chegar a bons fins. Pr 4,13 motiva-nos a permanecer firmes e nunca abandoná-la, mas conservá-la: “Ela é tua vida”³². Isso foi o que impulsionou Gaetana a acreditar que as regras ou disciplina a lançam para um fim, realizar a vontade de Deus.

Jesus é o modelo de vida guiada por uma disciplina. Sabia retirar-se para estar com o Pai para rezar todos os dias (cf. Lc 22,39-41). A disciplina era, para Jesus, como deveria ser para nós, assentada no relacionamento e moldada pelo desejo³³. Uma disciplina que infunde no coração a transformação, porque está em sintonia com o Espírito de Deus³⁴.

Gaetana, em vários momentos da sua vida, renovava e modificava seu método de vida, segundo as necessidades. Porém, quando criança, seu modo de rezar era aquele ensinado pela mãe, pela catequista e, também, pelo confessor que a orientava. No entanto, não se percebe

²⁷ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 323.

²⁸ BENNER, *Desejar a vontade de Deus*: alinhando nossos corações ao coração do Senhor. São Paulo: Loyola, 2011, p. 56.

²⁹ BENNER, *Desejar a vontade de Deus*, p. 57.

³⁰ *Ibid.*, p. 57.

³¹ *Ibid.*, p. 58.

³² *Ibid.*, p. 31.

³³ *Ibid.*, p. 43.

³⁴ *Ibid.*, p. 31.

muito o método que ela usava. Nesse período, reconhece sua inconstância na oração. Nas etapas seguintes da sua vida matrimonial e viuvez, contudo, soube elevar o seu pensamento a Deus.

Assim como Gaetana preparou as regras de vida, também, desde o início da congregação, estendeu para as suas companheiras o seu método, para orientá-las no caminho de progressão constante na vida espiritual e nos compromissos diários, para uma melhor integração total da vida.

O desejo dela era ver a todas bem orientadas para que não se perdessem com vãs ilusões. Por isto, propõe uma regra de vida.

Gaetana exorta as companheiras a serem religiosas não aos olhos dos homens, mas, aos olhos de Deus. Portanto, a levarem uma vida que o agrade em tudo, porque só a Ele deve comprazer³⁵.

As regras que Gaetana condiz com as companheiras sugerem um espírito de desapego e desprendimento das pessoas e das coisas, para estarem sempre mais unidas a Deus e à sua vontade, por meio da obediência³⁶.

3.4 A obediência como busca da vontade de Deus

Segundo Cuttaz, um dos meios principais para nos unirmos a Deus e lhe provarmos nosso amor é conformarmos nossa vontade com a sua³⁷. Neste sentido, Gaetana procurou vivenciar, cada dia, sua vida, conformando-se com a vontade de Deus.

Fazer a vontade de Deus em todas as coisas, para Gaetana, é um caminho de perseverança e de docilidade à voz de Deus. Sinal de obediência e de amor àquele que chama e envia! Em tudo que realiza, sente que não faz para si mesma, mas como resposta ao pedido do Senhor, que de alguma forma, a faz conhecer a sua vontade. Assim ela escreve:

Acendera-se com tanta força dentro de mim o desejo de cumprir em tudo a vontade do Senhor, que toda oração terminava pedindo a Deus essa graça. Para isso tendiam minhas mais frequentes jaculatórias, para esse fim dirigia quase toda minha prática de devoção. Ao rezar o *Pater Noster*, com muita frequência, eu me detinha no terceiro pedido e o repetia várias vezes, com grande efusão do coração e satisfação de espírito. E nas meditações, qualquer que fosse o assunto, quase sempre encontrava o modo de tirar dela o fruto do cumprimento da vontade do Senhor e fazia generosas oferendas e grandes propósitos. Sentia-me intimamente decidida a morrer, antes de ir conscientemente contra a vontade divina³⁸.

³⁵ STERNI, *Scritti*, p. 26.

³⁶ STERNI, *Scritti*, p. 26.

³⁷ CUTTAZ, F. *O amor de Deus mística e prática*. São Paulo: Paulinas, 1963, p. 112.

³⁸ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 68.

Preferir a vontade de Deus à nossa é, realmente, muito difícil. Não podemos nos enganar quanto a essa realidade, nos iludindo³⁹.

Neste sentido, escreve Cabra,

Se existe um Deus que pensa em mim, e se pensa em mim em um plano de amor, então a única coisa que deve importar-me é procurar fazer a sua vontade, porque fora dela não passo de um sopro, uma rajada de vento, que passa rapidamente sem deixar vestígios⁴⁰.

Acreditar que é Deus que dá sentido e conduz a vida humana é depositar Nele o que de mais belo temos: a nossa vida. É abandonar-se naquilo que ele indica como caminho para se cumprir a Sua vontade, deixar-se guiar pelo Amor Maior.

Se Gaetana não tivesse se lançado nas mãos de Deus, com certeza, o seu destino seria outro. A obstinação humana de pensar que, por si mesma, poderia encontrar o caminho, sem necessitar do auxílio Divino, é uma grande ilusão, que leva às mais graves desordens.

Nesta perspectiva, Kearns afirma:

Cristo precisava de uma dupla dinâmica em sua vida de obediência. Precisava estar sozinho cada noite com seu Pai, na dimensão vertical e na contemplação. Mas também buscava o querer do Pai na dimensão horizontal, por meio de uma comunidade de irmãos imperfeitos. Acreditava que o Pai iria manifestar o seu querer por meio dessas duas dinâmicas⁴¹.

Cristo nos ensina a necessidade do diálogo permanente com o Pai, para uma escuta atenta do seu querer, e a importância da comunidade onde Deus também se manifesta e nos faz conhecer a sua vontade.

Quando Gaetana entrou no *Ricovero*, na vivência e no cultivo cotidiano do diálogo com o Pai, percebeu a necessidade de ter companheiras para compartilhar a vida e a missão. Entendeu que sozinha não poderia levar adiante a missão. Neste sentido, a obediência e a atenção ao que Deus lhe vai revelando serão o seu guia. Aos poucos, contará com a colaboração de uma jovem que se dispõe a fazer parte da missão.

Toda pessoa consciente de suas limitações precisa recorrer a alguém que a ajude a discernir o querer de Deus na vida concreta⁴².

Segundo Kearns:

A virtude da obediência exige muita confiança. Uma confiança que se manifesta como nossa resposta totalmente pessoal através da

³⁹ BENNER, *Desejar a vontade de Deus*, p. 31.

⁴⁰ CABRA, *Breve curso sobre a vida consagrada*, p. 233.

⁴¹ KEARNS, Lourenço. *A Teologia da Vida Consagrada*. Aparecida: Santuário, 1999, p. 198-199.

⁴² KEARNS, *A Teologia da Vida Consagrada*, p. 199.

obediência. Nas coisas simples que não exigem muita doação de nós mesmos, essa confiança seria fácil. Mas no meio de problemas, dificuldades resistências e obstáculos, quando vemos nossa fraqueza e infidelidade, essa confiança exige mais fé. E essa fé não é em nossas forças, mas na presença amorosa e salvadora de Deus em nossa vida. Esse foi o drama de todos os profetas que no meio das dificuldades, sentiram medo e resistência. O que firmou sua confiança foi sua fé nas palavras de Deus: “Não tenhas medo, estarei com você” (cf. Js 1,9; Is 41,10-13; Jr 1,8; 42,11; Mc 6,50)⁴³.

O convite de Deus a não ter medo, impulsiona e encoraja a dar uma resposta, ainda que em meio aos desafios, porque a confiança supera o medo. A obediência, muitas vezes, é sinônimo de acolhimento de uma missão. É viver o mesmo destino do Servo Sofredor (cf. Lc 9,23)⁴⁴. Gaetana compreendeu essa dinâmica e se despojou dos seus medos para que Deus pudesse conduzi-la. Assim, o seu medo se transformou em ilimitada confiança.

Afirma Kearns ao falar da obediência:

A primeira etapa da obediência é o trabalho para estar aberto, ouvindo e buscando a vontade do Pai em tudo, que pode ser manifestado de várias maneiras, tendo um único fim: querer estar em união com a vontade de Deus. Para isso é necessário dar tempo para a oração, para discernir o que Deus quer dizer pessoal e comunitariamente. Com efeito exige-se uma busca dos meios que nos possibilita um discernimento sério⁴⁵.

A escuta é um processo contínuo para quem deseja viver segundo a vontade de Deus. É na abertura aos apelos do Senhor, que se manifesta de várias maneiras, mas, sobretudo, no silêncio orante, que poderemos acolher e responder aos seus apelos. Neste sentido, Gaetana procurou criar, em sua vida, um itinerário de oração permanente, para escutar o Senhor e com Ele fazer caminho.

Destarte, o modo como Gaetana procurou moldar sua vida para discernir a vontade de Deus sobre o seu futuro deveria nos impulsionar a buscar meios que, também, nos auxiliem em um caminho crescente para termos maior clareza da vontade de Deus. Só corremos o risco de nos enveredar pelo caminho, não da Sua vontade, mas da nossa e, assim, viver egoisticamente aquilo que nos apraz. Sem nos abrir para outras fontes fora de nós, é difícil descobrir a vontade do Pai nas coisas mais importantes da nossa caminhada religiosa.

⁴³ KEARNS, *A Teologia da Vida Consagrada*, p. 201.

⁴⁴ *Ibid.*, p.201.

⁴⁵ *Ibid.*, p.203.

3.5 A obediência como escuta amorosa

“A qualidade da escuta determinante para obedecer ao amor”⁴⁶.

Obediência, como já mencionamos no primeiro capítulo, significa escuta, que implica uma capacidade de atender, ou seja, de dar uma resposta à voz que chama, ou a alguém e mais precisamente, em nosso caso, a Deus. O ser humano dotado deste sentido se predispõe para perceber, sendo essencial o ouvir, pois é através da escuta que se predispõe a realizar aquilo que lhe é solicitado por outrem.

Neste sentido, Lurker afirma:

Na linguagem simbólica, o ouvido indica a prontidão espiritual a abrir-se para o que se ouviu, a ouvir e obedecer. (...) O Servo de Deus reconhece que o Senhor lhe abriu os ouvidos e os aguçou, para que ele possa ouvir à semelhança de discípulo⁴⁷ (cf. Is 50, 4s).

É essa disponibilidade de discípula que Gaetana foi aprendendo ao longo da sua vida, para se dispor ao querer amoroso de Deus.

Segundo Bargellini, a obediência do coração é o pôr-se à escuta desse Mestre, que serve-se das mediações. No fundo, a abertura do ouvido ao Mestre interior reaproxima-nos dele, de quem, curvados sobre nós mesmos, estávamos afastados⁴⁸. O acolhimento e a obediência na fé possuem ambos um único modo de exprimir-se: o silêncio, sinônimo da pobreza e da disponibilidade interior⁴⁹.

Assim afirma Papa Francisco:

A contemplação cristã nasce e cresce no exercício de uma escuta obediente (*ob-audire*) e ininterrupta. Se é Deus aquele que fala, o crente é uma pessoa chamada a escutar, o contemplativo, a pessoa que incessantemente escuta⁵⁰.

Neste dinamismo, o que conduz a uma verdadeira escuta é a atenção e a abertura, despojada do próprio eu, para acolher e dispor-se ao que é dito.

⁴⁶ PUNTELL, Joana T.; BESTTETI, A.; PRATILLO, F. *Os conselhos evangélicos na ótica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁴⁷ LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e Símbolos Bíblicos*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 169.

⁴⁸ BARGELLINI, Emanuele. *Nas pegadas do Reino proposta de um itinerário espiritual*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 62-63.

⁴⁹ BARGELLINI, *Nas pegadas do Reino proposta de um itinerário espiritual*, p. 62-63.

⁵⁰ CIVCSVA. *Contemplai “Mostra-me, ó Amor de minha alma.”* (Ct 1,7) Aos consagrados e às consagradas sobre os sinais da beleza. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 60.

3.6 Obediência como mediação

A obediência como mediação será espaço de escuta e confronto com o querer de Deus. Como mediação, torna-se presença ativa de Deus que atua através dos seus. Deus que fala, conduz e guia em seus caminhos e mostra sua vontade. Deus utilizou-os no passado, usa-os no presente e usará desses meios no futuro, pois o dinamismo da Sua ação no mundo é contínuo.

Segundo Cabra, “quando se avança no caminho da volta a Deus através do amor obediente, percebe-se a necessidade de desapego da criatura a começar por si mesmo”⁵¹.

Portanto, para Gaetana, este foi um caminho que se sentiu chamada a percorrer, constantemente, para viver a obediência a Deus. Ao desapego, à exigência de purificação até à morte da própria vontade, Gaetana chama de *morte mística*. O que pode parecer algo negativo, para ela, se trata de um valor positivo, que a ajudou a trilhar, com perseverança e fidelidade, o caminho da obediência. São atitudes que fazem parte do seu itinerário e a conduzem sempre mais para Deus. Com efeito, desapego, purificação e morte da própria vontade são elementos perceptíveis em toda caminhada de Gaetana, rumo à vontade de Deus.

Consequentemente, o caminho de desapego não tem um fim em si mesmo, mas, conduz a um valor muito mais fascinante e luminoso que é a confiança e o abandono, elementos que, por sua vez, conduzem à obediência a Deus através das suas mediações⁵².

Assim, afirma Girardi:

Vós quando falardes da vida consagrada se vos deixardes guiar pela luz do vosso carisma, não podereis fazer menos que centrá-la sob uma vida toda de obediência. E para dar a esta afirmação um caráter mais cristocêntrico, mais teologal, centrai-a precisamente sobre Cristo Obediente, pois Cristo é o obediente por excelência, é verdadeiramente o filho da Divina Vontade. Se há um que se pode ser chamado de maneira mais completa é mesmo Ele; como se pode dizer da mãe, Maria. E é bonito ver o mistério de Cristo, o mistério de Maria, o mistério da Igreja à luz dos nossos carismas, para poder atingir a esta fonte, o impulso nos guia para a atuação prática daquilo que devemos ser na Igreja⁵³.

O seguidor(a) de Cristo deve aprender, progressivamente, o caminho da obediência. Ele, que é o obediente por excelência, nos ensina o caminho seguro para se fazer a vontade do Pai.

Segundo Girardi, a obediência de Gaetana Sterni é como derivação de uma “atitude profunda” que o Espírito vai educando dentro dela. Isto significa que o Espírito está fazendo

⁵¹ CABRA, *Com toda a alma*, p. 53.

⁵² GIRARDI, Giuseppe Oliviero. *Sussidio di reflexione fatto con le suore della Divina Volontà*, Bassano Del Grappa: [s.n.], 1980.

⁵³ GIRARDI, *Sussidio di reflexione fatto con le suore della Divina Volontà*, p. 19.

um dom e este dom é defendido, é sustentado, é amadurecido até quando Gaetana é conduzida, até tornar-se Filha desta Divina Vontade⁵⁴.

Como o Espírito a conduz? Como amadurece nela esta atitude? Através da trama surpreendente dos acontecimentos de sua vida, a sua história. Isto nos ensina tantas coisas!

Trata-se, portanto, de uma “atitude profunda”. A atitude é uma capacidade de ser, de fazer. A postura por sua vez, é consequência desta atitude. Ora, a atitude é o dom do Espírito, a capacidade, a habilitação pela qual falamos em se tratando do carisma⁵⁵.

O Espírito concede um dom inicial a Gaetana: a capacidade particular de colher, ou pelo menos de aceitar na fé, a vontade de Deus. Esta capacidade, muito sofrida, torna-se nela um movimento, ao qual, não obstante todas as resistências, ela é sempre fiel⁵⁶.

Isto é, não é o obedecer enquanto gesto, enquanto ato físico, material, mas é o espírito que a leva a obedecer que constitui o carisma⁵⁷.

Afirma Girardi, sim, porque se pode obedecer e não se ter na alma nenhuma adesão ao gesto de obediência, sobretudo, pode-se não ter nenhuma adesão “amorosa” para com a vontade de Deus⁵⁸. Girardi continua: ao passo que a atitude, a capacidade, a intuição fazem ver, interiormente, também, uma luz, uma mediação, para poder entender essa intervenção da vontade divina, a qual me quer conduzir e criar em mim uma postura obediencial⁵⁹. Para Girardi, Gaetana não chegaria a ser aquilo que deveria ser, se lhe tivesse faltado uma ou duas vezes nesta postura obediencial. Jamais seria fundadora da congregação!⁶⁰

Segundo Girardi, estamos no coração da identidade da congregação das Irmãs da Divina Vontade, isto é, naquele valor essencial que a congregação é chamada e habilitada a evidenciar, testemunhar e comunicar na Igreja. Isto é, em nível de carisma⁶¹.

Gaetana fala de sentir-se atraída. “Portanto, essa graça, torna-se como o centro da sua vida, o ponto luminoso de toda a existência, o sol da sua vida espiritual, antes da sua vida religiosa, porque estava no noviciado das Canossianas”⁶².

Neste sentido, afirma Girardi:

⁵⁴ GIRARDI, *Sussidio di reflexione fatto con le suore della Divina Volontà*, p. 19.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 19.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 19.

⁵⁷ GIRARDI, *Sussidio di reflexione fatto con le suore della Divina Volontà*, p. 19.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 19.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 19.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 19.

⁶¹ *Ibid.*, p. 19.

⁶² *Ibid.*, p. 19.

...ela que é preparada pelo Espírito para um outro tipo de vida consagrada, sente que a sua verdadeira vida religiosa consiste no conservar, no desenvolver esta aspiração à divina vontade, tanto é verdade que dirá à superiora: “Senhora, só para fazer a vontade de Deus entrei aqui, e só para fazer a vontade de Deus permanecerei fora, se assim ele dispuser”. (p. 100). Essa palavra de Gaetana nos remete à passagem de Lc 2,49, onde Jesus fala a seus pais: “*Não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*” Deus é coerente no guiar as pessoas que são dóceis ao seu projeto, ao seu desígnio. Gaetana sente sempre mais, que o centro da sua vida é a divina vontade. Portanto, a esfera da sua existência é atraída por aquele sol. A sua vida religiosa é esta⁶³.

Gaetana sente que o viver é Cristo, como afirma São Paulo (cf. Fl 1,21). Por isso, busca em toda a sua existência deixar que a Luz de Cristo brilhe e que seja ela a conduzi-la em todas as etapas da vida.

3.7 Obediência ativa e responsável

O que queremos afirmar com isto? Que a obediência não é simplesmente dizer sim, sem responsabilidade, mas é responsabilizar-se por aquilo que se assume, se obedece. Segundo Oliveira, a obediência é ativa e criativa⁶⁴. Portanto, responsabilizando-se, a pessoa viverá com maior autenticidade, sinceridade e lealdade a obediência. O papel do superior(a) será o de animar a pessoa na assunção deste valor, mas, sentindo-se ela mesma responsável por seus atos. Neste sentido, a pessoa é chamada a dar sua colaboração nas decisões que concernem à sua participação efetiva.

Se percebermos a vida de Gaetana nesta perspectiva, notaremos que ela, ao assumir o que o confessor lhe pedia, sempre se responsabilizava e acolhia, sentindo que não era mera subserviência, mas, adesão à vontade de Deus.

Ela não agia passivamente, antes, tinha uma obediência ativa que intervinha e indagava sobre aquilo que assumiria. No diálogo com o padre que a orientava assim fala:

Padre, ouvi o confessor extraordinário, e até fiz a Deus o sacrifício de minha vontade e de qualquer inclinação minha, mas nunca vou tomar alguma resolução definitiva sem antes ouvir do senhor que é vontade de Deus que eu entre para o Asilo. É obedecendo ao senhor que entendo obedecer ao próprio Deus⁶⁵.

⁶³ GIRARDI, *Sussidio di reflexione fatto con le suore della Divina Volontà*, p. 19.

⁶⁴ OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*, p. 151

⁶⁵ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 104.

Portanto, Gaetana sabia argumentar sobre o que assumiria; tinha uma participação ativa sobre o seu destino. Gostava de ter as coisas claras para responder com responsabilidade e liberdade ao que Deus lhe solicitava.

É este tipo de obediência que se espera encontrar em quem adere, na liberdade e de maneira madura, ao projeto do Senhor, que passa pelas mediações. Afirma Oliveira, a obediência é *convergência* de vontades na direção do Reino e da Verdade que liberta⁶⁶ (Jo 8, 32). Portanto, é um encontro das vontades. A vontade de Deus e da pessoa que deseja pertencer a Deus.

Cuttaz assim escreve:

Todo ser deve submissão àquele de quem depende e a quem pertence. Ora, nós pertencemos a Deus muito mais rigorosamente do que qualquer coisa pode pertencer a um dono que, sendo criatura não pode criar nada. Pertencemos a Ele e somos Dele e para Ele totalmente. A obediência é uma exigência do amor⁶⁷.

Pertencendo a Deus, é a Ele que devemos devotar o nosso amor de pertença e de entrega, vivendo uma obediência do coração, que nos impulsiona para aquele que nos criou e nos quer bem. Compreender essa lógica do amor, nos joga nos braços amoroso de Deus.

É próprio dos que se amam quererem as mesmas coisas, ensina Santo Tomás, traduzindo o velho adágio: “*Idem velle, idem nolle, est amicitia: não há amizade sem identidade das vontades*”⁶⁸.

Neste sentido, Gaetana procurou unir sua vontade à vontade do Senhor, porque entendeu que não havia outra forma de O comprazer em todas as coisas, a não ser obedecendo os seus preceitos e seguindo Sua vontade.

De tal maneira, deve ser oferecido a Deus o que de melhor pode existir no ser humano. E o melhor é a própria vida feita oblação de amor, na espontaneidade e na gratuidade. Ninguém está obrigado a fazer o que não quer, por isso, a obediência deve ter o consentimento pessoal e responsável.

Assim, como já mencionamos, a obediência é adesão de amor: adiro porque amo e porque desejo realizar algo para o bem do outro. Essa consciência deve estar presente para que se viva com responsabilidade o que se assume.

Jesus assumiu, responsavelmente, a cruz até a morte (cf. Fl 2, 5-11) por amor de nós, numa obediência pautada no amor responsável, gratuito e comprometido com o projeto do Pai.

⁶⁶ OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*, p. 150.

⁶⁷ CUTTAZ, *O amor de Deus mística e prática*, p. 112.

⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO *apud* CUTTAZ, F. *O amor de Deus mística e prática*. São Paulo: Paulinas, 1963, p. 113.

Com o passar do tempo, Gaetana que era ajudante do Ricovero, passa a ser vice diretora, devido à saída da diretora Giacinta Manera, em 1855. Aumentam, assim, suas responsabilidades. Contudo, ela encontra tempo para se dedicar à oração e a seu regulamento de vida⁶⁹.

Gaetana continuava a sua trajetória, sob a direção do confessor na administração do Ricovero. Porém, começam a surgir os primeiros desejos de formar um grupo, ter algumas companheiras, para poder colaborar com os trabalhos do Ricovero e, também, assistir os enfermos a domicílio⁷⁰.

Suas necessidades foram atendidas e Gaetana acolheu sua primeira companheira e, com ela, compartilhou as tarefas e a vida.

A vida de Gaetana era encarnada na realidade histórica. Ela optou pelos despossuídos, os esquecidos. Deu o seu sim ao grito que emergia das dores dos marginalizados, numa obediência geradora de vida.

Com a necessidade do Instituto, Gaetana assumiu a direção do Ricovero, com responsabilidade e obediência. Mesmo sentindo o peso do que estava assumindo, não se recusou. Experimentou o deserto da dor e da luta interior, para servir a todos com amor.

A oração liberta-nos das escórias do mundanismo, ensina-nos a viver com alegria, a escolher a fuga do superficial, num exercício de liberdade autêntica. Na oração, crescemos em liberdade, na oração aprendemos a ser livres. A oração arranca-nos da tendência a concentrar-nos sobre nós mesmos, fechados numa experiência religiosa vazia e leva a colocar-nos docilmente nas mãos de Deus para cumprir a Sua vontade e corresponder ao Seu plano de salvação⁷¹.

3.8 A relação de obediência aos confessores

Por que Gaetana obedecia os confessores? Que tipo de relação tecia com eles?

Recordamos que, na época de Gaetana, era comum ter confessores que orientavam as pessoas na fé cristã, mas também em todos os âmbitos da vida humano-espiritual. Era uma maneira de responder mais eficazmente aos apelos de Deus e de buscar a santidade através de uma vida reta que tende para as coisas do alto.

⁶⁹ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 183.

⁷⁰ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 179.

⁷¹ FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco, aos Bispos, sacerdotes, consagrados, consagradas, seminaristas, famílias, colombianos! Disponível em: http://pt.radiovaticana.va/news/2017/09/10/discurso_do_papa_no_encontro_com_religiosos_-_texto_integral/1335901>. Acesso em: 10 set. 2017.

O modo como vai sendo tecida a relação de confiança entre Gaetana e os confessores a ajuda a sempre mais partilhar as experiências de encontro com o Senhor e a compreender a revelação de Sua vontade.

É possível perceber que, desde sua infância, essa relação de obediência e confiança vai auxiliando sua caminhada de comprazer em tudo o Senhor. É marcante, em sua trajetória de vida, o fato de buscar obedecer, a qualquer custo, os confessores, sentindo obedecer a Deus.

Ainda criança, Gaetana teve um confessor que a orientou e a guiou nos bons propósitos e na fé cristã. Um momento significativo em sua vida foi a preparação e a primeira comunhão. Momento que ela expressa dessa maneira:

O bom sacerdote, que já me assistia havia cerca de dois anos, conhecendo a grande necessidade que eu tinha do Senhor para sair de meus sofrimentos espirituais, me propôs permitir que eu fizesse a Santa comunhão. Isso deixou-me muito alegre, e, com grande diligência, procurei aprender tudo quanto me era ensinado na preparação⁷².

Seu jeito vivaz ajudou-a a se aproximar da santa comunhão, o que a deixou muito alegre e a levou a fazer promessas de uma vida em comunhão com o Senhor para não desagradá-lo. O desejo profundo que tinha de ser santa, a fazia elevar o seu espírito a Deus e a comprometer-se numa vida de mortificação e de piedade.

Em todas as etapas da vida, serviu-se da confissão e das experiências espirituais como meios para estar em sintonia com os desígnios de Deus. Neste sentido, os confessores foram para ela sempre necessários e presentes para guiá-la e conduzi-la.

Com efeito, o voto de obediência que ela emitirá será um meio para auxiliá-la na busca e na realização da vontade de Deus com fidelidade e perseverança.

3.9 O voto de obediência

Segundo Kearns, a obediência religiosa situa-se no mistério de Cristo Servo Sofredor. A obediência significa doação radical ao Pai, para poder viver o Primado do Absoluto⁷³. Portanto, é uma doação e entrega da vida toda a Deus que é pleno amor, no serviço aos irmãos, que exige da pessoa uma saída de si em direção ao outro, ao próximo.

Ressalta Kearns:

⁷² STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 31.

⁷³ KEARNS, *A teologia da vida consagrada*, p.195.

Por meio do voto de obediência cada homem e cada mulher que adere ao projeto de Deus-Pai, no seguimento de Cristo, participa da história da salvação, dando continuidade ao gesto de Cristo obediente à vontade do Pai⁷⁴.

Neste sentido, cada homem e cada mulher colocam-se na dinâmica da salvação, fazendo da vida dom de amor, a exemplo de Cristo.

Assim, Gaetana faz o voto de obediência, sentindo, por meio dele, obedecer a Deus, tendo o confessor como mediação entre ela e Deus, para melhor descobrir e realizar a divina vontade.

Destarte, os confessores que passarão por sua vida, sempre se mostrarão abertos à ação do Espírito para ajudá-la no cumprimento das promessas divinas. Prova disso será a confirmação de sua entrada no Ricovero de Bassano Del Grappa.

Com efeito, Gaetana vê o voto como laço de amor que a liga a Jesus, seu esposo amado, não obstante a exigência que traz em sua raiz.

Viver o voto de obediência será para ela uma maneira de estar em profunda sintonia com o projeto divino.

Assim, a obediência de Gaetana aos confessores vai desde a dimensão espiritual até às coisas de uso pessoal. Vive a dependência responsável, motivada pelo desejo de corresponder a tudo com fidelidade. Por isso, escreveu um método para não incorrer em vãs ilusões. Sentindo que, acima de tudo, a sua obediência era devida a Deus. A primeira coisa que fazia era submeter a Jesus os seus escritos, apresentando-os diante da imagem do crucificado que tinha em seu quarto. Com estas palavras se dirigia a Jesus:

Eis, meu Jesus, o método que me prefixei em observar, adequado com a minha atual posição e que espero que seja segundo a tua vontade. Eu te apresento, com a promessa de ser-te fiel o quanto me for possível. Tu me sustenta com a tua graça para que assim seja. Assiste-me para que as regras sejam do teu agrado, para que através delas eu possa dar glória a ti, servir ao próximo e santificar a mim mesma. Assim seja⁷⁵.

Depois apresentava-as ao confessor e, após serem aprovadas, começava imediatamente a colocá-las em prática.

⁷⁴ KEARNS, *A teologia da vida consagrada*, p.195.

⁷⁵ STERNI, *Scritti*, p. 15.

Conclusão

Foi no dinamismo do amor que Gaetana enveredou-se no caminho de total obediência a Deus, para realizar não a sua, mas, a vontade divina. Esse caminho ela percorreu com ilimitada confiança e desejo de comprazer o Senhor.

Confiava em Deus que a conduziu em meio às dificuldades cotidianas que iam se apresentando no caminho. A capacidade de abandonar-se em Deus e deixar que ele a guiasse levou-a a orientar a vida sob o prisma de um amor sem reservas.

O desapego e a abnegação de tudo que a podia desviar do caminho a fez experimentar a alegria da pertença a Deus, da entrega e do amor que gera vida.

A sua vida de obediência testemunha que é possível unir a própria vontade à vontade de Deus, pois o Senhor é sempre fiel e ele mesmo conduz seus filhos e filhas, não obstante as provas pelas quais possam passar.

Compreender e viver uma obediência amorosa, que se compraz no querer de Deus, anima e revigora o ser, muitas vezes, fraco e necessitado de forças, pois, sozinho, não será capaz de seguir a trilha da vida. Trata-se de reconhecer que, sem Deus, nada somos.

Para Gaetana, a disciplina de vida foi um auxílio fecundo para viver, em todas as situações, a vontade de Deus, que a fazia perseverar em seus propósitos, para não sucumbir, quando parecia pesado demais cumprir certas exigências.

A fidelidade de Gaetana ajuda-nos a continuar firmes naquilo que nos propomos, para não nos desviarmos do caminho, qualquer que seja o desafio que enfrentarmos. Desta forma, é sempre bom ter em mente o objetivo daquilo que nos propomos para que, assim, a motivação primeira nos impulse para que não desanimemos.

Saber valer-se das mediações que Deus nos indica é um ganho para o discípulo que deseja aproximar-se, sempre mais, da meta. Não se chega a bons propósitos de vida sem comprometimento e responsabilidade. Neste sentido, contemplamos em Gaetana uma capacidade profunda de se “jogar” naquilo com que se compromete, para atingir a meta, que, para ela, consiste em fazer a vontade de Deus.

Sua obediência ativa a fazia mergulhar no mistério Maior do amor de Deus. Sua capacidade de interioridade a guiava a uma entrega de amor e de pertença. Gaetana não sabia viver sem Deus. Por isso, O encontrava nas situações cotidianas, em tudo e em todos. Neste

sentido, assim afirma Smulders: “*Quem acredita na criação pode encontrar Deus nas tarefas terrestres*”⁷⁶.

Com efeito, Gaetana, na alegria de viver em Deus e para Deus à custa de qualquer sacrifício, foi conduzida a uma vida de doação, de amor, de perdão, sendo capaz de encontrar Deus nas pessoas e nos acontecimentos.

⁷⁶ SMULDERS, P. *A visão de Teilhard de Chardin: ensaio de reflexão teológica*. Petrópolis: Vozes, 1969, p. 242.

4 UMA ESPIRITUALIDADE PARA OS NOSSOS DIAS: A ATUALIDADE DE MADRE GAETANA STERNI

Introdução

O capítulo anterior nos imergiu na espiritualidade obediencial vivida por Gaetana, que nos provoca a uma vida de obediência a Deus. Sobretudo, ressaltava que o cultivo da escuta para discernir a Sua vontade é um ponto central na capacidade de crescer em obediência.

Destarte, é sabido que vários místicos e místicas foram introduzidos nesta dinâmica da obediência, partindo do desejo de realizar a vontade de Deus a custo de sacrifícios, procurando conformar-se a Jesus, o Filho servo do Pai, a quem muitos homens e mulheres seguiram, ao longo da história da humanidade.

Entrar na aventura de apresentar Madre Gaetana como um modelo de espiritualidade possível, para a nossa atualidade, é um empreendimento desafiador, porém ineludível que desperta e infunde muito amor, pois a sua vida tem nuances que nos fazem entrar em comunhão com a nossa própria história. Ela mesma nos ajuda a perceber a ação da graça Divina atuante em sua vida e nos faz próximos dessa realidade.

Gaetana forjou, no ordinário da vida, uma experiência voltada para o encontro e a realização da vontade de Deus. Na simplicidade da vida, soube criar espaço de encontro profundo com Ele. Enamorada deste Deus que está presente na história da humanidade e que caminha conosco, ela se lança apaixonadamente para servir.

Uma frase forte e tocante que ela muitas vezes repetiu em sua vida e que descreve bem o seu itinerário foi: “*Deus quer assim, assim seja feito!*”¹ Não temeu as desventuras, mas se arriscou, abandonando-se confiantemente nas mãos de Deus. Uma mulher corajosa que, ainda jovem, se deixou conduzir por Deus.

Por que a sua espiritualidade ainda é atual? O que nos leva a afirmar isso? Passeando pelos seus escritos, podemos nos ver imersos em várias situações de sua vida. Isso nos aproxima e nos faz seus companheiros(as) de caminhada. E, ao mesmo tempo, lança luzes para as situações que vivenciamos hoje. Sobretudo, Gaetana nos ensina a buscar e a discernir a vontade de Deus, na simplicidade dos acontecimentos cotidianos, e a estarmos abertos aos sinais dos tempos, através da escuta do outro, do discernimento, e do grito que emerge em meio as situações de injustiças. Provoca-nos, ainda, a não temer o novo, mas a nos colocar, confiantemente, sob a orientação de Deus que usa de muitos meios para chegar ao nosso coração.

¹ STERNI, Mística Cotidiana, p. 148.

4.1 Obediência a Deus passa pela mediação humana e situações cotidianas

Segundo Miranda, “a ação de Deus na história será sempre mediatizada por realidades deste mundo, como a natureza, os acontecimentos e, sobretudo, as pessoas”². Neste sentido, Deus se manifesta na história e através da história.

Nesta perspectiva, Hurtado afirma: “Não existe outro Deus, senão aquele que se manifestou em Jesus pobre e servo”³. Com essa afirmação, podemos dizer que esse Deus que se faz próximo da humanidade se dá a conhecer e se manifesta com amor, no simples e no pobre.

Pois bem, é esse Deus que se manifesta em Jesus de Nazaré, na simplicidade e na pobreza, que se faz presente junto aos pobres e esquecidos da história. Com efeito, é em Jesus que vemos, claramente, a vivência da obediência plena desde a Encarnação. Sai do “seio” de Deus para os pobres⁴. Uma obediência que terá o seu fim na Cruz, por amor (cf. Fl 2,8; Hb 5,8). Assim, em Jesus, podemos ver a obediência encarnada que se entrega, se faz doação para a salvação de todos.

Obedece às pessoas e aos eventos: “aos pais, às situações de sofrimento, aos pecadores que encontra”⁵.

A capacidade de usar as mediações para viver a obediência nos aproxima ainda mais de sua humanidade. Isso nos faz pensar que é possível, também para nós, viver a obediência, encarnando-a.

Gaetana se valeu das mediações para responder os apelos de Deus que se manifesta através das situações cotidianas⁶. Nesta dimensão, procurou em Jesus, servo obediente à vontade do Pai, o estilo e o modo de viver segundo o coração de Deus.

Quando Gaetana fala que obedece a Deus através dos confessores, aí está a raiz da mediação. Ela percebe que eles são instrumentos que o Senhor colocou em seu caminho para ajudá-la a discernir Sua Vontade. Neste sentido, a abertura e a confiança para acolher e entender o que Deus lhe pede é essencial para que possa responder os apelos que Ele lhe faz por meio dos confessores.

² MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 139.

³ HURTADO, Manuel. *Deus, não sem nós: a humanidade de Deus para pensar Deus e os pobres da terra: reflexões em Eberhard Jüngel*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 103.

⁴ HURTADO, *Deus, não sem nós*, p. 104.

⁵ CABRA, *Breve curso sobre a vida consagrada*, p. 235.

⁶ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 153.

Este será o caminho que ela percorrerá, constantemente, pois compreende que sem a colaboração de Deus nada poderá fazer. Mas, o próprio Deus conta com a abertura e a disponibilidade de Gaetana para operar em sua vida copiosas graças.

Gaetana, quando faz oferta de si mesma a Deus, entende, neste gesto, buscar conformar sua vida à de Cristo obediente e servo. Nesta sua atitude, abre espaço para que Deus aja.

Para todos que seguem Cristo, o caminho deverá ser o de uma conformação contínua com Ele, para que mais autenticamente responda à vocação filial⁷.

Com efeito, o ser humano não está sozinho em sua busca cotidiana para conhecer e realizar a vontade de Deus, mas é guiado pelo Espírito Santo, como afirma Cabra:

O Espírito Santo que orienta e guia na direção da vontade de Deus, ajuda a ver nas novas situações, ajuda a dar respostas criativas: isto é ajuda a obedecer também aos sinais dos tempos. Graças a ele é possível ver nas mediações humanas um meio para realizar com segurança a vontade do Senhor, que guia a história da salvação também através das mediações opacas e humanamente discutíveis⁸.

Reconhecer a ação do Espírito e deixar-se mover por Ele leva-nos a abraçar com confiança o que Deus propõe ao longo da vida. Assim, acolher as mediações torna-se espaço de acolhida do próprio Deus.

Gaetana deixou-se guiar pelo Espírito Criador e inovador. Em seu itinerário de vida, reconhece, profundamente, que, se não fosse o Espírito de Deus a orientá-la, com certeza, não seria capaz de superar as inúmeras situações que se apresentaram.

As Constituições das Irmãs da Divina Vontade dizem: “*Pelo dom do Espírito dado à fundadora e a cada uma de nós, somos convocadas a uma única família para que, mais unidas a Jesus em sua atitude de filial adesão à vontade do Pai, entreguemos toda a nossa vida a serviço do desígnio que Deus tem sobre nós e sobre a história*”⁹ (C.9).

É pela luz do Espírito Santo que somos guiadas através da história. Foi essa certeza que animou Gaetana e que anima a vida da congregação.

Trilhando o caminho da obediência, Gaetana soube captar a manifestação da vontade de Deus. Neste sentido, o seu itinerário se nos apresenta como algo muito próximo e possível de ser percorrido, pois que obedecer a Deus é um chamado para todos os cristãos e cristãs.

⁷ OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de pós modernidade*, p. 154.

⁸ CABRA, *Breve curso sobre a vida consagrada*, p. 235.

⁹ IRMÃS DA DIVINA VONTADE. *Constituições*. São Paulo: Salesianas, 1985, p. 11.

O conceito de obediência, como já vimos, não é uma aceitação sem explicação e sem entendimento do que se deve fazer. A verdadeira obediência passa pela escuta atenta e pela resposta consciente. Nesse sentido, a mediação pode ser de ajuda; se, pelo contrário, for apenas imposição, de cima para baixo, não servirá para nada.

A forma como Gaetana aprendeu a obedecer, pelo que se percebe em seus escritos, não foi mera imposição, à qual se submetia, inquestionavelmente. Pelo contrário, tinha uma grande capacidade de diálogo.

Quando os diversos acontecimentos familiares solicitaram seu empenho e dedicação no cuidado para com os irmãos e sobrinhos, percebe que as exigências cotidianas tornaram-se mediação. Assim, a obediência coloca-a numa situação de disponibilidade em servir a Deus onde e como Ele dispusesse.

A experiência do encontro contínuo com o Senhor, que Gaetana sente falar ao seu coração, medeia, ininterruptamente, o seguimento fiel da obediência. Ela a chama de “voz”.

Para Gaetana, também, o regulamento de vida é uma mediação para que viva com maior perfeição a vontade de Deus. Esse será um meio fundamental na busca de viver sempre mais o compromisso da obediência.

Segundo Oliveira, como Jesus, somos chamados a fazer da vontade de Deus o nosso alimento cotidiano (cf. Jo 4,34), mesmo que isso nos custe suor e sangue (cf. Lc 22,41-44)¹⁰.

Portanto, é necessário estar enamorado de Deus, para fazer da vontade Dele o nosso alimento a qualquer custo. Só quem ama e sente ser amado faz da sua vida dom de amor. Essa compreensão foi, passo a passo, tomando conta da vida de Gaetana, que não hesitou em sacrificar a própria vontade para acolher a vontade de Deus.

4.1.1 Obediência como sacrifício

Em que sentido podemos falar de obediência como sacrifício? Pressupõe-se que a obediência exige renúncia, um pedido para deixar algo que se deseja muito e abraçar o desconhecido. Isso exige sacrifício!

Pode-se pensar, quando se trata da vontade de Deus, ser um sacrifício de amor, mas, ainda assim, é um sacrifício, pois é necessário uma ascese muito grande para compreender o que Deus nos pede como bem maior. Sobretudo, quando já estamos acomodados, tranquilos em nossos afazeres cotidianos e pensamos ser o tudo da nossa vida e, de repente, o Senhor nos convida a sair da nossa zona de conforto.

¹⁰ OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de pós modernidade*, p. 154.

Se recordamos algumas figuras bíblicas que foram chamadas por Deus para exercer determinada missão, veremos que houve um “quê” de resistência, pois se exigia sacrifícios. Era algo inesperado, desconhecido, que requeria deixar o que, no momento, poderia ser seguro.

Neste sentido, Cencini afirma que, em Jesus, a certeza absoluta do amor recebido amplifica e estende, também, a amplitude da disponibilidade para o sacrifício de si¹¹.

Jesus se colocou inteiramente disponível para fazer a vontade do Pai. Ele nos ensina que não existe outro caminho para se realizar a vontade de Deus. Esse caminho é o mais seguro, o melhor e único para se viver uma obediência do coração, a ponto de renunciar a tudo para lhe corresponder. É como o homem que encontrou o tesouro escondido, que vai vende tudo e compra aquele campo (cf. Mt 13,44).

Sair do conhecido para se enveredar no desconhecido requer sacrifício. Mas, por amor e fidelidade ao Deus da aliança, muitos homens e mulheres se arriscaram, se entregaram e “deixaram” tudo para estar com o Senhor (cf. Mt 4,20).

A figura de Abraão é emblemática. Quando lhe foi pedido o sacrifício de Isaac, ele sofreu; mas não recusou o pedido de Deus. Sua confiança Nele fê-lo obedecer, sem questionar, a ponto de ir até às últimas consequências¹² (Gn 22,1-12).

Será que para Maria não foi um sacrifício de Amor, ter que abandonar a sua vida costumeira, para, de repente, se tornar mãe do Messias Jesus? (Cf. Lc 1, 26-38).

Certamente, essa mudança radical transformou todos os seus planos. Mas o que levou Maria a aceitar o apelo de Deus? A confiança em Deus, o amor e a obediência! Em Maria, vemos a discípula fiel que se abandona confiantemente em Deus.

Segundo Bargellini,

Abraão e Maria são dois personagens que correspondem perfeitamente e assinalam de maneira emblemática o início e a retomada decisiva da atuação do plano de salvação. Indicam que se dispor à escuta com o coração e confiar a vida a Deus, que irrompe em nossa história, conduz realmente ao centro da experiência da fé¹³.

A aventura de Maria é resposta de obediência (cf. Lc 1,38) a Deus, na fé. Fé que determina e orienta a vida daquele e daquela que crê, quer em seu conjunto, quer em seus pormenores. A fé diz respeito à vida vivida à luz do Espírito e à luz de Deus¹⁴.

¹¹ CENCINI, Amedeo. *A árvore da vida*: proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007, p, 198.

¹² COSTA, *Vida cristã*, p. 13.

¹³ BARGELLINI, *Nas pegadas do Reino, proposta de um itinerário espiritual*, p. 61.

¹⁴ BARGELLINI, *Nas pegadas do Reino, proposta de um itinerário espiritual*, p. 61.

Poderíamos recordar tantas outras figuras bíblicas como Moisés, Jeremias e outros profetas que viram suas vidas transformadas ao dizer “sim” ao projeto de Deus (cf. Ex 3,1-20; 4,1-9; Jr 4,1-10).

Com certeza, essas figuras impulsionaram Gaetana no caminho da obediência, a ponto de qualquer sacrifício. Esforçou-se para concretizar o que sentia ser a vontade de Deus em sua vida. Não buscou, simplesmente, envolver-se em muitas situações para satisfazer seu gosto e vontade. Mas, movida pelo amor que se entrega na totalidade, foi capaz de sacrificar a própria vontade, para acolher e viver a vontade de Deus.

O sacrifício, para ela, é uma entrega de amor; exigente, é verdade, mas que conduz ao mistério que se dá a conhecer no amor e pelo amor. “*Não há maior amor que dar a vida pelo irmão*” (Jo 15,13), diz Jesus aos seus discípulos.

Quando Gaetana encontrou-se com um confessor que lhe pediu para queimar seus escritos, pois que, segundo ele, foram escritos movidos pela soberba, Gaetana relutou; sentiu uma grande resistência em cumprir o que fora pedido pelo padre. Mas, ao fazer este grande sacrifício, fala para Jesus:

“Senhor, eis aqui os meus manuscritos. Com certeza, me ajudastes a compô-los. Eles contêm tantas resoluções minhas, recordam tantas graças vossas. Mas agora tenho que queimá-los todos, mas o farei somente por obediência e por amor a vós. Mas lembrai-vos de que entendo estar queimando meu trabalho, e não as obras de vossa santa graça; ao contrário, imploro-vos que escrevais indelevelmente em minha mente tudo aquilo que poderia redundar em vossa glória e meu proveito espiritual. Renovo a vós neste momento todas as promessas que fiz no passado, em particular a doação de mim mesma a vós, meu Deus. Sim meu Jesus, quero ser inteiramente vossa”¹⁵.

Este foi um momento doloroso para Gaetana, mas, obedeceu. A sua força interior e a sua capacidade de colher o bem do mal as fez realizar o que pedia o diretor espiritual, sentindo que Deus não apagaria de sua mente o trabalho de sua graça. Reconhecer o que Deus realizou em sua vida foi um caminho constante, sentindo que não estava sozinha em nenhuma circunstância da vida, sobretudo, naquelas mais dolorosas.

Esta certeza anima e dá forças a Gaetana que não para em face às dificuldades, mas tem uma grande capacidade de perseverança para perseguir sua meta, pois a confiança em Deus a impulsiona sempre.

Nos tempos hodiernos, em que tudo se torna “descartável”, a obediência é deixada de lado, pois cada um quer seguir os próprios desejos. Esquece-se de que somos parte de um corpo e que dependemos uns dos outros. Esse esquecimento torna-se fatal, pois o ser humano pode

¹⁵ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 357-358.

usar de sua liberdade a bel prazer, sem levar em consideração o outro. Infelizmente, é o que vemos em determinadas situações, em que o outro é usado como trampolim para a ascensão de pessoas que, egoisticamente, só enxergam a si mesmas.

Essa postura fere o que até o momento estamos tratando como possibilidade de uma vida feliz, segundo o coração de Deus. Neste sentido, vemos o sacrifício não como uma atitude de amor misericordioso (cf. Hb 10,8), mas, um peso que é colocado no ombro do próximo.

Esse estilo de vida contraria o que foi a vida de Jesus, a sua entrega e sacrifício de amor, para a libertação e salvação de todos (cf. Ef 5,2; Gl 1,4).

Isso retrata bem a atitude do servo que, sendo perdoado de sua dívida, não reconhece a bondade do outro para consigo, mas age de maneira egoísta com o seu devedor, maltratando-o (cf. Mt 18,23-35). Não entendeu nada, pois a misericórdia recebida não lhe tocou o coração.

Precisamos contemplar, constantemente, o mistério da entrega de amor de Cristo que diz ao entrar no mundo: *Tu não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, formaste-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado. Por isso eu digo: Eis-me aqui, no rolo do livro está escrito a meu respeito eu vim, ó Deus para fazer a tua vontade* (Hb 10,5-7). Jesus suprime a lei que oprime para resgatar-nos do pecado e dá-nos vida nova.

No entanto, existem pessoas que, por amor de Jesus e pela causa do Evangelho foram capazes de dar a vida, como Jesus, em obediência à Sua palavra que diz: *Quem perder a vida por mim...* (Lc 9,24).

De fato, houve muitas pessoas que deram a vida por Cristo e fizeram o sacrifício de amor, impelidos pela fé e pela obediência. A alegria da entrega da própria vida até o fim marcou o testemunho dessas pessoas que compreenderam o dom do chamado e da existência com sentido.

Gaetana, quando nos fala do voto de doação total a Deus, nos remete a essa coragem da entrega radical, e nos ajuda a perceber o que é necessário para ser todo ou toda de Deus, um sincero desprendimento, o que ela na “oração de consagração à Divina vontade” fará¹⁶.

Até mesmo no momento que chamará de “aridez espiritual ou caminho escuro”, Gaetana continuará fiel. O deserto espiritual, por 17 anos, será bastante difícil. Os sentimentos humanos afluíram e, em meio à desolação espiritual, sentirá aversão para com os seus deveres. Portanto, neste período, não experimentará nenhuma satisfação espiritual. Sentirá como se Deus estivesse

¹⁶ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 317.

distante¹⁷. No entanto, não deixa de praticar as suas orações e de buscar estar sempre na Sua presença. Confia que Ele, sem que ela o perceba, atuará com a sua infinita graça.

Essa confiança impulsiona Gaetana a ser perseverante, assídua e responsável. Ela constata que Deus sempre está presente de forma ativa em nossa vida. Ainda que passemos pela aridez da vida, o Senhor não nos desampara.

Abandonando-se em Deus, deixa que ele governe a sua vida. Reconhece que ele sabe o que é melhor para si e, assim como Ele sempre conduziu a história da humanidade, conduz também a sua vida.

Santo amor, éreis uma necessidade para mim, melhor dizendo, éreis a vida de meu coração, de minha alma, vós que fortalecíeis minha fraqueza, que me tornáveis leve cada sacrifício, cada dificuldade um alívio¹⁸.

A certeza da presença de Deus, mesmo quando não o sentia, a faz seguir a divina vontade. Gaetana, que sempre experimentou a alegria e o consolo do encontro com o Senhor, agora vive o deserto espiritual. É o sacrifício do amor, até às últimas consequências. É tempo de confiar contra toda esperança (cf. Rm 4,18).

Assim Gaetana afirma,

Felizmente para mim, meu divino amante, jamais me abandonou, a não ser aparentemente. Prova disso é que em meio a tanta agitação me fazia sempre recordar meu quarto voto, vale dizer, a doação de mim mesma que fizera a Deus. Com esta arma potente é que combatia¹⁹.

4.1.2 Obediência que liberta

Segundo Paoli, “*sem Cristo, não é possível uma obediência que seja libertação*”²⁰. Com efeito, é Nele e com Ele que poderemos viver a obediência que liberta, pois ele se fez obediente até à morte e morte de cruz (cf. Fl 2,8).

Com efeito, obedecer não é cumprir tarefas mecanicamente, mas viver na liberdade, não obstante a submissão a alguma autoridade, porque se acredita em uma motivação interior que supera a mera submissão.

¹⁷ STERNI, Mística Cotidiana, p. 285.

¹⁸ *Ibid.*, p. 342.

¹⁹ *Ibid.*, p. 344.

²⁰ PAOLI, Arturo. *Em busca de liberdade: castidade, pobreza e obediência*. São Paulo: Loyola, 1983, p. 79.

A liberdade é oferecida ao ser humano como dom e graça divina. Neste sentido, ele é livre para acolher ou rejeitar a proposta de Deus. Acolher o dom de amor ou rejeitá-lo, eis o drama humano²¹.

Mas, quem aprendeu que a vida é dom do amor gratuito de Deus, ainda que permeado de ambiguidades, pautará sua vida, respondendo, livremente, a esse amor tão grande.

Nesta perspectiva de reconhecimento da nossa limitação e ambiguidade, se encontram a possibilidade de altruísmo, a capacidade de sobrepor os limites e responder com amor e gratidão ao dom recebido²². Desta forma, obedecer não será um fardo, mas uma resposta generosa a quem por amor chama, convoca, envia.

Se Gaetana tivesse parado em seus limites, deixaria passar a graça de Deus em sua vida e não teria respondido ao seu chamado. Mas, o que moveu o seu coração foi o amor de Deus e a Deus e a entrega de si como abertura e confiança, como acolhida incondicional do outro.

Segundo Benner, “*somos criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus, e seu Espírito fala a todos os espíritos, lembrando-nos de que não há liberdade sem a entrega total de nós mesmos*”²³.

Neste sentido, não existe outro amor que seja digno de nossa entrega total, a não ser Deus. Para Ele podemos nos dispor inteiramente, e Ele, em Jesus Cristo, vem até nós, nos acolhe, com amor e ternura²⁴.

Portanto, a entrega total de si mesmo é fundamental na dinâmica da liberdade cristã. É na vivência do desapego, do desprendimento, no abandono em Deus que recebemos a vida em abundância prometida por Jesus (cf. Jo 10,10)²⁵. Mas, não para retê-la, e, sim, para pô-la a serviço da vida.

Libertando-nos das amarras do egoísmo e nos dispondo a fazer o bem, saímos da vida cômoda, para entrar na práxis do amor que se doa. Com efeito, a vida ganha sentido e se renova o compromisso do amor libertador.

Neste sentido, Cabra nos ajuda a perceber como Jesus obediente e livre nos aponta para a vivência de uma obediência que liberta. Assim escreve:

O ser humano religioso, no entanto, qualifica-se pelo sentido agudo da soberania de Deus e de sua vontade. Jesus homem livre diante de todos os

²¹ CENCINI, Amedeo. *A árvore da vida*: proposta de modelo de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 192-193.

²² CENCINI, *A árvore da vida*, p. 193.

²³ BENNER, *A entrega total ao amor*: descobrindo a essência da espiritualidade cristã, p. 64.

²⁴ *Ibid.*, p. 64-65.

²⁵ *Ibid.*, p. 65.

poderosos e das forças deste mundo, veio ao mundo para manifestar a autêntica vontade do Pai e cumpri-la. Nele obediente e livre, descobrimos também o verdadeiro sentido da obediência libertadora²⁶.

Em nossa trajetória, vamos aprendendo e crescendo na capacidade de ser livres, rompendo com tudo que nos escraviza, sejam estruturas, coisas, pessoas, para nos colocar a serviço do amor e da vida. Mas, é no conhecimento de si mesma e das dinâmicas internas que cada pessoa se convence que poderá se desvencilhar das amarras opressoras e abraçar, livre e responsavelmente, o projeto de amor de Deus, que nos lança para uma vida livre.

Segundo Miranda, *“a liberdade é o sujeito que é entregue a si mesmo, que se entende, age e faz a si próprio”*²⁷. Com efeito, é aquele e aquela que vão se construindo, pouco a pouco, no seu ser e fazer cotidianos. Continua Miranda, *“com cada ato livre me torno mais humano ou mais desumano, mais altruísta ou mais egoísta, mais cristão ou menos cristão”*²⁸.

Neste sentido, a nossa vida vai-se constituindo na liberdade ou na escravidão, conforme a nossa atitude diante dela e segundo os condicionamentos internos e externos.

Segundo Oliveira, *“precisamos ser livres, defender nossa liberdade, sem, porém, nos deixar dominar por certas formas de escravidão que, muitas vezes, se apresentam com o falso pretexto de serem libertadoras”*²⁹.

Aqui está o desafio para o ser humano: aprender, constantemente, a não se tornar escravo de si mesmo, nem das coisas e, sim, viver na liberdade que Deus deseja para cada um de nós, pois fomos criados na liberdade de filhos e filhas.

Certamente, falar de obediência, numa sociedade pautada pelo individualismo, por um conceito errôneo de liberdade, pela evolução tecnocientífico, pelas mudanças de época e outras, torna-se algo provocador e desafiante³⁰. Contudo, compreender a obediência como fonte de liberdade, poderá jogar um olhar diferenciado sobre essa temática, sobretudo, quando se trata de obediência à vontade de Deus, que deseja o bem para os seus filhos e filhas. Se a sociedade pautasse a sua ação a partir dessa virtude, talvez tivesse o ganho de uma vida verdadeiramente autêntica e livre.

Gaetana Sterni entendeu que lutar e se opor à obediência tiram-na do caminho das virtudes e, por isso, entregou-se a ponto de chamar a obediência de santa virtude.

²⁶ CABRA, *Breve curso da vida consagrada*, p. 230.

²⁷ MIRANDA, *A salvação de Jesus Cristo*, p. 90.

²⁸ *Ibid.*, p. 90.

²⁹ OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*, p. 139.

³⁰ CABRA, *Breve curso sobre a vida consagrada*, p. 229-230.

O medo que acomete o ser humano o faz “servil” a um “*deus egoísta*”, que só faz olhar para si mesmo. Cria-se resistência a tudo que parece imposto de fora. É o caso da obediência: se esta não for assumida na liberdade e na adesão generosa, será sempre vista como algo imposto.

Seguramente, se Gaetana assim vivesse, jamais teria se deixado conduzir pelo Espírito de Deus, que a guiou para uma vida de serviço aos mais necessitados, na capacidade de sair de si e de acolher com benevolência o querer de Deus.

A coragem da escuta amorosa de Deus, que lhe faz exigências é, de certo modo, temerosa, por não se saber o “para quê” de tais exigências, ou que resultado se obterá. Comumente, o ser humano deseja saber, ter claro o que lhe é solicitado para daí aderir a Deus. Mas entrar na aventura do desconhecido e do novo é um modo de demonstrar nossa confiança e a nossa adesão. Nesta ótica, Gaetana tomou a firme decisão de deixar-se orientar pela obediência, sentindo que, obedecendo, poderia responder mais perfeitamente à vontade de Deus.

Todavia, Gaetana soube falar a Deus dos medos e das aversões que se passavam em seu coração, e confiou ser o desejo de Deus tão grande e tão seguro que sempre obedeceu a ele, e contou com Sua graça benfazeja.

A vida de Gaetana lida nesta dimensão está em consonância com a vida de Santa Bakhita que, após sua experiência de encontro com Jesus, sentiu grande desejo de se tornar uma religiosa, e, depois, quando se tornou irmã, perguntaram-lhe qual a diferença de quando era escrava, ela diz: “*Quando escrava eu era obrigada a obedecer, agora obedeço com alegria*”³¹. Apaixonada pela vontade de Deus, só poderia dizer sim e se dispor inteiramente.

Um coração tocado pelo amor, Bakhita foi “uma escrava” do amor misericordioso de Deus. Gaetana, uma mulher encharcada pela bondade e graça infinita de Deus, enamorada pela sua divina vontade, fez da sua vida um constante “*Faça-se*”. Modos diferentes de viver a obediência, mas certeza e confiança inabaláveis que movem e removem corações.

No caminho de docilidade e de obediência, se poderá chegar àquilo que Deus deseja. O impulso de saída que habita o ser humano leva-o ao caminho de oposição às resistências e a se dispor ao que lhe requer renúncia³². Pois, a docilidade ao Espírito o impele à confiança e à entrega generosa. É o que vemos no estilo simples e humilde de Gaetana de se doar e entregar-se a Deus.

³¹ SOUZA, Milred Daisy Miguel. *Santa Bakhita a escrava de Deus*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 28.

³² OLIVEIRA, *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*, p.138.

Afirma, Cabra:

A liberdade evangélica não significa distância, liberdade de ficar cada um na sua, está orientada para o serviço mútuo. É liberdade de servir para amar, segundo o exemplo e o espírito de Cristo. Servir como Jesus se tornou servo do Pai e dos homens, por amor do Pai e dos irmãos. Insere-se aqui a obediência. O caminho da obediência te coloca no caminho da libertação progressiva da escravidão do Egito ou do mundo, para te tornar capaz de servir livre e alegremente a Deus, que te quer a serviço de teus irmãos³³.

Um aspecto importante da vida de Gaetana foi a capacidade de viver o perdão. Uma pessoa que não guardou rancores nos momentos em que foi caluniada, seja pelo cunhado, como pela diretora do Ricovero, como também por outras pessoas da cidade de Bassano Del Grappa.

Ela soube perdoar a todos. O amor movia-lhe de fato o coração. Essa sua atitude profunda é dom da graça Divina que opera no coração humano “milagres” de amor.

Assim Gaetana afirma que sofria muito pelas pessoas que não sabiam perdoar e rezava pedindo a Deus por elas, para que tivessem o conforto e a paz. Só uma vida de comunhão com Deus pode gerar tamanhos frutos.

“*Cristo nos libertou para que fôssemos realmente livres*” (cf. Gl 5,1). Como se pode ser livre sendo obediente?

Com efeito, o perdão liberta, cria espaço para o amor, para o bem e arranca o mal pela raiz. Faz-nos obedecer a palavra de Jesus que diz: “*Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim?*” “*Até sete vezes e Jesus responde até setenta vezes sete*” (Mt 18,21-22). O perdão deve ser sempre.

É Deus mesmo que impulsiona o ser humano na dinâmica de uma vida toda doada, impelindo-o a uma saída corajosa e desprendida de si, para contribuir, no mundo, através de seus dons, e de seus limites, tornando a vida verdadeira dádiva de amor. Livre para amar e servir o ser humano se dispõe, continuamente, a ser conforme o coração de Deus.

Desta forma, encontra-se a verdadeira liberdade, que se doa, que se regozija com o bem do outro (cf. 1 Cor 13) e que encontra a sua segurança em Deus³⁴.

Cristo libertou nossa liberdade, e a tornou capaz de se ajustar à vontade de Deus. Libertada por Cristo, a liberdade pode fazer a vontade do Pai, como o próprio Cristo fez³⁵. A pessoa é livre, não quando gasta a vida consigo mesma, de maneira desenfreada, mas quando

³³ CABRA, *Com toda a alma meditações sobre a obediência*, p. 45.

³⁴ LIBANIO, *Obediência na liberdade*, p. 64.

³⁵ CABRA, *Com toda a alma meditações sobre a obediência*, p. 45.

aprende a servir a Deus no próximo. Nesse sentido, a obediência cristã é expressão da liberdade cristã³⁶.

Um aspecto crucial, sublinhado nos escritos de Madre Gaetana, é sua capacidade de desapegar-se, para estar totalmente voltada para o que Deus, através das situações, ia pedindo dela.

Quando ficou livre de todas as responsabilidades familiares e seu irmão casou-se, sente que, então, pode, de fato, encaminhar-se para o Ricovero. Essa liberdade interior a faz, ainda que com sacrifício, abandonar-se em Deus.

Neste sentido, escreve Cabra:

A obediência cristã colocando-se a serviço de Deus e dos irmãos, é altíssimo exercício da liberdade libertada por Cristo. A obediência faz parte de uma visão da vida como chamado, como vocação, como um progresso à plenitude que nos reserva o Senhor. Considerando tua existência nas mãos de Deus, por ele encaminhada para objetivos só dele conhecidos, a obediência se torna mais fácil de entender³⁷.

Esta capacidade de deixar-se guiar pela obediência faz uma grande diferença na vida de quem, mergulhado na experiência do amor de Deus, quer fazer da sua vida dom de amor. Gaetana compreende isso, e sente-se abraçada por Deus e assim faz-se toda para o próximo.

Segundo Cabra, “*a obediência é Deus que te chama além do que és. Deus que te chama, para desenvolveres enormes possibilidades, pelas quais nem se sonha*”³⁸. Portanto, é Deus agindo em nós para realizar grandes coisas em prol do bem comum, um impulso para sair de si e se lançar na novidade do Espírito. Gaetana foi, aos poucos, compreendendo essa pedagogia de Deus, deixando-se conduzir para que Ele mesmo fosse plasmando em seu ser o Divino querer.

Com efeito, Cabra afirma:

Obedecer não é renunciar à própria liberdade, mas aceitar que o Outro nos faça ir para além de nossos desejos e de nossas incertezas. Obedecer é transcender-se, despertando energias que sopitam no homem, a capacidade de se tornar filho de Deus, de superar a condição dependente da vaidade do mundo para se abrir ao dom de Deus, alçar-se ao infinito e mergulhar no oceano do Tudo e do Eterno³⁹.

³⁶ CABRA, *Com toda a alma meditações sobre a obediência*, p. 46.

³⁷ *Ibid.*, p. 46.

³⁸ *Ibid.*, p. 46.

³⁹ *Ibid.*, p. 46.

O processo gradual de saída de si em direção ao Totalmente Outro torna a vida mais significativa, plena de sentido, porque descobrimos que não nos pertencemos, mas somos feitos para o Eterno, que nos faz experimentar o mistério e saborear o inefável.

Nesta perspectiva, Gaetana faz a experiência da não pertença, da entrega, passando de um desejo pessoal, a um plano mais amplo que Cristo lhe propunha, ser sua esposa no sofrimento: “*Esposa de mim crucificado!*”.

A sede do infinito que habita o ser humano é a sede que experimenta Gaetana, sede que pode ser saciada Naquele que é a fonte fecunda da vida. Com efeito, nesta fonte, o ser humano encontra sua liberdade e se redescobre como ser de possibilidades.

Escreve Cabra:

Longe de sufocá-lo, a obediência liberta o homem de si mesmo, revela-lhe possibilidades insuspeitadas, sua vocação a ser muito mais do que um simples filho do homem e a crescer cada dia até a plena estatura de filho de Deus. O amor obediente como o de Cristo é que vai, dia após dia, construindo o homem novo. Amar apaixonadamente a Deus com toda a alma é o que permite o homem vencer os limites da cotidianidade e alcançar níveis de vida inimagináveis para quem se fecha nas dimensões puramente terrestres da vida⁴⁰.

É algo surpreendente o que pode fazer uma pessoa livre que se encontra no projeto de amor de Deus. A vida toma caminhos inimagináveis, mas possíveis para quem se deixa guiar pela voz da obediência amorosa.

O sentido profundo da vida nos leva a romper com as amarras, com os nossos limites e alçar voo para além de nós mesmos e sermos em Deus verdadeiros filhos e filhas, gerados livres no amor e para o amor (cf. Sl 2,7; At 13,33; Hb 1,5).

Segundo Cuttaz, “*o que realiza o homem não é a liberdade incondicionada, mas a liberdade na aceitação do desígnio de Deus sobre a própria vida*”⁴¹. É se saber-se encontrado por Deus, Nele e com Ele e caminhar nos passos de Jesus.

Libanio afirma:

Sua condição de criatura o faz “ouvinte da Palavra.” O termo obediência já alude a esta escuta, que não exprime simplesmente a livre decisão do ser humano, mas a sua própria condição de existir como criatura no mundo, na sociedade. Ele existe referido ontologicamente ao projeto criatural de Deus. Foi-lhe dada a liberdade para assumir tal projeto, mas não criá-lo total e unilateralmente. Esta dimensão co-participação no projeto divino constitui a obediência criatural⁴².

⁴⁰ CABRA, *Com toda a alma meditações sobre a obediência*, p. 46-47.

⁴¹ CUTTAZ, *O amor de Deus mística e prática*, p. 48.

⁴² LIBANIO, *Obediência na liberdade*, p. 32.

Portanto, o ser humano está em comunhão com o projeto de Deus. Sua vida é correlacionada com o seu Criador. Por isso mesmo, é imagem e semelhança Dele. Contudo, é um ser de liberdade, que goza dos bens da criação, num constante dar-se para um bem maior. Romper com essa dimensão existencial que o torna escravo de si, e fechado ao projeto obediencial de Deus.

Em sua condição filial, é chamado como ouvinte da Palavra que liberta para ser dom de amor, expressão da bondade de Deus.

Gaetana, ao se deixar conduzir por Deus, faz e refaz a aliança de amor, de obediência, de compromisso filial com Deus. Se sente filha no Filho e corresponsável na prática do bem que transforma, que renova, que liberta, sente-se comprometida com o projeto divino para anunciar o Reino de amor.

4.1.3 Obediência para o serviço aos empobrecidos e marginalizados

Existe uma dinâmica que impulsiona a prática do bem e essa é movida pelo Espírito de amor e pelo desejo de estar em comunhão com o projeto de Deus. Deste Deus que chama e envia para servir.

Destarte, a opção preferencial pelos pobres não é um impedimento para acolher os ricos. Porém, fica evidente que o caminho da justiça deve ser empreendido por todos e nesta dimensão os ricos têm a obrigação de rever suas posturas quanto ao pobre, para que esses não continuem a ser vítimas de um sistema que oprime.

A atitude de Zaqueu, em Lc 19,1-10, que acolhe Jesus em sua casa e diz: “Darei a metade dos meus bens aos pobres e se fraudei alguém, devolverei quatro vezes mais”, é reconhecimento de que a riqueza não é tudo, e que existe algo mais importante. E assim, ele mudou de vida. Essa é a atitude que Jesus espera, também hoje, daqueles que têm muitas riquezas: que saibam olhar para o próximo, compadecer-se do irmão que sofre e serem capazes de compartilhar o que têm.

Segundo Cabarrús, o Senhor toma a iniciativa da sedução, sedução para determinada missão, para o serviço dos desamparados, dos empobrecidos, dos marginalizados e dos esquecidos da sociedade⁴³.

⁴³ CABARRÚS, Carlos Rafael. *Seduzidos pelo Deus dos pobres: os votos religiosos a partir da justiça que brota da fé*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 154.

Hoje, o desafio da opção pelos pobres remete-nos à gratuidade do amor de Deus, que tudo nos deu, como dom do seu amor. Ele pede à humanidade que cuide uns dos outros, que saiba viver a partilha, a fraternidade, opte pela justiça que gera vida e comunhão entre irmãos.

Portanto, o chamado de Deus não é para a acomodação, para uma vida egoísta, mas para se dedicar a uma missão que decorre do amor aos desprovidos da terra, aos mais necessitados. Com efeito, a obediência é uma entrega para uma missão de amor, na realização da vontade de Deus.

Segundo Bultmann:

“Em toda a ação boa, torna-se manifesto se o ser humano quer mesmo fazer a vontade de Deus, isto é, quer ser inteiramente obediente, se quer desistir totalmente de suas próprias pretensões, se quer dobrar a vontade natural com suas reivindicações”⁴⁴.

Desta forma, é possível perceber se, de fato, a vida está acima da lei; se, independente de prescrições, sou capaz de ajudar o próximo, de obedecer à lei do coração que tende para Deus.

Quando Gaetana entra no Ricovero, a realidade interna é muito complexa. Desde a sua entrada, é rejeitada pela diretora e pelos internos. Será um momento muito difícil para ela⁴⁵. Sentia grande resistência, quando foi convidada pelo Senhor a fazer desse ambiente o seu claustro, e logo que chega, não é bem acolhida.

O que se poderia fazer neste ambiente de rejeição? Se Gaetana fosse uma pessoa que não tivesse clareza de que a vontade de Deus para ela passava por este chamado de servir no Ricovero àqueles que o Senhor amava com predileção, com certeza, teria abandonado aquele lugar. No entanto, ela, em meio ao sofrimento, se resigna e se coloca em total obediência, procurando fazer aquilo que aprendeu de Jesus ao contemplar a Sua vida, ao fazer-se servo de todos (cf. Mt 20,26).

Neste sentido, ela se dispõe, inteiramente, para atender às necessidades do Ricovero. Para que fosse bem aceita e pudesse servir da melhor maneira possível os internos, Gaetana começa a observar tudo sem querer mudar nada; dedica-se com amor a cada pessoa, tratando a todos com atenção e carinho⁴⁶.

Percebe que, no ambiente, falta organização e que há desordens de todo o tipo. Contudo, em princípio, não intervém em nada. Acompanha a tudo em silêncio, obedece ao que lhe é solicitado com empenho e, dadas as necessidades, coloca-se com disponibilidade a serviço dos

⁴⁴ BULTMANN, *Jesus*, p. 118.

⁴⁵ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 170.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 173.

internos e da diretora. Ali estão os empobrecidos e os marginalizados da cidade, aqueles que, na sua época, eram deixados à margem da sociedade, os esquecidos, os prediletos de Deus.

Com o passar do tempo, sua dedicação foi notada pelos internos, que desejavam sempre tê-la por perto em suas necessidades e ela, sempre prestativa e disponível, acorria a um e a outro, procurando satisfazer aquilo que lhe era solicitado⁴⁷.

O desejo de ver a todos bem cuidados fazia com que Gaetana se empenhasse, cada vez mais, na assistência, sobretudo, dos mais doentes⁴⁸. Um serviço dedicado com amor obediente. Este modo de estar com os internos e de servi-los fê-los, em breve tempo, afeiçoarem-se a Gaetana, e ela agradecia a Deus por esta graça tão fecunda.

Para Jesus, servir é amar. Só quem ama é capaz de se doar, dispor do seu tempo e da sua existência para que o outro esteja bem, se sinta acolhido e amado.

De fato, só o amor pode transformar o coração humano. Gaetana experimentou isso, intensamente, na relação com os internos e com a diretora do Ricovero. Certamente, não foi fácil suportar o peso da rejeição, mas, o amor que tudo pode foi o ápice da renovação daquele ambiente.

A parábola do bom Samaritano (Lc 10,25-37) interpela a nos fazermos próximos, a deixar os nossos medos, as nossas seguranças, os nossos interesses para cuidar do irmão e gastar o que somos e temos para que o outro esteja bem, seguro e amparado. “*Vai e faze tu o mesmo*”, é a ordem do Mestre Jesus de Nazaré (Lc 10,37). A interpelação de ir e fazer o mesmo deve nos colocar em movimento, em atitude de itinerância, para nos desdobrarmos em cuidados pelo outro, em atenção às suas necessidades prementes.

A urgência de estender a mão a quem precisa deve nos fazer, a exemplo do Samaritano, pospor nossos projetos e interromper nossa viagem, nossas atividades⁴⁹. A preocupação pela vida do outro deve nos tocar por dentro e fazer emergir o melhor de nossa humanidade, para nos dobrar em face ao irmão necessitado e nos perder, ganhando uma nova identidade.

Foi assim que Gaetana colocou em prática o dom de amar, lançando-se no serviço aos mais necessitados e procurando, em tudo, sanar sua dor e curar suas feridas.

⁴⁷ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 173.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 173.

⁴⁹ CONGRESSO INTERNACIONAL DA VIDA RELIGIOSA, *Paixão por Cristo Paixão pela humanidade*, p. 154-155.

“Jesus nos ensina amar, a trabalhar, a sofrer, a nos dedicarmos a um objetivo, a ter esperança e também a morrer como verdadeiros seres humanos”⁵⁰. Assim sendo, quando nos pomos a servir o outro, estamos nos humanizando e dando oportunidade ao outro de se humanizar, de resgatar sua identidade de pessoa e se descobrir como ser de doação.

As bem aventuranças de Lucas revelam-nos precisamente as predileções e opções do Reino, indicando-nos, portanto, as opções e as orientações da evangelização, como atividade da Igreja misericordiosa e servidora, nos passos de Jesus de Nazaré⁵¹.

Nesta perspectiva, João Paulo II, por ocasião da beatificação de madre Gaetana, afirmou: “*A bem aventurada Gaetana Sterni viveu um amor de predileção pelos últimos e esquecidos da cidade de Bassano Del Grappa*”⁵².

As promessas, o seguimento e a felicidade são frutos das bem aventuranças e, assim, são inseparáveis.⁵³ Diferente do que propõe nossa sociedade, a proposta do Reino nos interpela a um desprendimento constante, deixando de lado o consumismo e a corrida desenfreada pelo sucesso, pela gratificação, pela felicidade de uns poucos. A busca de viver as bem aventuranças deve nos impulsionar ao compromisso que renova o agir humano, transforma o coração e a prática do amor serviço.

Gaetana fez a experiência do amor de Cristo e, assim, foi gradativamente descobrindo que sua vida era para ser doada. Ao compreender a dinâmica do amor serviço, fez, além dos três votos de pobreza, castidade e obediência, também, o voto de maior perfeição e de maior doação a Deus. Ela desejava estar cada vez mais unida a Deus e desprendida de tudo para poder servi-lo com maior liberdade, nos mais necessitados.

Quem conheceu Jesus servidor da humanidade, não consegue mais ficar preso às suas seguranças. Tudo que parecia saber e possuir torna-se inútil. As convicções passadas já não são necessárias. Urge dar um novo sentido à vida e, para tal, o caminho a trilhar é o da renúncia às ilusões passageiras, para se unir sempre mais a Cristo, a ponto de dizer como Paulo: “...tudo considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fl 3,8).

Tomados pela mão de Jesus servo, experimentamos, à maneira de Gaetana, o caminho de um amor desapegado, e nos pomos a aprender a ser sinal de amor e serviço para os irmãos,

⁵⁰ GALILEA, *O caminho da espiritualidade*, p. 68.

⁵¹ GALILEA, *Espiritualidade da Evangelização segundo as bem aventuranças*, p. 21

⁵² JOÃO PAULO II, Papa. Solene rito de Beatificação de oito Servos de Deus. Homília do Papa João Paulo II. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20011104_beatification.pdf. Acesso em 30 set. 2017.

⁵³ GALILEA, *Espiritualidade da Evangelização segundo as bem aventuranças*, p. 16.

pois servir é amar e deixar-se plasmar numa nova realidade. A realidade da vida partilhada, dividida, solidária, feita oferta de amor!

4.1.4 Obediência para a missão

Gaetana era uma pessoa sensível, inteligente, de grande interioridade. Sentia-se tocada pelos sofrimentos alheios, o que a levava a estar sempre a serviço, procurando, de algum modo, ser de ajuda, através de uma presença silenciosa, atenta e cordial.

As primeiras irmãs, após sua morte, escrevem: *“Era um coração atento às necessidades dos outros, pegava para si os serviços mais difíceis; era verdadeiramente um coração caridoso, que amava a Deus nos pobres”*⁵⁴.

A obediência era sua a virtude predileta. Sentia que obedecendo a Deus, podia vencer qualquer obstáculo, e lhe ser agradável. Temia ofender a Deus, por suas infidelidades. Por isso, procurava estar atenta a tudo.

Segundo Libanio, a base teológica da obediência, no campo da missão, decorre da necessária, ainda que misteriosa, colaboração humana no projeto salvífico de Deus⁵⁵.

Neste sentido, Gaetana foi uma grande colaboradora de Deus, buscando realizar Sua vontade, em um ambiente em que foi, muito cedo, rejeitada. Para cumprir essa missão, aceita por amor e obediência a Deus, dispôs-se, inteiramente e com total confiança, servir a Deus naqueles internos do Ricovero.

Contudo, precisou superar o próprio sentir para ser de ajuda e auxílio naquele ambiente *“onde reinava a desordem e abuso de todo tipo”*⁵⁶, afirma Gaetana. Agiu de forma heroica para restabelecer a ordem. Se, de fato, o amor transforma, as mudanças que foram acontecendo, quanto ao tratamento e à acolhida de Gaetana, possibilitaram-na renovar o ambiente.

O caminho de doação empreendido por Gaetana levou aqueles que a rejeitaram, quando chegou ao Ricovero, a mudarem de atitude. Portanto, podemos inferir que, com certeza, o que transforma o coração humano não são os maus tratos, mas o amor que se dispende. Isso Gaetana aprendeu bem com Jesus Cristo, seu *“esposo amantíssimo”*⁵⁷.

⁵⁴ SUMMARIUM de vita virtutibus signis et fama sanctitatis servae dei Caietanae Sterni, estrato dalla sacra Congregazione p ele cause dei santi. Roma, [s.n.], 1985. SUORE DELLA DIVINA VOLONTÀ. *Elementi di doutrina spirituale della Congregazione*. Bassano Del Grappa, [s.n.], 1978-1984, v. 1-3.

⁵⁵ LIBANIO, Obediência na liberdade, p. 55.

⁵⁶ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 170.

⁵⁷ STERNI, *Mística Cotidiana*, p.

A grandeza de caráter e a atitude de servir com amor já gratificam quem as cultiva. O amor com que se realiza as coisas dá a tônica para o nosso existir. Portanto, conformar a nossa vida à maneira de Jesus torna-nos sempre mais capazes de amar e de doar o que somos e que temos.

Foi uma conquista para Gaetana ver transformado aquele ambiente, que, a princípio, estava em total desordem. Ela, com misericórdia, soube colher do mal o bem, através da doação e do amor que dedicou aos internos. A palavra de Jesus, “*Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim que o fizestes*” (Mt 25,40), calou na vida de Gaetana e levou-a à prática do amor sem reservas.

Com efeito, o caminho foi-se fazendo; “*logo todos me amaram*”⁵⁸, afirma, Gaetana, depois de um amoroso e longo trabalho para cativar os corações dos internos e da diretora. Como disse a Raposa ao Pequeno Príncipe, *tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas*⁵⁹. Assim sendo, Gaetana se sentia responsável por aqueles aos quais era chamada a servir, de tal maneira que a sua missão foi sendo tecida e guiada por amor e por um grande despojamento e entrega para o bem de todos os internos.

Neste sentido, afirma João Paulo II:

“Quem obedece tem a garantia de estar verdadeiramente em missão no seguimento do Senhor, e não ao sabor dos próprios desejos pessoais ou das próprias aspirações. E, assim, é possível considerar-se guiado pelo Espírito do Senhor e sustentado, mesmo no meio de grandes dificuldades, pela sua mão segura” (cf. At 20,22)⁶⁰.

Quem conheceu Jesus, não pertence mais a si mesmo, pois sua vida transforma-se em oferta e oblação de amor, caminho de vida e santidade para o irmão. Gaetana fez a experiência daquilo que é essencial, experimentou em sua vida o segredo que a Raposa confiou ao Pequeno Príncipe: *O essencial é invisível aos olhos, porque só se vê bem com o coração*. Com efeito, só um coração que ama é capaz de ver o essencial⁶¹.

Acolhendo o essencial em sua vida, foi capaz de entregar-se a serviço dos mais necessitados, e compreender que a sua missão era levar conforto e esperança, através dos pequenos gestos geradores de vida.

⁵⁸ STERNI, Mística Cotidiana, p. 174.

⁵⁹ SAINT- EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 74.

⁶⁰ JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica pós-sinodal vida consecrata: sobre a vida religiosa e a sua missão na Igreja e no mundo*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 181.

⁶¹ SAINT- EXUPÉRY, *O pequeno príncipe*, p. 72.

Neste sentido, recordamos uma frase lapidar de D. Luciano Mendes de Almeida. “*Em que posso servir?*”⁶². Ao mergulharmos nos escritos de Gaetana, percebemos como, no constante amor e serviço, essa frase corresponde, plenamente, a esse aspecto da sua vida. Uma mulher a serviço, dedicada, disponível para os outros.

O seu testemunho de vida lança luzes para uma prática da caridade que parte de Cristo e se insere na vivência do amor sem reservas. Assistir doentes a domicílio é um tipo de missão para além das estruturas, ao visar a pessoa. Neste sentido, vemos em Gaetana o que o papa Francisco, hoje, chama de Igreja em saída. É o convite para ir às periferias da vida⁶³.

Com efeito, a obediência, que sempre foi uma virtude cara para Gaetana, leva-a a ser totalmente de Deus e totalmente do próximo necessitado, missão vivida intensamente, desde a casa materna nos cuidados com os seus familiares e que se alargou para os enfermos da cidade de Bassano Del Grappa. Uma verdadeira missionária que soube levar a tantos o conforto físico e espiritual, contando sempre com a graça Divina, que a amparava em todos os momentos.

O sofrimento e as dores dos outros faziam-na sofrer muito e o desejo de ver a todos bem, levava-a ao seu encontro, para assisti-los, física e espiritualmente. Queria que todos fossem bem assistidos, até à hora da morte. Por isso, aos mais necessitados, dobrava os cuidados e a atenção, dedicando-lhes muito amor e carinho.

Com efeito, só quem ama é capaz de dar tudo de si para o bem do outro e fazer a experiência de que somos criados para a relação. Quando nos fechamos, negamos o que temos de mais sublime: a capacidade de nos doar ao outro. Papa Francisco afirma:

Graças à obediência, tem-se a certeza de que se serve ao Senhor, de ser “servos e servas do Senhor”, no próprio agir e no próprio sofrer. Tal certeza é fonte de empenho incondicional, de fidelidade tenaz, de serenidade interior, de serviço desinteressado, de dedicação das melhores energias⁶⁴.

Para o consagrado(a), o modelo de obediência é o próprio Jesus de Nazaré, que, mesmo na Paixão, pediu a Deus para cumprir sua vontade de Pai, e não deu as costas à morte de cruz⁶⁵.

⁶² SORRENTINO, Francesco. “*Em que posso servir?*”? O serviço testemunhal de Dom Luciano Mendes de Almeida. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 18-20.

⁶³ FRANCISCO, Papa. Primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco. Disponível em: <[http://br.radiovaticana.va/storico/2013/11/26/primeira_exorta%
c3%a7%c3%a3o_apost%c3%b3lica_do_papa_francisco/bra-750057](http://br.radiovaticana.va/storico/2013/11/26/primeira_exorta%c3%a7%c3%a3o_apost%c3%b3lica_do_papa_francisco/bra-750057)>. Acesso em 19 set. 2017.

⁶⁴ CIVCSVA. *Instrução o serviço da autoridade e a obediência*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 52-53.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 62.

4.1.5 Obediência na Vida Religiosa Consagrada

Neste sentido, a vida consagrada apresenta-se como um estilo de vida que possibilita este espaço de doação a serviço de tantos irmãos e irmãs necessitados. Homens e mulheres que se dedicam em prol do bem, da justiça e da paz, através do serviço solidário.

Com os votos de pobreza, castidade e obediência, comprometem-se a viver e seguir a Cristo casto, pobre e obediente, consagrando-se, totalmente, a Deus⁶⁶. Assim, assumem a missão de ser no mundo testemunhas do Amor de Deus, servindo os mais necessitados, os despossuídos que gritam por vida digna e justa.

Detenhamo-nos sobre a obediência, e como ela é vivida e assumida na vida consagrada.

Afirma Kearns:

A obediência religiosa na sua dinâmica e no seu dinamismo interior é a consagração total a Deus da própria vontade que causa comunhão com a vontade salvífica do Pai, em imitação de Cristo Servo Sofredor⁶⁷.

A vida torna-se dom de amor, para todos, especialmente, para os que mais precisam. Não se pode mais deter-se, pois o convite a se fazer ao largo impulsiona a lançar as redes (cf. Lc 5,5). É hora de partir, ir para a outra margem, recriar a vida, gastar os talentos para ver crescer o Reino (cf. Mc 4,35). O que cada um possui é para servir, para gerar mais vida, para proclamar o amor misericordioso de Deus.

O voto de obediência, em sua peculiaridade, quer ser um modo de adesão a Deus, na liberdade de filhos e filhas no Filho Jesus (cf. Gl 3,25-26), o obediente por excelência. Na vida consagrada, o voto de obediência é dom de Deus para se realizar a sua vontade, em todo tempo e lugar. Todavia, quando se fala de voto de obediência, abarca-se a vida toda do consagrado, pois a obediência a Deus tem em vista assumir uma missão. É a missão de amar e servir, de doar-se pelo bem de outrem!

Assim afirma João Paulo II:

[...] quem obedece tem a garantia de estar verdadeiramente em missão no seguimento do Senhor, e não ao sabor dos desejos pessoais ou das próprias aspirações. E, assim, é possível considerar-se guiado pelo Espírito do Senhor e sustentado, mesmo no meio de grandes dificuldades, pela sua mão segura (cf. At 20,22s)⁶⁸.

⁶⁶ KEARNS, *A teologia da vida consagrada*, p. 193-194

⁶⁷ KEARNS, *A teologia da vida consagrada*, p. 193-194.

⁶⁸ JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós sinodal Vita Consecrata*: sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1996, p. 138.

A obediência levou Gaetana a abandonar o seu íntimo desejo de ir para um claustro para assumir o Ricovero como o seu “claustro”⁶⁹. Assim acontece com cada consagrado que deseja responder verdadeiramente o chamado de Deus, dedicando-se ao seu projeto de amor. Sua vontade se une à vontade do Pai.

Com o conselho evangélico da obediência, acolhemos em nossa vida a missão salvífica de Jesus e, com Ele, nos colocamos a serviço da Igreja para o anúncio do Evangelho⁷⁰.

A cada passo dado, a vida vai se tornando dádiva e o religioso(a) vai compreendendo: “Já não pertença mais a mim mesmo”. E, com Paulo, pode dizer: “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*” (cf. Gl 20,2).

Essa compreensão dá um sentido novo à própria existência, os apegos tornam-se fúteis e a vida ganha novo sabor e cor. A consciência de que a vida é um fluir para o alto dá uma tônica harmônica e empreendedora a um projeto que não termina em mim, mas tende para o Outro, o totalmente Outro.

Nesta perspectiva, Gaetana compreende que os desígnios de Deus são para sempre. Por isso, “*segue aquela bússola interna de estar lá onde Deus a quer*”⁷¹.

E aí, a vida consagrada é sempre missionária, sempre totalidade, sempre comunhão. A vida consagrada está a serviço do Pai⁷².

Neste sentido, Gaetana compreendeu a missão recebida junto aos mais necessitados de sua época e se desdobrou em cuidados para o bem de todos.

A Igreja olha com admiração e reconhecimento para tantas pessoas consagradas que, assistindo os doentes e atribulados, contribuem de modo significativo para a sua missão. Elas continuam o ministério de misericórdia de Cristo, que passou (...) fazendo o bem e curando a todos⁷³” (cf. At 10,38).

A vida se torna serviço para o bem comum, anseio de vida para todos, e correspondência de amor ao Divino querer. Mãos que se doam e corações que se abrem ao amor. Portanto, na vida consagrada, a obediência leva-nos a um desprendimento, a uma vida que se faz serviço, num caminho gradual e progressivo de entrega.

⁶⁹ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 149.

⁷⁰ PUNTEL; BESTTETI; PRATILLO, *Os conselhos evangélicos na ótica da comunicação*, p.147.

⁷¹ MONTONATI, Angelo. *E la donna disse: “Dio vuole così”*: Gaetana Sterni, fondatrice delle Figlie della Divina Volontà. Torino: San Paolo, 1999, p. 9.

⁷² SIMÕES, Neusa Quirino. “*Em nome de Jesus*” passou fazendo o bem... *Lembranças de Dom Luciano Mendes de Almeida*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 93.

⁷³ JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós sinodal Vita Consecrata*: sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1996, p. 129.

Gaetana era uma mulher que estava para além da sua época, tinha o olhar voltado para o futuro, e o coração enraizado em Deus e a mão estendida para o irmão e irmã necessitados, sabia acolher os sinais dos tempos. A percepção desta mulher faz-nos entrever que estava atenta a tudo e a todos.

Contemplando sua vida, constatamos que sua maneira de viver atraía e envolvia as pessoas, pelo modo simples e cativante com que viveu o cotidiano, com profundidade e interioridade. Gaetana não viveu na superficialidade da vida, mas adentrou o mais profundo das situações e, ali, colheu o bem e o belo que Deus realiza.

Uma mulher que soube olhar os acontecimentos com os olhos de Deus. Como ela mesma afirma: “*Fui um frágil instrumento do qual Deus se serviu*”⁷⁴. Não viveu uma obediência cega, mas soube, ainda que nas vicissitudes da vida, contemplar a ação da graça divina que moldava sua maneira de ser e de viver.

Esta é uma espiritualidade para os nossos dias porque, de fato, podemos perceber, ao nos aproximar dos seus escritos, que, no ordinário da vida, Gaetana viveu com perseverança e empenho a vontade de Deus, descobrindo, nas pequenas coisas, seu querer amoroso.

Foi uma pessoa que obedeceu ao Senhor, buscando comprazê-lo em tudo que fosse possível, *uma mulher no coração de Deus*⁷⁵. Sentia servir a Deus, quando servia os irmãos e irmãs mais necessitados. Na escuta constante da Palavra, aprendeu a colocar em prática os ensinamentos do Senhor, com misericórdia e compaixão, ao meditar no coração e depois tornou dom a Palavra ouvida.

Como diz Jesus de Nazaré: *Todo aquele que ouve a minha Palavra e a põe em prática é meu irmão, minha irmã e minha mãe* (Mt 12,50). Nesta perspectiva, Gaetana soube entrar na família de Jesus, praticando a Palavra ouvida e realizando a vontade de Deus com simplicidade, responsabilidade e muito amor, partindo sempre de Cristo.

Fazer a vontade de Deus era o seu maior prazer. Era a bússola que a conduzia, para que, mais perfeitamente, e, passo a passo, fosse se concretizando o querer de Deus em sua vida⁷⁶.

Conclusão

O reconhecimento de que é preciso uma transformação interior é o primeiro passo para se iniciar uma nova vida onde nossas seguranças tomam nova forma. Passo que só pode ser

⁷⁴ STERNI, Mística Cotidiana, p. 424.

⁷⁵ Título do livro de BARRA, Giovanni. *Una donna nel cuore di Dio. Madre Gaetana Sterni fondatrice delle suore della Divina Volontà*. Torino: Piero Gribaudi, 1973.

⁷⁶ MONTONATI, *E la donna disse: “Dio vuole così”*, p. 5.

dado, partindo-se do encontro pessoal com Jesus. Uma vida de interioridade e reflexividade que nos lança ao encontro do outro e nos faz servidores do Reino.

Jesus servo desprendido de tudo e de todos e, ao mesmo tempo, amante da vida é o modelo de encontro e de entrega, pois amar e servir são o centro de sua existência. Olhando para Jesus, seremos capazes de viver o verdadeiro amor e o serviço ao próximo necessitado e, assim, realizar a vontade do Pai.

Neste sentido, Gaetana procurou pautar sua vida, respondendo com amor os apelos vindos das situações concretas do cotidiano. Assim, foi capaz de servir àqueles que Jesus colocou em sua vida, com fraterno amor. Vivendo o amor afetivo e efetivo.

Ela soube viver com alegria e confiança o desapego de si mesma e das coisas, para se fazer dom, servindo e amando a todos os internos do Ricovero e os doentes a domicílio, os quais assistia na cidade de Bassano Del Grappa⁷⁷.

O amor fez com que sua vida se tornasse, cada dia, dom para os outros, a fim de que, aqueles(as) a quem dedicava tempo e solidariedade, pudessem viver com dignidade.

A obediência a Deus a impulsiona a fazer-se oferta e oblação para quem precisasse de ajuda e auxílio. Não media esforços para fazer o bem! Aprendeu de Jesus servo a fazer da vida serviço, entrega de amor, seguindo o exemplo dele que passou pelo mundo fazendo o bem (cf. Mc 7,37; At 10,38).

Neste sentido, a obediência como serviço aos empobrecidos e marginalizados será um modo de ser e de estar a serviço da vida e do amor, seguindo, assim, as pegadas do Mestre Jesus. Então, a missão ganha sentido e a vida se torna dom.

Para a vida religiosa, viver o voto de obediência é saber-se amado e amada por Aquele que chama e envia para assumir, com Ele, a missão. É saber sair da letra para viver o espírito do voto, na liberdade e na responsabilidade de quem entendeu que a vida só tem sentido quando partilhada e comungada com outrem.

Gaetana foi compreendendo sua missão e, sempre mais, fazia oferta de si para o bem daqueles que mais necessitavam⁷⁸. Assim, viver o voto de obediência para ela foi um modo de corresponder, sempre mais perfeitamente, a Deus no serviço aos irmãos e irmãs, buscando em tudo realizar a Divina Vontade.

⁷⁷ STERNI, *mística Cotidiana*, p. 173.

⁷⁸ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 169.

Fez da sua vida dom de amor, sem reservas, procurando ser aquilo que Deus lhe pedia, em cada circunstância da vida. De tal modo, soube levar uma vida ordinária com espírito extraordinário, afirma João Paulo II⁷⁹.

⁷⁹ JOÃO PAULO II, Papa. Solene rito de Beatificação de oito Servos de Deus. Homilia do Papa João Paulo II. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20011104_beatification.pdf. Acesso em 30 set. 2017.

CONCLUSÃO FINAL

Ao término deste aprofundamento do tema *A obediência à vontade do Pai*, destacando, sobretudo, a questão da obediência, não com o intuito de exauri-la, mas aprofundar e difundir a espiritualidade vivida por Madre Gaetana Sterni, através do seguimento da pessoa de Jesus, como uma proposta para todo cristão que deseja responder com a própria vida aos desígnios do Senhor, é possível estabelecer algumas balizas que sintetizam os esforços desta pesquisa.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que Gaetana Sterni foi impulsionada na vivência da obediência à vontade de Deus, espelhando-se em Jesus Cristo, o servo por excelência. Depois, teve como exemplo de vida São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal, a quem escolheu como patronos da Congregação e encarnou alguns elementos de sua espiritualidade no carisma da congregação Irmãs da Divina Vontade.

Portanto, este breve estudo da vida de Gaetana é uma contribuição para a espiritualidade. No entanto, não abarca o todo do seu itinerário espiritual. Dispusemo-nos, apenas, a aprofundar algumas nuances que sentimos poderem contribuir para uma vida segundo a vontade de Deus, tendo Jesus servo obediente como modelo.

Creemos que o patrimônio espiritual de Madre Gaetana pode contribuir para uma prática que nos leve sempre mais para Deus, para fazermos a sua vontade no serviço aos mais necessitados. Foi uma aventura impressionante e um processo gradual de aprendizagem naquilo que concerne ao caminho da obediência cristã.

Gaetana, através de seu estilo de vida, atualiza em nós a necessidade de viver a obediência com desprendimento, colocando-nos, com generosidade, a serviço daqueles que estão, hoje, à margem da sociedade; interpela-nos a não fechar os olhos para esta realidade gritante em nosso tempo e sempre nos pôr a caminho.

Não se pode descurar os sinais dos tempos, numa vida egoísta, vã e fútil. É necessário uma abertura para os valores cristãos para se pautar a vida na ótica do seguimento obediente.

Obedecer é uma questão atual, que toca a realidade humana, tão aquém dos valores da escuta que gera vida, comprometimento e busca do bem comum. Muitos vivem de forma desordenada por achar que obedecer é “um despropósito”. Enganam-se e caem numa dinâmica egoísta do “posso tudo, quando quero e como quero”. Esquecem-se de que vivem em comunidade de irmãos e irmãs, pertencentes a uma mesma família. A família de Deus! Seu modo de viver revela sua condição, manifesta o seu modo de lidar com a vida e de valorizar o outro ou, pelo contrário, de menosprezá-lo, e enredá-los no consumo desenfreado que exclui e banaliza a vida humana, que torna tudo descartável.

Gaetana Sterni, na simplicidade, deixa para nós um exemplo eloquente de uma vida que tende para o outro, numa constante saída de si, no desapego de seus interesses para se doar permanentemente ao próximo.

Ao nos deparar com a grandeza do coração de Gaetana, que não mede esforços para se lançar na aventura do dar-se, sentimo-nos mergulhar numa experiência mística que cala no coração e desperta para a ação. Foi uma pessoa de profunda interioridade que soube cultivar a oração, valor transmitido pela família, que sabia encontrar tempo para infundir nos filhos o tesouro que não passa (Mt 6,19). Assim, em sua vida, mesmo em meio aos afazeres cotidianos, Gaetana encontrava tempo para estar com Deus e elevar a Ele o seu coração. Deixou-se preencher da graça Divina; por isso, podia levar Deus aos outros. Uma pessoa grata a Deus, que reconhece tudo como trabalho de sua obra divina infundida em seu coração. Mesmo nos momentos mais dolorosos, soube elevar a Deus sua oração de gratidão, de reconhecimento pela bondade do Senhor.

Com efeito, no primeiro capítulo discorremos sobre Jesus servo, para depois, ao longo do trabalho, colher os elementos com que Gaetana, na experiência de encontro com Jesus, foi, aos poucos, deixando-se moldar para ser, a cada dia, segundo o coração de Deus em obediência e vontade. Conformer-se a Cristo foi o desejo de seu coração, o que em sua caminhada, cada dia, foi-se dando numa dinâmica de escuta atenta ao querer de Deus e num contínuo despojar-se do seu amor próprio, para que a vida de Deus a fizesse, sempre mais, para servir e amar.

Com efeito, Jesus verdadeiro homem e verdadeiro Deus, ensina que só quem ama de verdade é capaz de dar a vida. A lógica do amor não tem medida. É dom gratuito e incondicional. Assim, Jesus viveu amando até o fim e o mesmo ensinou aos seus seguidores. Da sua vida fez-se entrega, desprendida de tudo e de todos para que a humanidade ferida tivesse vida plena.

Mt 10,28 diz: “Não tenham medo daqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma”. Este trecho ajuda a perceber que Jesus nos ensina que somente Ele pode nos conduzir naquilo que é verdadeiro e bom. O caminho que conduz à vida é o da entrega por uma causa que nos faz sair do nosso mundo para estar em plena comunhão com o irmão e irmã.

Portanto, os seguidores(as) de Jesus devem fazer da sua vida possibilidade para que o outro(a) conheça e abrace o caminho gerador de vida e de esperança no mundo, contribuindo para o crescimento do Reino. Ser diferente de tudo que a sociedade impõe como dimensão de poder e serviço opressor, o verdadeiro poder é aquele que é usado para servir no amor. Ir na contramão do mundo hodierno eis o grande desafio dos discípulos e discípulas de Jesus.

Entretanto, só um testemunho autêntico pode ajudar na vivência radical da entrega e doação por um mundo justo e fraterno.

Ao contemplar Jesus servo, constatamos que sua vida foi de total desapego dos bens materiais, total desprendimento. “O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,28). Uma vida doada a Deus e ao Reino!

O reconhecimento de que é preciso uma transformação interior é o primeiro passo para se iniciar uma nova vida em que as seguranças do passado tomam nova forma, passo que só pode ser dado partindo-se do encontro pessoal com Jesus. Uma vida de interioridade e reflexão, que leva ao encontro do outro como servidores do Reino.

Jesus, servo desprendido de tudo e de todos, e, ao mesmo tempo, amante da vida, é o modelo de encontro e de entrega. Amar e servir são o centro de sua existência! Tendo o olhar fixo em Jesus, será possível viver o verdadeiro amor e serviço a nosso próximo necessitado e, assim, realizar a vontade do Pai (Hb 12, 2).

O caminho, delineado ao longo deste trabalho, permite-nos concluir que, quando falamos de Jesus, evidentemente, não conseguimos abarcar a totalidade de sua pessoa. E, mesmo no aspecto da sua pessoa o qual nos propusemos trabalhar, percebemos que não conseguimos abranger e esgotar a temática. Conscientes dessa limitação, ficamos com a sensação de que nosso trabalho foi uma aventura que fez emergir e aguçar o desejo de caminhar segundo a lógica de Jesus servo obediente à vontade de Deus à maneira de madre Gaetana Sterni.

Portanto, falar de Jesus, Servo Obediente, desafia-nos a uma mudança constante de atitude acerca do que parece preestabelecido no âmbito pessoal e comunitário. Suas palavras, gestos e atitudes permeadas de amor e de doação questionam o comportamento de quem o segue e que, de alguma maneira, se depara com uma “vida inerte”, que leva ao comodismo e impede de olhar para o futuro com esperança.

A exortação que Jesus fez aos seus discípulos continua atual: “Eu vos dei o exemplo... O servo não é maior que o Mestre” (Jo 13,15s), “Estou no vosso meio como quem serve” (Lc 22,27). Não podemos esquecer que o compromisso assumido é para sempre.

Nesta perspectiva, Gaetana compreende que a vida é missão, para ser colocada a serviço, em sintonia com o projeto de amor de Deus⁸⁰.

⁸⁰ Título do livro de MOSCONI, Luis. *A vida é missão: missiologia mística popular*. Belém: Marques, 2012.

Com efeito, a opção de Jesus pelos excluídos da sociedade, foi para servir e amar aqueles a quem ninguém amava. Do mesmo modo, seus seguidores(as) não podem fazer menos, sua vida deve tornar-se oferta e oblação.

Ao assumir a missão no Ricovero, Gaetana opta pelos excluídos de sua época e dedica amor e carinho para o bem de cada um, une a sua vida e missão à vida e missão do Mestre Jesus⁸¹.

A grandeza de caráter e a atitude de servir com amor já gratificam quem as têm. É o amor com que se realiza as coisas que dá a tônica para o nosso existir. Portanto, conformar a nossa vida à maneira de Jesus nos torna sempre mais capazes de amar e de doar o que somos e temos.

Se servir é amar, a renovação deste amor deve ser diária, porque, todos os dias, precisamos ter atitude de saída de nós mesmos para irmos ao encontro do outro, gastar o nosso tempo, a nossa vida, a exemplo do mestre Jesus.

Olhando para Jesus, que tudo entregou por amor da humanidade, o discípulo abrasado de amor, anuncia o evangelho da alegria e da esperança e torna-se com Jesus, sinal de esperança e de vida e, assim, assume com entusiasmo a missão, mesmo em face aos desafios e lança-se na busca da justiça e do direito para que todos tenham vida.

A presença de Gaetana no Ricovero de Bassano Del Grappa tornou-se sinal de alegria e confiança para os asilados de que teriam assegurados seus direitos e sua dignidade⁸².

Sendo Deus, Jesus não se apegou à sua condição divina, mas se humilhou e se entregou ao bom Deus (Fl 2,6-8). Quis compartilhar nossas alegrias e nossas dores, ensinando-nos a ser verdadeiramente humanos. Portanto, somos, por Jesus, convidados a entre nós nos compadecermos e nos ajudarmos. Ele, que por todos se entregou, pede de nós um caminho de entrega constante.

No Ricovero, Gaetana precisou esvaziar-se para deixar-se preencher com o amor de Deus, para realizar sua missão. Abandonou todo e qualquer sentimento, até mesmo, o de não aceitação, para que pudesse realizar, com amor, a missão a ela confiada. Foi compreendendo a lógica de Jesus e, por isso, foi capaz de viver a compaixão e o amor ao próximo. Deixou-se tocar pelo Senhor da vida e, assim, assumiu com empenho a missão de ser sinal de comunhão e de amor entre os mais necessitados. Deixou-se transfigurar por Deus, a ponto de as pessoas, ao vê-la, lhe dizerem, que era nascida e feita para o Ricovero⁸³.

⁸¹ STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 175.

⁸² STERNI, *Mística Cotidiana*, p. 174.

⁸³ STERNI, *Mística cotidiana*, p. 175.

Com efeito, entre irmãos deve reinar a dimensão da partilha e da comunhão, para que a ninguém seja negado o direito aos bens necessários para a própria sobrevivência e vida digna. Por isso, o seguimento da pessoa de Jesus é compromisso com a causa que Ele abraçou, servindo e amando até o fim.

REFERÊNCIAS

Obras gerais:

ARNOLD, Simón Pedro. *Adónde vamos? Una teología de la vida consagrada para un tiempo de crisis y esperanza*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BALLESTRERO, Anastasio. *Vita consacrata dono di redenzione*. Leumann (To): ElleDiCi, 1985.

BARBOSA, Francisco de Barros. *A Experiência do Cristo Servo “na América latina: uma cristologia de serviço e seguimento: modalidade do Cristo Servo*. São Paulo: Loyola, 2003.

BARGELLINI, Emanuele. *Nas pegadas do Reino: proposta de um itinerário espiritual*. São Paulo: Paulinas, 1999.

BARNAY, Sylvie. A renovação da teologia e do culto marianos. In: CORBAIN, Alain (org.). *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BARRA, Giovanni. *Una donna nel cuore di Dio*. Torino: Piero Gribaudi, 1973.

BAUER, Johannes B. *Dicionário de teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, 1973, v. 2.

BENNER, David G. *A entrega total ao amor: descobrindo a essência da espiritualidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Desejar a vontade de Deus: alinhando nossos corações ao coração do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2011.

BENKE, Christoph. *Breve história da espiritualidade cristã*. Aparecida: Santuário, 2011.

BERENGO, Marino. *L'agricoltura veneta dalla caduta della Repubblica all'Unità*. Milano: Banca Commerciale, 1963.

BERGER, Klaus. *Para que Jesus Morreu na Cruz?* São Paulo: Loyola, 2005.

BERTI, G. *Otto e Novecento*, in *Storia di Bassano*. Bassano Del Grappa: [s.n.], 1980. p.123-131.

_____. *Censure e Circolazion delle idee nel Veneto della Restaurazione*. Venezia: [s.n.], 1989, p. 323-380.

_____. *Storia de Bassano/ Le città nelle Venezie dall'Unità ai nostri giorni*, Padova: [s.n.], 1993.

BINGEMER, Maria Clara. *Jesus Cristo: servo de Deus e Messias Glorioso: Cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BORRIELLO, Luigi. CROCE, Giovanna Della. SECONDIN, Bruno. *La spiritualità cristiana nell'età contemporânea*. Roma: Borla, 1985, v. 6.

BORN, Den Van A. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BREUNING, Wilhelm. *Jesus Cristo, o Salvador*. São Paulo: Loyola, 1972.

BULTMANN, Rudolf. *Jesus*. São Paulo: Teológica, 2005.

BJ = BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CABARRÚS, Carlos Rafael. *Seduzidos pelo Deus dos pobres: Os votos religiosos a partir da justiça que brota da fé*. São Paulo: Loyola, 1999.

CABRA, Pier Giordano. *Com toda a alma: meditações sobre a obediência*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. *Con tutta l'anima: meditazione sulla obediência*. Brescia: Queriniana, 1984.

_____. *Breve curso sobre a vida consagrada: Tópicos de teologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 2006.

CALIARO, Luís. *Mulher Forte: Gaetana Sterni Fundadora das Irmãs da Divina Vontade*. São Paulo: Indústria Gráfica Bentivegna, 1969.

CALIMAN, Cleto. Autoridade e obediência na vida religiosa: elementos de interpretação. In CRB: dez anos de teologia. Rio de Janeiro: CRB, 1982, p. 189-205.

CASALDÁLIGA, P. VIGIL, M.J. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CANTALAMESSA, Raniero. *Obediência*, São Paulo: Loyola, 1996.

CELAM. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado*.

CIVCSVA [CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA]. *Contemplai "Mostra-me, ó Amor de minha alma."* (Ct 1,7) Aos consagrados e às consagradas sobre os sinais da beleza. São Paulo: Paulinas, 2016.

CIVCSVA [CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA]. *Instrução o serviço da autoridade e a obediência*. São Paulo: Paulinas, 2008.

COLOMBERO, Giuseppe. *Dalle parole al dialogo: aspetti psicologici della comunicazione interpersonale*. Milano: San Paolo, 1988.

CONGAR, Yves. *Jesus Cristo*. Lisboa: União gráfica, 1969.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA VIDA RELIGIOSA, *Paixão por Cristo Paixão pela humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CORBAIN, Alain (org.). *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COSTA, Valeriano Santos. *Vida Cristã: a existência no amor*. São Paulo: Paulinas, 2003o.

- CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- _____. *Cristología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1998.
- CUTTAZ, F. *O amor de Deus mística e prática*. São Paulo: Paulinas, 1963.
- DOYON, P. Jacques. *Cristologia para o nosso tempo*. São Paulo: Paulinas, 1970.
- DUQUOC, Christian. *Cristologia ensaio dogmático II. O Messias*. São Paulo: Loyola 1980.
- _____. *Cristologia ensaio dogmático. Sobre Jesus de Nazaret El Mesias*. España: Salamanca. 1981.
- _____. *Cristologia. Ensaio Dogmático I. O homem Jesus*, São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Cristologia a partir da América Latina. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- FRANCISCO, Papa. Combater as várias expressões da cultura do descarte nas ciências. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/01/28/papa_combater_cultura_do_descarte_que_tem_v%C3%A1rias_express%C3%B5es/1204352>. Acesso 05 set. 2017.
- _____. Discurso do Papa Francisco, aos Bispos, sacerdotes, consagrados, consagradas, seminaristas, famílias, colombianos!
- Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2017/09/10/papa_aos_consagrados_-_texto_integral/1335883>. Acesso em: 13 set. 2017.
- FREIRE, Carlos Escudero. *Jesús y el poder religioso: el evangelio y la liberación de los oprimidos*. Madrid: Nueva Utopía, 2003.
- FURLANI, Maria Aparecida. *Jesus, o Messias na Condição de Servo*. Belo Horizonte: CES, 2001. (Dissertação de Mestrado).
- GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- _____. *Espiritualidade da Evangelização segundo as bem aventuranças*, São Paulo: Paulinas, 1980.
- GALLEGO, Andrés. *El seguimiento de Jesús en la cristología de Jon Sobrino*. Lima: CEP, 1991.
- GARCIA RUBIO, Alfonso. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- GASPARETTO, Antonio. O Contexto Histórico da Encíclica *Mirari Vos*. Revista *Estudos Filosóficos*, n. 3, DFIME – UFSJ, São João del-Rei-MG, p. 43-56, 2009.
- GIRARDI, Giuseppe Oliviero. *Sussidio di riflessione con le suore della Divina Volontà*, Bassano Del Grappa: [s.n.], 1980.
- GOFFI, Tullo. *Obediência e liberdade pessoal*. São Paulo: Paulinas, 1970.

GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La Humanidad Nueva: ensayo de Cristologia*. Barcelona: Sal Terrae 1984.

GUTIÉRREZ, G. *Opção pelos pobres: avaliação e desafios*. Itaici-Revista de Espiritualidade Inaciana, v.7, n.25, set. 2006, p. 36.

IRMÃS DA DIVINA VONTADE. *Constituições*. São Paulo: Salesiana, 1985.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica pós-sinodal vida consecrata: sobre a vida religiosa e a sua missão na Igreja e no mundo*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Solene rito de Beatificação de oito Servos de Deus. Homilia do Papa João Paulo II. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20011104_beatification.pdf. Acesso em 30 set. 2017.

KEARNS, Lourenço. *A teologia da vida consagrada*. Aparecida: Santuário, 1999.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*, São Paulo: Martin Claret, 2001.

LÉON-DUFOUR, X., DUPLACY, Jean. GEORGE, Augustin. GRELOT, Pierre. Quillet, Jacques. LACAN, Marc-François, Verbete, pobreza. *Dizionario di Teologia Bíblica*, Marietti, 1976.

LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Tradução de Simão Voigt. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LIBANIO. João Batista. *Obediência na liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1995.

LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e Símbolos Bíblicos*. São Paulo: Paulinas, 1993

MACKENZIE L. J. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.

MARTINA, Giacomo. *La Iglesia, de Lutero a nuestros dias: epoca do liberalismo*. Madrid: Cristand, 1974, v.3, p. 256.

MARTINEZ DIEZ, Felicíssimo. *Crer em Jesus Cristo, viver como cristão: cristologia e seguimento*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007.

MATÁS GARCÍA, Maria Ascensión. *La obediencia como consejo evangélico en la vida consagrada*. Veritas, Valparaíso, set. 2013, n.29, pp.219-249. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-92732013000200010#aC:são>. Acesso: 15/03/2017.

MAZZOLINI, Sandra. *Secondo il volere di Dio: itinerario spirituale di Gaetana Sterni*. Roma: Città Nuova, 2005.

MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2002.

MONTONATI, Angelo. *E la donna disse: "Dio vuole così"*. Gaetana Sterni, fondatrice delle Suore della Divina Volontà. Milano: San Paolo, 1999.

- NAPOLEONE a Bassano, Iconografia e testimonianze dal 1796 al 1813. Bassano Del Grappa: [s.n.], 1997.
- NOLAN, Albert. *Jesus Hoje: Uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- OLIVEIRA, José Lisboa M. *Viver os votos em tempos de pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 2001.
- PACOMIO, Luciano. *Jesus. Os 37 anos que, há vinte séculos, mudaram o sentido da história e nossos destinos*. São Paulo: Loyola, 1999.
- PAREDES, José García Cristo Rey. *Teología da la vida religiosa*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000.
- PUNTELL, Joana T. BESTTETI, A. PRATILLO, F. *Os conselhos evangélicos na ótica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- RECH, Helena T. *As duas faces de uma única paixão: uma reflexão sobre a experiência cristã de Deus e suas consequências para a vida consagrada na América Latina e caribe*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- RODRÍGUES, Francisco Martín. *Jesus relato histórico de Deus: Cristologia para viver e rezar*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- ROSSI, Leandro; VALSECCHI, Ambrogio. *Diccionario Enciclopedico de Teologia Moral*. Madrid: Paulinas, 1973.
- RUFFIER, Paulo. *A vontade de Deus*. São Paulo: Loyola, 1986.
- RUPPERT, Lothar. *O servo de Deus sofredor*. *Concilium*, Petrópolis, n. 119, p.47-54.
- RUST, Leandro Duarte. “Ecos de Pio IX”: política e historiografia oitocentistas na criação de um estado pontifício para a Idade Média. *História Unisinos*, v. 16, n. 1, p. 130-138, Jan./Abr. 2012.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- SCHERER, Odilo Pedro. “*Justo sofredor*”: Uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo. São Paulo: Loyola, 1995.
- SCHOONENBERG, P. “*Aniquilou-se a si mesmo*” (Fl. 2,7). *Concilium*, Petrópolis, n. 1, p. 42-58, jan., 1996.
- SECONDIN, Bruno. *Por uma fidelidade criativa: a vida consagrada depois do sínodo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SESBOÜÉ, Bernard. *Jesucristo el único mediador: ensayo sobre la redención y la salvacion*. Tomo II. Salamanca: Koinonia, 1993.

SESBOÛE, Bernard; THEOBALD, Christoph. *A palavra da salvação* (séculos XVIII-XX). São Paulo: Loyola, 2006, v. 4.

SIGNORI, F. *L' economia di Bassano dalle origini ad oggi*, in *Storia di Bassano*. Bassano del Grappa: Grafiche Gabbiano, 1980.

_____. *Memorie Spirituali Cenni Storico Culturali e profili Biografici di Franco Signori*. Bassano Del Grappa: Grafiche Gabbiano, 2001.

SMULDERS, Piet. *Desarrollo de la cristologia en la história de los dogmas y en el magisterio eclesiástico*. Madrid: Cristiandad, 1971. (Mysterium Salutis, 3, 1).

_____. *A visão de Teilhard de Chardin: ensaio de reflexão teológica*. Petrópolis: Vozes, 1969.

SOARES, Afonso M. L. *Dialogando com Juan Luis Segundo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador I: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes. 1983.

SOUZA, Milred Daisy Miguel. *Santa Bakhita a escrava de Deus*. São Paulo: Loyola, 1999.

SUMMARIUM de vita virtutibus signis et fama sanctitatis servae dei Caietanae Sterni, estrato dalla sacra Congregazione p ele cause dei santi. Roma, [s.n.], 1985.

SUORE DELLA DIVINA VOLONTÀ. *Elementi di doutrina spirituale della Congregazione*. Bassano Del Grappa, [s.n.], 1978-1984, v. 1-3.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A espiritualidade do seguimento*. São Paulo: Paulinas, 1994.

STERNI, Gaetana. *Autobiografia: Fondatrici delle Suore della Divina Volontà*. (Pro manoscrito).

_____. *Scritti: Fondatrici delle Suore della Divina Volontà*. (Pro manoscrito), Vicenza: Tipolitografia I.S.G., 1984.

_____. *Mística cotidiana: autobiografia (1864-1889)*. São Paulo: [s.n.], 2011.

VICENTINA beatificationis et canonizationis servae Dei Caietanae Sterni fundatricis Sororum a Divina Voluntate: positio super virtutibus. Romae: [s.n.], 1985. (Sacra Congregatio pro causis sanctorum. Officium storicum, 126).

VILLA NOVA, E. *História de la teologia cristiana*. Barcelona: Herder, 1992, v.3.

_____. *I problemi dell'amministrazione austriaca nel Lombardo-Veneto*, Conegliano: [s.n.], 1981.

WENZEL, Joana Maria. *No meio do mundo: um apelo à santidade: diretório espiritual de São Francisco de Sales*. São Paulo: Loyola, 1989.

ZALIN, Giovanni. *Aspetti e problemi dell'economia veneta dalla caduta della Repubblica all'anessione*. Vicenza: [s.n.], 1969.

Sites:

Mapa da Itália dividida. Imagem disponível em:

<<https://jcmontteiro.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos-europa-no-seculo-xix/mapa-da-italia-dividida-jpg/>>. Acesso em 1 abr. 2018.